



**O
AMOR
DA
SABEDORIA
ETERNA**

S. LUÍS DE MONTFORT

O AMOR DA SABEDORIA ETERNA

Explicação das figuras da capa:

Temos, em cima, o quadro da Trindade Santíssima, que é uma ÍCONE de ROUBLEV, Rússia séc. XV.

Representa a Trindade, reunida em conselho, donde sairá a decisão (decreto) da Redenção da humanidade (ASE 42;104).

Temos a seguir, por baixo, o divino Crucificado, pintura de SALVADOR DALI.

É a consequência lógica do quadro da reunião da Trindade, onde dá a impressão de se ouvir:

— «E quem haveremos de enviar? Quem irá por nós?»

E eis que uma voz se levantou, dizendo:

— «Eis-me aqui! Envia-me a Mim» (Is 6,8).

E Jesus Cristo, a Sabedoria divina, fez-se Homem para salvar o homem, morrendo na Cruz.

O AMOR DA SABEDORIA ETERNA

Título original:
«L'AMOUR DE LA SAGESSE ÉTERNELLE»

Tradução para a língua portuguesa a cargo dos Missionários Monfortinos. Para esta tradução do original francês apoiámo-nos também na versão em espanhol, publicada no Peru em 1988, e ainda no mesmo livro, em língua italiana, edição também de 1988, donde, aliás, extraímos as notas.

O AMOR
DA SABEDORIA ETERNA

Com aprovação dos Superiores

Edições Monfortinas

CENTRO MARIANO MONFORTINO
Casal de Pedro, 534
4480 – JUNQUEIRA VCD

(Vila do Conde) – PORTUGAL

S. LUÍS DE MONTFORT

(1673-1716)

O AMOR DA SABEDORIA ETERNA

JUNQUEIRA (Vila do Conde) – 1995

CENTRO MARIANO MONFORTINO

Livros das Edições Monfortinas:

- O Amor da Sabedoria Eterna
- Tratado da Verdadeira Devoção à SS.^{ma} Virgem
- O Segredo de Maria
- Um Apóstolo de Maria e da Cruz
(Biografia do Santo)
- Pagelas do Rosário segundo o Método de S. Luís
e da Congregação Monfortina

O AMOR DA SABEDORIA ETERNA

Abreviaturas de obras de Montfort:

- ASE = O Amor da Sabedoria Eterna
 VD = Tratado da Verdadeira Devoção à SS.^{ma} Virgem
 SM = O Segredo de Maria
 OA = Oração Abrasada
 C = Cartas de S. Luís de Montfort
 CT = Cânticos
 OC = Obras Completas, S. Luís de Montfort

O AMOR DA SABEDORIA ETERNA
(Plano Global)

	N. ^{os}	
	1 - 2	ORAÇÃO
	3 - 7	Recomendações SAB 6 (observações)
I Conhecimento	8 - 12	Nobre, doce, útil
	13 - 14	Definição, plano
II Origem	15 - 19	Junto do Pai
	20 - 28	Nas almas ECLI 24
	29 - 30	(Reflexões)
III Na Criação	31 - 34	O Mundo
	35 - 40	O Homem: glória — queda
IV Antes da Encarnação	41 - 46	Decreto da Encarnação
	47	No A. T.
	48 - 51	SAB 10 (reflexões)
V Excelência	52 - 63	SAB 8 (comentário)
VI Desejos de se dar	64 - 69	PROV 8 SAB 6
	70 - 71	Encarnação, morte, eucaristia
	72 - 73	Ingratidão, conclusão
VII Eleição	74 - 83	Sabedoria do mundo
	84 - 88	Sabedoria natural
VIII Efeitos	90 - 103	

IX Encarnação e Vida	104 - 108	Encarnação
	109 - 116	Vida
X-XI Doçura	117 - 119	Origem, Profetas
	120 - 122	Nome, rosto, palavras
	123 - 132	Comportamento, glória
XII Oráculos	133 - 153	
XIII Sofrimentos	154	Razão para amar
	155 - 162	Paixão
	163 - 166	Amorosa
XIV Triunfo: Cruz	167 - 172	Sabedoria e a Cruz
	173 - 180	A Cruz e nós

XV Meios	181 - 183	Desejo
	184 - 193	Oração
	194 - 202	Mortificação
	203 - 222	Maria
	223 - 227	Consagração

APRESENTAÇÃO

* «E sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja...» (Mt 16,18)

E sobre este livro «O Amor da Sabedoria Eterna» — poderia ter-nos dito o seu autor — edifiquei a minha espiritualidade, a espiritualidade monfortina.

De facto, é o seu autor sobejamente conhecido, graças, sobretudo, ao seu famoso livro *Tratado da Verdadeira Devoção à SS. Virgem*. Foi nesse livro que o Papa João Paulo II descobriu o equilíbrio e a solidez da sua devoção mariana e o seu Totus Tuus. No seu livro *Atravessar o Limiar da Esperança*, diz o próprio Papa: «num primeiro tempo tinha-me parecido que deveria afastar-me um pouco da devoção mariana da infância, a favor do cristocentrismo. Graças a S. Luís Grignon de Montfort compreendi que a verdadeira devoção à Mãe de Deus é, pelo contrário, precisamente cristocêntrica; está até profundamente radicada no Mistério trinitário de Deus e nos Mistérios da Encarnação e da Redenção».

Esse livro, *O Tratado da Verdadeira Devoção*, é, pois, fundamental no caminho de santificação e eficiência apostólica na vida de qualquer cristão. Como bem refere Montfort: quem quiser colher o fruto (Jesus), terá necessariamente que agarrar e subir à árvore (Maria).

* Posto isto, somos, porém, forçados a reconhecer que é o AMOR DA SABEDORIA ETERNA a verdadeira «pedra angular» sobre a qual o autor construiu toda a sua obra, toda a sua espiritualidade. Diremos que é este livro a «coluna vertebral» de toda a obra, de todo o pensamento do autor. Este livro é, na espiritualidade monfortina: a raiz, o tronco e os ramos, e Maria as folhas e as belas flores, porém, estando também Ela na origem e crescimento de toda a árvore, em virtude da sua maternidade divina.

Só este livro nos apresenta uma ideia de conjunto da espiritualidade monfortina, e tem também o grande mérito de meter — antecipando assim o Concílio Vaticano II — *Maria, dentro da Igreja, Maria dentro e ao serviço da Redenção e do Redentor* (ASE 107).

* O tema deste livro, à primeira vista complicado, é, afinal, a própria pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo. Di-lo o Santo autor: «vou explicar com simplicidade o que é a Sabedoria antes da encarnação, durante a encarnação e depois da encarnação e quais os meios para obtê-la e conservá-la» (ASE 7).

Na sua experiência e contemplação do Verbo encarnado — a quem Montfort apelida de Sabedoria divina — o Santo fica completamente emocionado e cativado por todo o processo seguido pelo Filho de Deus no tocante à Redenção; mas Montfort contempla esse processo já desde o primeiro instante ou primeira assembleia da Trindade Santíssima onde é tomada a decisão da Redenção (cfr. quadro da capa do livro):

«E ouvi a voz do Senhor que dizia:

‘Quem hei-de enviar? Quem irá por nós?’,
ao que respondi:

Eis-me aqui, envia-me a Mim’.

E Ele disse: Vai!» (Is 6,8)

Todo este processo de amor até à loucura, como dirá S. Paulo, a favor da humanidade, e que virá a terminar na Cruz — isso é Sabedoria divina, isso é uma filosofia de vida encarnada e vivida pelo Filho de Deus e é isto que contempla e encanta Montfort. E é isto que já antes levara S. Paulo a exclamar: «*Não quis saber outra coisa entre vós a não ser Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado.*» (1 Cor 2,2)

Também Montfort, na sua vida e na sua obra não quis saber outra coisa senão Jesus Cristo e Jesus Cristo crucificado, Jesus Cristo, Sabedoria divina. E será a partir da sua experiência pessoal da Sabedoria divina que ele empreenderá o seu trabalho apostólico de toda a sua vida. Como os grandes homens da Bíblia, tal como Moisés no monte Horeb, tam-

bém Montfort viu, contemplou e extasiou-se. Só depois desceu o monte e foi para o seu trabalho apostólico animado por aquela experiência divina.

Montfort, nesta sua obra, explora a Sabedoria como pessoa, ou seja Jesus Cristo (ASE 13) e Sabedoria como dom, ou seja a comunicação de Jesus Cristo aos homens (ASE 13).

E se, a um certo momento, veremos entrar Maria na estrutura do livro (ASE 105), isso será ainda ao serviço da Sabedoria, que tudo domina. Portanto, Montfort não pode ser mais cristo-cêntrico do que aquilo que, efectivamente, é.

* Tudo leva a crer que este livro terá sido escrito nos anos 1703-1704. Foi fruto de textos aglomerados e compostos ao longo de épocas diversas, e também de conferências dadas em Paris, pelo Santo autor, a seminaristas de Poullart des Places, quando este organizava o Seminário do Espírito Santo. O autor colheu inspiração não apenas nos livros da Bíblia, sobretudo no livro da Sabedoria, mas em autores espirituais do seu tempo, tais como Saint-Jure, Nepveu, Nouet, Bonnefons e Boudon, ajuntando-lhe ainda a experiência de situações dolorosas da sua vida, onde Montfort terá tocado de perto o mistério da Cruz e aí descobrindo que é na Cruz que está contida a verdadeira sabedoria: «Só nesta amável cruz é que está contida a verdadeira sabedoria, que eu procuro noite e dia, cada vez com maior paixão» (Carta 13, Outono 1702).

* Com a publicação, em Portugal, pela primeira vez na nossa língua, desta obra de S. Luís de Montfort, fica assim colmatada uma lacuna na espiritualidade monfortina, que há muito tempo nós — Missionários Monfortinos — vínhamos sentindo.

Como dissemos, trata-se da obra-prima de Montfort, verdadeira coluna vertebral de todo o seu pensamento.

Dizia o Concílio Vaticano II:

«Está em perigo, efectivamente, o futuro do mundo, a não ser que venham a aparecer homens mais sábios» (GS 15).

Este livro tem por finalidade ajudar os homens de hoje a tornarem-se mais sábios, na linha do Evangelho e no exemplo de Montfort: com perspectivas de trabalharem a favor dos mesmos homens, mas no respeito das leis e do plano divino. Só assim o mundo deixará de correr perigo.

* Maria é, na verdade, «a Virgem fiel a Deus e aos homens», que nos preserva da perda da graça e do tesouro infinito que é a Sabedoria (ASE 222). É Maria a Árvore e a Mãe da Sabedoria e é Ela que, em virtude da sua maternidade divina — tem também o poder de A dar a quem Ela bem entender; mas «quem quiser o fruto terá de subir à árvore» (ASE 204).

Com o Tratado da Verdadeira Devoção à SS. Virgem, já publicado, e agora com o Amor da Sabedoria Eterna, fica o leitor cristão com todos os meios para uma via específica de ins-

piração cristã — uma espiritualidade ao seu alcance — que o levará mais facilmente a alcançar a árvore e colher o seu fruto: alcançar Maria e, por Ela, receber Jesus, a Sabedoria eterna e encarnada.

Terá, assim, o leitor, em suas mãos, a única Sabedoria pela qual vale a pena lutar, e que o levará à salvação.

Colocamos, pois, nas mãos da Santíssima Virgem, a Senhora de Fátima, o fruto deste nosso trabalho para que Ela o faça frutificar para a glória de Seu Filho divino, a Sabedoria encarnada, e para a santificação e salvação de todos quantos vierem a contactar de perto com esta obra.

INTRODUÇÃO

I. ORAÇÃO À SABEDORIA ETERNA

1. Ó Sabedoria divina, rainha do céu e da terra! Prostrado humildemente diante de vós, peço-vos perdão da minha ousadia em vir falar das vossas grandezas, sendo eu tão ignorante e pecador.

Peço-vos que não leveis em conta as trevas do meu espírito nem a impureza de meus lábios; e, se porventura olhardes para elas, que seja para as destruídes com o olhar dos vossos olhos e com o sopro dos vossos lábios.

Tendes em vós tantas belezas e doçuras, preservastes-me de tantos males e cumulastes-me de tantos benefícios e, apesar disso, continuais a ser tão desconhecida e desprezada!

Como poderei eu ficar calado?

Sim, não apenas o sentimento de justiça e de gratidão me impelem a falar de vós, mas também o meu próprio interesse, ainda que não consiga senão balbuciar como uma criança. Não faço senão balbuciar, é verdade, precisa-

mente porque sou uma criança e, balbuciando, quero aprender a falar correctamente quando vier a alcançar a plenitude da vossa idade¹.

2. Admito que poderá parecer não haver nem lógica nem ordem naquilo que escrevo; mas eu tenho um desejo ardente de possuir-vos e, como Salomão, procuro por toda a parte encontrar-vos, numa azáfama sem método.

Se me empenho a tornar-vos conhecida neste mundo, é porque vós mesma prometestes dar a vida eterna a quantos vos enaltecereis e vos tornarem conhecida.

Aceitai, pois, minha amável princesa, os meus balbuciosos discursos, como se fossem eloquentes discursos; aceitai os traços da minha pena como outros tantos passos que eu dou para vos encontrar.

E, do alto do vosso trono, enviastes tantas bênçãos e luzes sobre tudo quanto me proponho fazer e dizer de vós, que todos quantos vierem a ouvi-lo, venham a sentir-se inflamados por um desejo renovado de vos amar e vos possuir no tempo e na eternidade.

¹ Cfr. Ef 4,13. Toda esta oração parece inspirada pelo belíssimo texto de Isaías sobre a vocação do Profeta, e de Jeremias 1,6.

II. AVISOS DA DIVINA SABEDORIA AOS PRÍNCIPES E AOS PODEROSOS DA TERRA (Sab. Cap. 6)

3. A Sabedoria vale mais que a força e o homem prudente vale mais do que o corajoso².

- 1) *Escutai, ó reis,
e procurai compreender;
instruí-vos,
ó governantes de todo o universo.*
- 2) *Prestai atenção,
vós que dominais os povos
e vos orgulhais
pelo grande número dos vossos súbditos.*
- 3) *A soberania provém do Senhor;
e o vosso poder do Altíssimo,
que pedirá contas das vossas obras
e prescrutará as vossas intenções;*
- 4) *se, pois, apesar de serdes ministros do seu
[reino,
não governastes rectamente,
não observastes a lei,
nem vos comportastes em conformidade com
[a vontade de Deus.*

² A versão latina citada por Montfort inicia o capítulo com esta achega, que talvez seja um título.

- 5) *Ele erguer-se-á contra vós,
terrível e de forma repentina.
Serão julgados com extremo rigor
aqueles que governam os outros.*
- 6) *O pequeno é merecedor de compaixão,
mas os poderosos serão examinados com
[rigor.*
- 7) *Aquele que é o Senhor do universo
não fará acepção de ninguém;
não terá pejo da grandeza,
porque foi Ele quem criou o pequeno e o
[grande
e preocupa-se por igual com todos.*
- 8) *Mas aos poderosos
reserva um julgamento rigoroso.*
- 9) *Por isso, a vós, ó soberanos,
se dirigem as minhas palavras,
para que aprendais a conhecer a Sabedoria
e não venhais a pecar.*
- 10) *Quem cumpre santamente as coisas santas
será santificado
e quem nelas vier a instruir-se
encontrará quem o defenda.*
- 11) *Desejai, pois,
as minhas palavras;
suspirai por elas
e sereis instruídos.*

- 4.
- 12) *A Sabedoria é radiante e indefectível;
é facilmente contemplada por quem a ama
e encontrada por quem a procura.*
- 13) *Ela mesma se dá a conhecer aos que a
[desejam.*
- 14) *Quem por ela madruga
não se cansa:
encontrá-la-á sentada à sua porta.*
- 15) *Meditá-la é sabedoria perfeita;
quem vigia por ela
depressa será aliviado de preocupações.*
- 16) *Ela própria irá à procura, em toda a parte,
de quantos forem dignos dela;
apresentar-se-lhes-á bem disposta,
irá pelos caminhos ao seu encontro, com toda
[a benevolência.*
- 17) *O seu princípio, muito sincero,
é o desejo autêntico de instrução;
preocupar-se por conhecê-la é amá-la;*
- 18) *o amor é o cumprimento das suas leis;
o respeito pelas suas leis
é garantia de imortalidade.*
- 19) *A imortalidade faz com que
se esteja junto a Deus.*
- 20) *Daí que o desejo da Sabedoria
conduz à realeza.*

21) *Por isso, ó soberanos dos povos,
já que tendes gosto por tronos e por ceptros,
amai a Sabedoria
e reinareis para sempre.
(Amái a luz da Sabedoria
todos vós que estais à frente dos povos)*³.

22) *Vou revelar-vos o que é a Sabedoria
e qual a sua origem:
não vou esconder os seus segredos.
Vou-me reportar ao início da criação,
dando-a a conhecer claramente,
sem me afastar da verdade.*

23) *Manter-me-ei afastado da inveja que corrói,
já que essa,
nada tem em comum
com a Sabedoria.*

24) *A salvação do mundo
está no grande número de sábios;
um rei sábio
é a salvação de um povo.*

25) *Deixai-vos, pois,
instruir pelas minhas palavras
e tirareis delas grande proveito.*

³ Vários manuscritos, em latim, acrescentam este versículo suplementar; é uma anotação marginal ou uma repetição.

III. CONSIDERAÇÕES DO AUTOR

5. Eu não quis, prezado leitor, misturar a fraqueza da minha linguagem com a autoridade das palavras do Espírito Santo; mas seja-me permitido que faça algumas considerações:

1) A Sabedoria eterna é doce, simples e atraente e, ao mesmo tempo, ela é brilhante, excelente e sublime. Convoca os homens para lhes ensinar o método de serem felizes: vai à procura deles, sorri-lhes, cumula-os de mil benefícios e previne-os de mil e uma maneira; chega, até mesmo, a sentar-se à soleira das suas casas, à sua espera, dando-lhes assim a prova de amizade verdadeira. Será possível ter-se coração e recusá-lo a essa doce conquistadora?

6. 2) Quão infelizes serão os poderosos e os ricos, se não amarem a Sabedoria! As palavras que ela lhes dirige são impressionantes e inexplicáveis na nossa linguagem.

*«Terrível e repentinamente,
Deus erguer-se-á contra vós,
já que um julgamento implacável se fará
contra aqueles que estão em altos cargos.
... Os poderosos serão julgados com rigor.
... Aos poderosos reserva um julgamento
[severo.]»⁴*

⁴ Sab 6,5-8.

Acrescentemos ainda outras palavras ditas ou mandadas dizer pela Sabedoria após a Encarnação:

«Ai de vós, ó ricos...⁵ É mais fácil fazer passar um camelo pelo fundo de uma agulha que um rico entrar no reino dos céus.»⁶

Estas últimas palavras foram tantas vezes repetidas pela divina Sabedoria, durante a sua vida terrena, que três evangelistas as referem de igual forma, sem diferença alguma; isto deveria fazer os ricos cair em prantos, deveria-os fazer gritar e gemer:

«E agora vós, ó ricos, chorai e gemei por causa das desgraças que virão sobre vós!»⁷

Mas, ai! Estes encontram cá em baixo a sua consolação; obcecados como estão pelos prazeres e riquezas, não enxergam as desventuras que pendem sobre as suas próprias cabeças.

7. 3) Salomão garante que faz uma descrição fiel e exacta da Sabedoria: nem a inveja, nem o orgulho, que são contrários à caridade, o impedirão de comunicar aos outros uma ciência

⁵ Lc 6,24.

⁶ Mt 19,24.

⁷ Tgo 5,1.

que lhe foi transmitida pelo céu; e nem sequer teme, portanto, que outros possam igualá-lo ou superá-lo nesta ciência. A exemplo de um tão ilustre personagem, também eu me prontifico a explicar com simplicidade o que é a Sabedoria antes da sua encarnação, durante a encarnação e depois da encarnação, e quais os meios para obtê-la e conservá-la. Porém, não possuindo eu os conhecimentos e as luzes que ele tinha, não deverei temer tanto a inveja e o orgulho, mas sim a minha própria incapacidade e ignorância. Por isso suplico-vos que me suporteis e me desculpeis pela vossa caridade.

CAPÍTULO I

PARA AMAR E PROCURAR A DIVINA SABEDORIA É NECESSÁRIO CONHECÊ-LA

I. NECESSIDADE DE CONHECER A DIVINA SABEDORIA

8. Poder-se-á, porventura, amar aquilo que não se conhece?

Poder-se-á amar ardentemente aquilo que se conhece apenas imperfeitamente?

E porque será que se ama tão pouco a Sabedoria eterna e encarnada, o adorável Jesus?

Por que será que é tão pouco conhecida ou muito superficialmente?

Praticamente não há ninguém a estudar, como se deveria — com o Apóstolo⁸ — esta

⁸ Cfr. Ef 3,19; Fil 3,8.

eminente ciência de Jesus: a mais nobre, a mais doce, a mais útil e a mais necessária entre todas as ciências e conhecimentos do céu e da terra.

9. 1) É, sem sombra de dúvida, a mais nobre entre todas as ciências, já que tem por objectivo alcançar o que existe de mais nobre e sublime, ou seja, a Sabedoria incriada e encarnada, que encerra em si toda a plenitude da divindade e da humanidade, tudo quanto de grande existe no céu e na terra, todas as criaturas visíveis e invisíveis, espirituais e corporais.

S. João Crisóstomo diz que Nosso Senhor é um compêndio das obras de Deus, uma síntese de todas as perfeições que existem em Deus e nas criaturas.

«Jesus Cristo, Sabedoria eterna, é tudo quanto tu podes e deves desejar. Deseja-O, procura-O, já que é a única pérola preciosa que, para adquiri-la, não deverás hesitar a vender todos os bens que possuíres.»⁹

«Aquele, porém, que se quiser vangloriar, glorie-se nisto: em ter compreensão e conhecer-Me a Mim.»¹⁰

⁹ Texto de S. Bernardo, Pl 184,679.

¹⁰ Jer 9,23.

O sábio não se vanglorie da sua sabedoria, nem o forte da sua força, nem o rico das suas riquezas, mas quem quiser vangloriar-se procure a sua glória em conhecer-Me a Mim e não em conhecer outras coisas.

10. 2) *Nada é tão doce* como o conhecimento da Sabedoria divina. Ditosos aqueles que a escutam; mais ditosos aqueles que a desejam e a procuram; mas mais ditosos ainda aqueles que andarem pelos seus caminhos e que saboreiem, no seu coração, aquela doçura infinita que é a alegria e a felicidade do Pai eterno e a glória dos anjos¹¹.

Se experimentássemos a felicidade interior que provoca na alma o conhecimento da beleza da Sabedoria, o alimentar-se dela¹², seríamos levados a exclamar com a esposa do Cântico dos Cânticos:

*«O leite que brota do teu peito é mais doce do que o vinho mais delicioso»*¹³.

e melhor do que todas as doçuras das criaturas, sobretudo quando ela dirige às almas que a contemplam as seguintes palavras:

*«Provai e vede...»*¹⁴
comei, amigos e bebei;

¹¹ Prov 2,1-9.

¹² S. Clemente de Alexandria chama a Jesus Cristo «Mamilla Patris», o seio do Pai (PG 8,302).

¹³ Cant 1,2.

¹⁴ Sl 33,9.

*inebriai-vos, caríssimos...*¹⁵

*já que a sua companhia não provoca
[amargura,
a sua convivência nada dá de fastidioso,
mas tudo é satisfação e alegria.]*¹⁶

11. 3) O conhecimento da Sabedoria eterna não é apenas o mais nobre e o mais doce, mas ainda o mais útil e o mais necessário, já que a vida eterna consiste em conhecer a Deus e seu Filho Jesus Cristo¹⁷.

*«Conhecer-te — diz o autor sagrado, referindo-se à Sabedoria — é justiça perfeita; conhecer o teu poder é raiz de imortalidade»*¹⁸.

Queres, de facto, possuir a vida eterna? Aprende a conhecer a Sabedoria eterna. Queres ter a perfeição da santidade neste mundo? Procura conhecer a Sabedoria.

Queres implantar no coração a raiz da imortalidade? Adquire o conhecimento da Sabedoria eterna. Conhecer Jesus Cristo, a Sabedoria encarnada, é conhecer quanto basta. Conhecer tudo e não conhecê-Lo a Ele é não saber nada¹⁹.

¹⁵ Cant 5,1.

¹⁶ Sab 8,16.

¹⁷ Jo 17,3.

¹⁸ Sab 15,3.

¹⁹ S. Agostinho, Confissões 5,4; PL 32,708.

12. De que serve ao arqueiro saber atirar flechas ao lado do alvo se não é capaz de apontar no próprio centro?

De que nos servirão todas as outras ciências necessárias à salvação, se não conhecermos a ciência de Jesus Cristo, a única necessária, centro e fim último de todas as demais?

Apesar do Apóstolo das gentes saber muitas coisas e ser muito versátil nas ciências humanas, confessava que só queria conhecer Jesus Cristo crucificado.

*«Propus para mim de não pretender saber outra coisa senão Jesus Cristo e este crucificado»*²⁰.

Por isso, digamos com ele:

*«Tudo isso, que para mim era lucro, considerarei-o perda por Cristo. Na verdade, em tudo isso só vejo dano, comparado com a sublimidade do conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor...»*²¹.

Vejo agora e experimento que esta ciência é de tal maneira excelente, deliciosa, profícua e admirável, que já não tenho nenhuma consideração pelas outras, que anteriormente tanto me agradaram, e que agora me parecem vazias

²⁰ 1 Cor 2,2.

²¹ Fil 3,7-8.

e ridículas e que, entreter-me nelas, seria uma perda de tempo.

«Digo isto para que ninguém vos engane com discursos capciosos... Tomai cuidado que ninguém vos engane com a sua filosofia ou com vãos enganos»²².

Digo-vos que Jesus Cristo é o abismo de toda a ciência, a fim de que não vos deixeis enganar nem pelas belas e magníficas palavras dos oradores nem pelas sutilezas tão falaciosas dos filósofos.

«Crescei, isso sim, na graça e no conhecimento do Senhor e Nosso Salvador Jesus Cristo»²³.

Pois bem, para que todos possamos crescer na graça e no conhecimento de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, Sabedoria encarnada, falaremos d'Ele nos capítulos seguintes, depois de distinguirmos as diferentes espécies de sabedoria.

II. DEFINIÇÃO E DIVISÃO DO ASSUNTO

13. Se considerarmos o significado da palavra em si mesma «sabedoria» quer dizer, em geral, «ciência saborosa», ou seja, o gosto de Deus e da sua verdade²⁴.

Há várias espécies de sabedoria.

Antes de mais é preciso distinguir a verdadeira da falsa sabedoria: a verdadeira consiste no gosto pela verdade, sem mentira ou adulteração; a falsa é o gosto pela mentira sob o disfarce da verdade.

A falsa é a sabedoria ou prudência do mundo e o Espírito Santo divide-a em: terrena, carnal e diabólica.

A verdadeira sabedoria divide-se em: natural e sobrenatural.

A sabedoria natural consiste no conhecimento das coisas naturais observadas eminentemente nos seus princípios; a sabedoria sobrenatural consiste no conhecimento das coisas sobrenaturais e divinas, contempladas na sua própria origem.

A sabedoria sobrenatural divide-se ainda em substancial e incriada e em accidental e criada.

A sabedoria accidental e criada é a comunicação que a sabedoria substancial e incriada

²⁴ S. Isidoro de Sevilha (560-636) e mais tarde S. Tomás, fazem derivar a palavra sabedoria de «sabor», ainda que pareça mais lógica a origem de «saber». (S. Tomás, Summa Theol., II-II, 45)

²² Col 2,4,8.

²³ 2 Pt 3,18.

faz de si mesma aos homens, ou seja, é o dom da sabedoria.

A sabedoria substancial e incriada, pelo contrário, é o Filho de Deus, a segunda Pessoa da Santíssima Trindade, ou seja, é a Sabedoria eterna na eternidade ou Jesus Cristo no tempo. Será sobre esta Sabedoria eterna que iremos falar.

14. Contemplá-la-emos, remontando até às suas origens, na eternidade, no seio do Pai, onde é objecto das suas complacências.

Vê-la-emos brilhar no tempo, durante a criação do universo.

Finalmente, contemplá-la-emos, totalmente aniquilada, na sua encarnação e vida mortal para, logo depois, reencontrá-la gloriosa e triunfante no Céu.

Veremos, finalmente, quais são os meios para adquiri-la e conservá-la.

Deixo, pois, aos filósofos os argumentos da sua filosofia, já que são inúteis; e deixo aos alquimistas os segredos da sua ciência mundana.

«No entanto, de sabedoria é que nós falamos entre os perfeitos...»²⁵

Portanto, às almas perfeitas e predestinadas falaremos da verdadeira sabedoria, a Sabedoria eterna, incriada e encarnada.

²⁵ 1 Cor 2,6.

CAPÍTULO II

ORIGEM E EXCELÊNCIA DA SABEDORIA ETERNA

15. Aqui é preciso exclamar com S. Paulo:

«Ó profundidade, ó imensidade, ó incompreensibilidade da Sabedoria de Deus!»²⁶

«Quem poderia descrever a sua descendência?»²⁷

Haverá, porventura, algum Anjo de tal maneira iluminado, ou algum homem de tal maneira temerário que tente sequer narrar condignamente a origem da Sabedoria?

Aqui é preciso fechar os olhos para não serem ofuscados diante duma luz tão forte e resplandecente.

²⁶ Rom 11,33.

²⁷ Is 53,8 e Act 8,33: com base nestes textos os Santos Padres dizem referir-se à geração do Verbo e à conceição virginal do Senhor.

Aqui é preciso que toda a língua emudeça para não ofuscar uma formosura tão perfeita, ao tentar dá-la a conhecer.

Aqui é preciso que todo o espírito se aniquile e adore, por causa do perigo de ver-se oprimido pelo peso imenso da glória da divina Sabedoria, ao pretender sondá-la.

I. A SABEDORIA EM RELAÇÃO AO PAI

16. Entretanto, vejamos agora a ideia que o Espírito Santo — tendo em conta a nossa fraqueza — nos oferece acerca dela no livro da Sabedoria, escrito para nós:

«A Sabedoria eterna é uma emanção do poder de Deus, uma irradiação genuína da glória do Omnipotente, onde nada de impuro pode penetrar. É um reflexo da luz perene, um espelho sem mancha da actividade de Deus, uma imagem da sua bondade perfeita.»²⁸

17. É essa a ideia substancial e eterna da beleza divina revelada a S. João evangelista no maravilhoso êxtase, na ilha de Patmos, que o levou a exclamar:

«No princípio era o Verbo — o Filho de Deus ou a Sabedoria eterna —, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus.»²⁹

²⁸ Sab 7,25-26.

²⁹ Jo 1,1.

18. Em diversas passagens dos livros de Salomão, fala-se dela quando se lê que a Sabedoria foi criada, ou melhor, foi gerada desde o princípio, antes ainda de nada ter sido criado e antes de todos os tempos.

Ela diz de si mesma:

«Desde a eternidade fui constituída, desde o princípio, antes das origens da terra. Ainda não existiam os abismos e eu já tinha sido gerada...»³⁰

19. Nessa beleza soberana da Sabedoria encontrou Deus Pai as suas complacências na eternidade e no tempo, como Ele mesmo veio a afirmar no dia do baptismo e da transfiguração de Cristo:

«Este é o Meu Filho muito amado, no qual pus todas as minhas complacências.»³¹

Desta beleza extrema e claridade impenetrável os Apóstolos puderam ver qualquer raio de luz que os encheu de doçura e os levou a entrar em êxtase no momento da transfiguração:

«(A Sabedoria) é uma realidade muito nobre, sublime, infinita e mais antiga do que o próprio universo.»³²

³⁰ Prov 8,23-24.

³¹ Mt 3,17.

³² Do antigo hino das primeiras Vésperas, na festa da Transfiguração do Senhor.

Se eu não consigo encontrar palavras que exprimam, ainda que vagamente, a ideia que me fiz desta beleza e doçura soberanas — apesar desta ideia ficar ainda muito abaixo da realidade — quem poderá então fazer uma ideia exacta dela e exprimi-la adequadamente?

Somente Vós, Deus soberano, a conheceis em profundidade e a podeis revelar a quem quiserdes³³.

II. ACÇÃO DA SABEDORIA NAS ALMAS

20. A Sabedoria define-se a si mesma devido, sobretudo, à sua acção e efeitos nas almas.

Estarei bem atento para não misturar as minhas palavras com as dela, com receio de diminuir o seu esplendor e sublimidade³⁴.

Vejamos o que diz o *Eclesiástico* 24,1-32:

1) *A Sabedoria faz o seu próprio elogio, e gloria-se no meio do seu povo.*

³³ Mt 11,27; Lc 10,22.

³⁴ Ecli 24,1-32: A sabedoria narra aqui, poeticamente, a sua própria história: provém de Deus, de quem procede a Palavra e o Espírito. Colaborou na criação do mundo, vagueou entretanto, por este mundo, vindo depois a estabelecer-se no meio do povo eleito. Ao lermos este trecho da Escritura torna-se evidente que essa Sabedoria é Jesus Cristo encarnado que se tornará Caminho, Verdade e Vida e ainda Pão descido do céu e Água viva.

2) *Abre a sua boca na assembleia do Altíssimo, gloria-se diante dos exércitos do Senhor*³⁵.

21.

3) (Ela diz):

«Saí da boca do Altíssimo e, como uma nuvem, cobri toda a terra.

4) *Construí a minha morada nos lugares mais altos, e o meu trono está sobre uma coluna de nuvens.*

5) *Sozinha percorri a abóbada celeste, penetrei nas profundezas dos abismos.*

6) *Sobre as ondas do mar e sobre toda a terra, sobre todos os povos e nações eu tenho reinado.*

22.

7) *Entre todos estes seres eu busquei um lugar de repouso e habitarei na propriedade de qualquer um [deles.*

23.

8) *Então o Criador do universo deu-me as suas [ordens,*

³⁵ Tanto a Vulgata como Montfort acrescentam ainda: «Será exaltada no meio do povo e admirada na comunidade dos Santos; receberá louvor dos eleitos e será bendita entre os seus bem-aventurados.»

e Aquele que me criou assentou a minha
[tenda e disse-me:

«Habita em Jacob
e toma Israel como tua herança.»³⁶

24.

9) Ele criou-me desde o princípio,
antes de todos os séculos,
e não deixarei de existir até ao fim dos
[séculos.

10) Exerci diante dele o meu ministério
no Tabernáculo Santo,
e igualmente em Sião me fixei.

11) Repousei igualmente na cidade santa,
e em Jerusalém está a sede do meu poder.

25.

12) Deitei raízes no meio dum povo glorioso,
na porção do Senhor,
no meio da Sua herança.

13) Cresci qual cedro do Líbano
e qual cipreste nos montes do Hermon.

14) Cresci como a palmeira de Engadi,
como as roseiras de Jericó,
como uma formosa oliveira na planície
e como o plátano à beira das águas.

15) Difundi um perfume de cinamomo
e de bálsamo odorífero,
e exalei um perfume suave como mirra
[escolhida,
como o gálbano, o ónix e a mirra
e como o vapor do incenso no Tabernáculo.

16) Estendi os meus ramos
como o terebinto;
os meus ramos têm beleza e majestade.

17) Eu sou como a videira
que produz graciosos sarmentos,
e as minhas flores dão frutos
de glória e de riqueza.

26. Eu sou a mãe do amor formoso, do temor,
da ciência e da santa esperança;
em mim reside toda a graça e o caminho da
[verdade;
em mim está toda a esperança de vida e de
[virtude³⁷.

27. Vinde a Mim, vós que me desejais,
e saciai-vos de meus frutos;
pois o meu espírito é mais doce do que o mel
e o possuir-me é mais doce do que o favo do
[mel³⁸.

³⁷ Estes versículos são claramente da Vulgata. A Liturgia aplicou-os à SS.^{ma} Virgem.

³⁸ Acrescentamento da Vulgata e de Montfort: «a minha memória perpetuar-se-á pelos séculos dos séculos».

³⁶ Tanto a Vulgata como Montfort acrescentam ainda: «e lancei raízes entre os meus eleitos».

28. *Aqueles que me comerem voltarão a ter fome; aqueles que me beberem voltarão a ter sede. Quem me obedecer não virá a envergonhar-se e quem fizer as minhas obras não pecará*³⁹. *Tudo isto é o livro da Aliança com o Deus Altíssimo*⁴⁰.

29. As árvores e plantas a que a Sabedoria se compara e que produzem frutos de qualidades tão diversificadas, indicam a grande variedade de estados, de funções e de virtudes nas próprias almas. São estas como *cedros*, devido à elevação dos seus corações para o céu; são como *ciprestes*, devido à sua meditação contínua sobre a morte; são como *palmeiras*, devido à humildade em suportar as fadigas; são como *roseiras*, em virtude da capacidade que têm de martírio e derramamento de sangue; são como *plátanos* porque plantados ao longo de correntes de água; são como *terebintos* de majestosos ramos devido à extensão da caridade para com os irmãos; são, enfim, como todas as outras plantas perfumadas, tais como o *bálsamo*, a *mirra*, devido à vida solitária e ao desejo de serem conhecidas mais por Deus do que pelos homens.

³⁹ Acrescentamento da Vulgata e de Montfort: «aqueles que me pregarem, terão a vida eterna».

⁴⁰ Texto da Vulgata e de Montfort: «Tudo isto é o livro da vida, é a aliança do Altíssimo e o conhecimento da verdade...».

30. Depois de se ter revelado como mãe e fonte de todos os bens, a Sabedoria exorta todos os homens a desapegarem-se de tudo, para abraçá-la somente a ela, já que ela apenas se dá — segundo narra S. Agostinho⁴¹ — àqueles que a desejam e a procuram com o ardor com que ela merece ser procurada.

Nos versículos 30 e 31⁴², a Sabedoria divina aponta três graus de piedade. No último, entre eles, está a perfeição:

- 1.º Escutar a Deus, em atitude de humildade submissão;
- 2.º Agir n'Ele e por Ele com fidelidade perseverante;
- 3.º Adquirir a luz e unção necessárias para inspirar aos outros o amor para com a Sabedoria e conduzi-los à vida eterna.

⁴¹ Em «De Moribus Ecclesiae Catholicae», PL 32,1324.

⁴² Veja mais acima o N.º 28 (segunda parte) e leia a nota 40.

CAPÍTULO III

MARAVILHAS DO PODER DA SABEDORIA DIVINA NA CRIAÇÃO DO MUNDO E DO HOMEM

I. NA CRIAÇÃO DO MUNDO

31. A Sabedoria eterna começou a resplandecer fora do seio de Deus quando — depois de toda a eternidade — decidiu criar a luz, o céu e a terra.

S. João afirma que *tudo foi criado pelo Verbo*⁴³, ou seja, a Sabedoria eterna. Salomão define-a como *mãe e artífice de todas as coisas*⁴⁴.

Note-se que ele não lhe chama apenas *artífice* do universo, mas também *mãe*: o artífice, na verdade, não ama e não cuida da sua obra como uma mãe cuida de seu filho.

⁴³ Jo 1,3.

⁴⁴ Sab 7,12.21.

32. A Sabedoria eterna, depois de ter criado todas as coisas, também permanece nelas para mantê-las em seu regaço⁴⁵, sustentá-las e renová-las⁴⁶.

É essa beleza soberanamente recta que, depois de ter criado o mundo, estabeleceu-lhe a ordem maravilhosa que o rege: separou, organizou, pesou, acrescentou e contou tudo o que nele existe.

Ela estendeu o céu e colocou com ordem nos seus lugares, o sol, a lua, as estrelas e os planetas; ela pôs os fundamentos da terra, estabeleceu os limites e traçou leis ao mar e aos abismos; ela formou as montanhas e tudo pesou e equilibrou, até mesmo as próprias fontes.

Enfim, diz ela, eu estava junto de Deus e ditava as leis com uma precisão tão perfeita e com uma variedade de tal forma agradável, que era para mim uma espécie de jogo que me deleitava, encantando também meu Pai⁴⁷.

33. O inefável jogo da Sabedoria divina pode constatar-se, efectivamente, na diversidade das criaturas do universo por ela criadas. Com

⁴⁵ Sab 1,7: é o Espírito do Senhor que mantém unidas todas as coisas, a coesão de todo o universo.

⁴⁶ Sab 7,27.

⁴⁷ Prov 8,30-31: «Eu estava com Ele como arquitecto e era meu prazer diário o deleitar-me continuamente diante d'Ele, brincando sobre o globo de sua terra e achando as minhas delícias em estar junto dos filhos dos homens.»

feito, sem falar das diferentes espécies de anjos que são, por assim dizer, em número infinito; sem falar das diferentes grandezas dos astros nem dos diferentes temperamentos dos homens, contemple-se a maravilhosa mudança das estações e dos tempos, dos instintos nos animais, das inumeráveis espécies de plantas, da variedade e beleza das flores, do sabor dos frutos. «*Quem for sábio compreenda estas coisas*»⁴⁸.

A quem é que a Sabedoria se manifestou? Pois bem, só esse terá a compreensão destes mistérios da natureza.

34. A Sabedoria revelou estes mistérios aos Santos, segundo podemos ler nas suas vidas; e estes, muitas vezes, ficaram de tal maneira extasiados na contemplação da sua beleza, doçura e ordem da divina Sabedoria, até nas mais pequenas coisas — tal como uma abelha, uma formiga, uma espiga de trigo, uma flor, um pequeno verme da terra — que chegaram a ficar deslumbrados e extasiados.

II. NA CRIAÇÃO DO HOMEM

35. Se o poder e a doçura da Sabedoria eterna brilharam tanto na criação, na ordem e beleza

⁴⁸ Os 14,10; cfr. também Sal 107(106),43.

do universo, brilharam, porém, com mais intensidade ainda, na criação do homem, já que é este a sua maravilhosa obra-prima, a imagem viva da sua beleza e das suas perfeições, o vaso maravilhoso das suas graças, o admirável tesouro das suas riquezas e o seu único representante em toda a superfície da terra:

*«Formastes o homem pela Vossa sabedoria para dominar sobre as criaturas a quem destes a vida.»*⁴⁹

36. Para glória deste esplêndido e poderoso artista, seria necessário explicar aqui a beleza e excelência originais que o homem dela recebeu no momento da sua criação; porém, o pecado infinito por ele cometido⁵⁰, cujas trevas e manchas se reflectem também em mim, miserável filho de Eva, ofuscou-me de tal maneira a mente que só muito imperfeitamente posso falar dela.

37. Poder-se-á afirmar que ela fez, por assim dizer, uma cópia ou imagem resplandecente da sua inteligência, da sua memória, da sua vontade, infundindo-as na alma do homem, a fim de que este pudesse ser um retrato vivo da

⁴⁹ Sab 9,2.

⁵⁰ S. Tomás, I-II, q. 87, a. 4: «Devem ser considerados dois aspectos na culpa: o primeiro é a *aversão* do bem eterno, que é infinito, e assim também o pecado é infinito. O segundo é a *conversão*, ou adesão desordenada ao bem transitório, e desta maneira o pecado é limitado, é finito.

Divindade⁵¹. Acendeu-lhe no coração a chama do puro amor de Deus; plasmou-lhe um corpo todo resplandecente e nele encerrou, como que em síntese, todas as diferentes perfeições dos anjos, dos animais e das outras criaturas.

38. Tudo no homem era luminoso, sem trevas; formoso, sem fealdade; puro, sem mancha alguma; harmonioso, sem qualquer desordem, sem defeito e sem imperfeição. O seu espírito era dotado da luz da Sabedoria para reconhecer perfeitamente o seu Criador e as criaturas. Trazia na sua alma a graça de Deus, tornando-o inocente e aprazível aos olhos do Altíssimo.

Tinha o dom da imortalidade corporal e possuía no coração o puro amor de Deus, sem temer a morte, e amava a Deus continuamente, sem interrupção, sem negligências, só por puro amor e só para a sua glória. Enfim, ele era de tal maneira divino que era levado a cada momento, por assim dizer, a ficar fora de si, arrebatado em Deus, sem paixões a vencer ou inimigos a combater.

Ó liberalidade da Sabedoria eterna para com o homem!

Ó feliz estado do homem quando da Sua inocência!

39. Mas!... Ó desgraça das desgraças!... Eis que esse vaso todo divino fragmentou-se em

⁵¹ Gn 1,26: «Façamos o homem à nossa imagem e semelhança».

mil pedaços; a esplendorosa estrela caiu por terra; o sol brilhante cobriu-se de lama!

Eis aí o homem que peca e, pecando, perde a sua sabedoria, a sua inocência, a sua formosura e imortalidade. Perde, enfim, todos os bens que tinha recebido e vê-se agora assaltado por uma infinidade de males!

O homem tem o seu espírito todo embotado de trevas: já não vê mais nada. Tem o seu coração gélido para com Deus e já não O ama; a sua alma está manchada pelo pecado, assemelhando-se aos demónios. Tornam-se-lhe desordenadas as paixões, que já não controla. Resta-lhe a companhia dos demónios, de quem se torna morada e escravo. Vê-se atacado pelas criaturas, que lhe movem guerra.

Eis aí o homem que, num ápice, se tornou num escravo do demónio, no objecto da ira divina⁵² e na vítima do inferno.

Sente-se a si mesmo de tal maneira hediondo que, por vergonha, corre a esconder-se. É amaldiçoado e condenado à morte; é expulso do paraíso terrestre e não tem mais direito ao céu. É condenado a levar uma vida sem qualquer esperança de ser feliz: é um desgraçado a vagar sobre uma terra amaldiçoada. E será como maldito que ele morrerá para, depois da morte, se tornar como o demónio, condenado

⁵² Ef 2,3.

para sempre no corpo e na alma. E tudo isto para si mesmo e sua descendência⁵³.

Tal foi a desgraça tremenda em que o homem veio a cair, depois do pecado; tal foi a merecida sentença que a justiça divina pronunciou contra ele.

40. Em tal estado, Adão sente-se como um desesperado: não pode receber ajuda nem dos anjos nem das outras criaturas. Nada é capaz de restaurá-lo e levá-lo ao estado anterior já que ele era demasiado belo e demasiado perfeito na sua criação, e o seu pecado tornou-o demasiado hediondo e repelente. Vê-se expulso do paraíso e da presença de Deus.

Tem consciência de que a justiça divina há-de persegui-lo a ele e a toda a sua descendência.

Vê fechar-se-lhe o céu e abrir-se o inferno, e não vê ninguém capaz de abrir-lhe o primeiro e fechar-lhe o segundo.

⁵³ Sem dúvida que o autor traça aqui um quadro bem pessimista, embora real. Mas essa ênfase negativista do homem é para fazer realçar mais e melhor a acção divina, a acção da Sabedoria de Deus na Redenção. Veja os n.ºs 43 e 46.

CAPÍTULO IV

MARAVILHAS DA BONDAD E DA MISERICÓRDIA DA SABEDORIA ETERNA ANTES DA SUA ENCARNAÇÃO

41. A Sabedoria eterna comove-se vivamente diante da desgraça do pobre Adão e da sua descendência: observa com grande desgosto, o vaso — *que era a sua glória* — fragmentar-se; vê o seu retrato desfigurar-se, a sua obra-prima destruir-se, e o seu vigário prostrado por terra.

Escuta com ternura a sua voz angustiante e os seus gritos. Observa com compaixão os suores da sua fronte, as lágrimas de seus olhos, o cansaço dos seus braços, a dor do seu coração e a aflição da sua alma.

I. O DECRETO DA ENCARNAÇÃO

42. Parece-me ver, por assim dizer, essa amável Sabedoria *convocar e reunir em assembleia,*

por uma segunda vez, a Santíssima Trindade, a fim de decidir a reparação e reabilitação do homem, tal como tinha feito já uma vez, no momento em que o criou⁵⁴.

Imagino também que, nesse majestoso conselho, surge uma espécie de combate entre a Sabedoria eterna e a Justiça de Deus.

43. Nessa discussão acerca do homem parece-me ouvir a Sabedoria afirmar: o homem, na realidade, e também a sua descendência, devido ao seu pecado, mereceu ser condenado para sempre, juntamente aos anjos rebeldes; no entanto, há que ter compaixão dele já que terá pecado mais por fraqueza e por ignorância do que por malícia.

É uma grande desgraça, observa a Sabedoria, deixar uma obra-prima tão perfeita na sua origem, nas garras do inimigo, com milhões e milhões de homens perdidos para sempre, por culpa do pecado de um só. Mostra a seguir, os lugares deixados vazios no Céu pelos anjos apóstatas e a conveniência em preenchê-los⁵⁵.

⁵⁴ Gn 1,26: «*Façamos o homem à Nossa imagem, à Nossa semelhança*». Esta linguagem no plural pretende dar a ideia da importância do homem, que estava para ser criado; daí a deliberação da Sabedoria de Deus para essa reunião, de toda a divindade, ou seja, das três Pessoas da Santíssima Trindade. É que a reabilitação do homem era uma obra tão importante como o fora a sua própria criação. A cena do amor de Deus repete-se.

⁵⁵ VD 28.

Lembra a grande glória que Deus irá receber no tempo e na eternidade caso o homem venha a ser salvo.

44. Parece-me ouvir depois a Justiça de Deus responder: fica decretada a sentença de morte e de condenação eterna contra o homem e sua descendência, e deverá ser executada sem diminuição de pena e sem misericórdia, tal como sucedeu com Lúcifer e seus sequazes; o homem, apesar de tantos benefícios recebidos, mostrou-se um ingrato; tendo seguido o demónio na desobediência e no orgulho, deverá segui-lo também no castigo, já que é mesmo necessário que o pecado seja punido.

45. A Sabedoria, não vendo no universo algo capaz de expiar o pecado do homem, de reparar a justiça e aplacar a ira de Deus e querendo, apesar de tudo, salvar o pobre homem que ama, encontra um meio admirável.

É de pasmar: o amor incompreensível vai até aos extremos! Eis que a amorosa e real Princesa oferece-se a si mesma, em sacrifício ao Pai, para reparar a sua justiça, para aplacar a sua cólera, para arrancar o homem da escravidão do demónio, para livrá-lo das chamas do inferno e para merecer-lhe uma eternidade feliz.

46. A sua oferta é aceite; é tomada uma decisão: a Sabedoria eterna, isto é, o Filho de Deus, far-se-á homem no momento oportuno e dentro de parâmetros estabelecidos.

No período dos milénios que passaram desde a criação e desde o pecado de Adão até à encarnação da sabedoria divina, tanto Adão como os seus descendentes morreram, tal como estava fixado na lei de Deus; porém, em previsão dos méritos da encarnação do Filho de Deus, receberiam a graça do cumprimento dos mandamentos e do exercício duma digna penitência em caso de transgressão; e assim, se eventualmente tivessem morrido em graça e na amizade de Deus, então as suas almas desceriam ao limbo, esperando ali a vinda do Salvador e Libertador, para lhes abrir as portas do Paraíso.

II. DURANTE O TEMPO ANTERIOR À ENCARNAÇÃO

47. Durante todo o tempo que precedeu a encarnação, a Sabedoria eterna testemunhou aos homens, de mil maneiras, quanto Ela os amava e quanto ansiava por fazer-lhes chegar os seus benefícios e de morar com eles: «as minhas delícias consistem em estar junto dos filhos dos homens»⁵⁶.

A Sabedoria vai por toda a parte à procura de quantos são dignos dela⁵⁷, ou sejam, as pessoas dignas da sua amizade, dignas de seus

⁵⁶ Prov. 8,31.

⁵⁷ Sab 6,16.

tesouros, dignas da sua própria pessoa. Ela difundiu-se pelas nações, fazendo sua morada nas almas santas, transformando-as em amigos e profetas de Deus; e só Ela formou todos os santos patriarcas, os amigos de Deus, os profetas e os santos, tanto do Antigo como do Novo Testamento⁵⁸.

Foi a Sabedoria eterna que inspirou os homens de Deus, que falou pela boca dos profetas, guiou-os nos seus caminhos, iluminou-os nas dúvidas, amparou-os nas suas fraquezas e livrou-os de todos os males.

48. Eis como o Espírito Santo descreve isso no livro da Sabedoria (cap. 10,1-21):

De Adão a Moisés:

- 1) *Foi ela que protegeu o primeiro homem, o pai do mundo, que fora criado só; levantou-o de sua queda.*
- 2) *Deu-lhe poder para dominar sobre todas as coisas.*
- 3) *Mas quando Caim, na sua cólera, se afastou dela, foi a sua verdadeira ruína, acabando por matar o seu irmão.*
- 4) *Por culpa sua a terra foi submersa pelas águas e foi, uma vez mais, a Sabedoria a*

⁵⁸ Sab 7,27.

salvá-lo, sendo conduzido por um justo (Noé) numa frágil embarcação.

- 5) Quando os povos, concordes na maldade, foram confundidos, foi ela que reconheceu o justo (Abraão), guardou-o irrepreensível diante de Deus, e manteve-o corajoso, sem que isso fizesse diminuir a sua ternura pelo seu filho (Isaac).
 - 6) No extermínio dos ímpios, foi ela que salvou o justo (Lot), quando este fugia do fogo que devastava as cinco cidades.
 - 7) Em testemunho daquela perversidade, resta ainda lá um ermo fumegante, e as árvores dão frutos que não amadurecem e, qual memorial à alma incrédula, ergue-se uma coluna de sal.
 - 8) Pois, tendo desprezado a Sabedoria, não apenas se viram impedidos de conhecer o bem, mas também legaram à história um memorial de sua insensatez, para que os seus pecados não pudessem ser esquecidos.
- 49.**
- 9) A Sabedoria, porém, livrou de provações os seus fiéis.
 - 10) Ela guiou, por caminhos planos, o justo (Jacob), quando este fugia à ira do irmão (Esaú); ela mostrou-lhe o reino de Deus e

deu-lhe a conhecer as coisas santas; ajudou-o nos seus trabalhos e deu êxito aos seus empreendimentos.

- 11) Ela assistiu-o contra a avareza dos opressores e enriqueceu-o.
- 12) Protegeu-o contra os seus inimigos e defendeu-o contra os que lhe armavam ciladas; deu-lhe um prêmio numa áspera batalha, para lhe ensinar que o amor é mais forte do que tudo.
- 13) Ela não desamparou o justo que fora vendido (José), mas preservou-o do mal.
- 14) Desceu com ele ao calabouço e não o abandonou na sua prisão, até que lhe fosse entregue o ceptro real e o poder sobre os seus opressores; desmascarou os que o difamavam e deu-lhe uma glória eterna.

O ÊXODO

- 15) Ao povo santo, raça irrepreensível (Hebreus), livrou-o ela de uma nação opressora.
- 16) Entrou na alma de um servo do Senhor (Moisés) que, com prodígios e sinais, enfrentou reis temíveis.
- 17) Aos justos ela deu a paga das suas penas, conduziu-os por um caminho maravilhoso:

de dia serviu-lhes de sombra e, à noite, serviu-lhes de luz de astros.

18) *Fê-los atravessar o Mar Vermelho, conduziu-os por águas caudalosas.*

19) *Afogou os seus inimigos e vomitou-os das profundezas do abismo.*

20) *Assim, os justos despojaram os ímpios e celebraram, Senhor, o Vosso Santo Nome, louvando, em uníssonos, o Vosso braço protector.*

21) *Porque a Sabedoria abriu a boca dos mudos e tornou eloquente a língua dos pequeninos.*

50. No capítulo 11 do livro da Sabedoria, o Espírito Santo fala dos diversos males de que a Sabedoria livrou Moisés e os israelitas, enquanto atravessavam o deserto.

A estes poder-se-ão ainda acrescentar todos aqueles que foram salvos de grandes perigos, pela Sabedoria, tanto no Antigo como no Novo Testamento.

Temos assim, Daniel na cova dos leões; Susana, da falsa acusação; os três jovens na fornalha de Babilónia; S. Pedro, no cárcere; S. João, na caldeira de azeite a ferver; e ainda um número infinito de mártires e confessores da fé, que se viram protegidos nos tormentos a que os seus corpos foram submetidos e das calúnias que ensombravam a sua reputação.

Acrescentemos, pois, repito, todos esses que foram salvos e libertos pela Sabedoria eterna: «Os homens aprenderam as coisas que Vos agradam e pela Sabedoria foram salvos»⁵⁹.

CONCLUSÃO

51. Exclamemos, pois: «Ditosa mil vezes a alma onde a Sabedoria entrou para nela estabelecer a sua morada! Sejam quais forem os combates que tiver que travar, sairá vitoriosa; sejam quais forem os perigos que vierem a ameaçá-la, ela será protegida; sejam quais forem as tristezas que vierem a afligi-la, ela será reanimada e consolada; sejam quais forem as humilhações que vierem a abater-se sobre ela, pois ela será exaltada e glorificada no tempo e na eternidade.»

⁵⁹ Sab 9,18.

WWW.LEITURASCATOLICAS.COM

CAPÍTULO V

A EXCELÊNCIA MARAVILHOSA DA SABEDORIA ETERNA

52. No capítulo 8.º do livro da Sabedoria, o Espírito Santo dignou-se revelar-nos a excelência da Sabedoria em termos tão sublimes e tão compreensíveis que será suficiente reproduzi-los aqui, fazendo-os acompanhar de breves reflexões.

53.

I. UMA COMPANHEIRA NA VIDA: (cap. VIII; versículos assinalados)

1) *A Sabedoria estende o seu vigor de uma extremidade à outra da terra e governa todas as coisas com suavidade.*

Nada é tão doce como a Sabedoria: doce em si mesma, sem amargura; doce para aqueles que a amam, não lhes dando desgosto algum;

doce na sua conduta, sem fazer qualquer violência. Direis muitas vezes que Ela não está presente nos acidentes e transtornos da vida que acontecem, de tal maneira a sua presença é suave e secreta; porém, já que é uma força invencível, tudo encaminha, sem barulho mas vigorosamente, a seu termo, por caminhos desconhecidos pelos homens. É preciso que o sábio seja, a seu exemplo, «*suaviter fortis, fortiter suavis*» — «suavemente forte e fortemente suave».

54.

2) *Amei-a e procurei-a desde a minha juventude, procurei tomá-la como esposa, enamorei-me da sua beleza.*

Quem quiser alcançar o tesouro da Sabedoria deverá, a exemplo de Salomão, buscá-la: 1) desde muito cedo, se possível, desde a infância; 2) espiritual e castamente, como um marido casto procura a sua esposa; 3) constantemente, perseverando até ao fim, até a alcançar. Sem dúvida que a Sabedoria eterna tem tanto amor pelas almas que chega mesmo a desposá-las e com elas contrair um matrimónio espiritual, mas verdadeiro⁶⁰, que o mundo desconhece, mas a história documenta.

⁶⁰ Cfr. Os 2,21-22: «Eu te desposarei a mim para sempre, eu te desposarei na justiça e no direito, no amor e na ternura.

Eu te desposarei a mim na fidelidade e conhecerás o Senhor».

55.

3) *Ela mostra a nobreza da sua origem em conviver com Deus, porque o Senhor de todas as coisas amou-a.*

A Sabedoria é Deus mesmo: eis aí a glória da sua origem. O Pai encontra nela todas as suas complacências, como Ele mesmo testemunhou: eis quanto ela é amada!

56.

4) *É que ela está nos segredos da ciência de Deus, foi ela quem escolheu as Suas obras.*

Só a Sabedoria ilumina todo o homem que vem a este mundo⁶¹. Só ela, na verdade, desce do céu para nos ensinar os segredos de Deus⁶²; nós não temos um verdadeiro mestre além da

2 Cor. 11,2: «Sinto por vós um ciúme, como um ciúme de Deus, porque eu vos desposi com um só esposo para vos apresentar a Cristo como uma virgem pura».

Falando ainda de matrimónio espiritual, eis como se exprime Sta. Teresa de Ávila:

«Esta misteriosa união realiza-se no centro mais íntimo da alma... É um segredo de tal maneira profundo, um deleite de tal maneira intenso, um favor de tal maneira sublime e intempestivo que nem sei a que hei-de compará-lo... A alma, na verdade, torna-se um só ser com Deus» (Castelo interior, cap. 2, n.º 3).

⁶¹ Jo 1,9.

⁶² Cfr. Jo 1,18; Mt 11,27; 1 Cor 2,10 — «Enviou, na verdade, o seu Filho, o Verbo eterno, que ilumina todos os homens, para que habitasse entre eles e lhes explicasse os segredos de Deus» (Conc. Vat. II).

Sabedoria encarnada, Jesus Cristo⁶³; só ela conduz à meta todas as obras de Deus, sobretudo os santos, dando-lhes a conhecer o que devem fazer e, fazendo-o, permite-lho saborear e realizar tudo o que lhes deu a conhecer.

57.

- 5) *Se as riquezas são um bem apetecível na vida, então que coisa haverá de mais rico que a Sabedoria, que tudo dinamiza?*
- 6) *Se é a inteligência do homem que opera, quem melhor que a Sabedoria é a artífice de todos os seres?*
- 7) *Se alguém ama a justiça, os frutos da Sabedoria são as virtudes. Ela ensina a temperança e a prudência, a justiça e a fortaleza que são as virtudes mais úteis para os homens, em vida.*

Salomão afirma que, uma vez que não se deve amar senão a Sabedoria, então só dela se devem esperar todos os bens: o bem da fortuna, o conhecimento dos segredos da natureza, os bens da alma, as virtudes teologais e cardeais.

58.

- 8) *Se alguém desejar um conhecimento das coisas em maior profundidade, pois ela*

⁶³ Mt 23,8-10.

conhece os acontecimentos do passado e antevê os do futuro; conhece as subtilezas dos discursos e resolve os enigmas; conhece os sinais e os prodígios, e o que tem de acontecer no decurso das idades e dos tempos.

Todo aquele que desejar possuir uma ciência das coisas da graça e da natureza, que não seja comum, árida e superficial⁶⁴, mas que seja extraordinária, santa e profunda, deverá fazer todos os esforços para alcançar a Sabedoria já que, sem ela, o homem — por mais sábio que pareça diante dos outros — será, porém, considerado um nada aos olhos de Deus: «Ainda que tenha vida longa, ninguém dele fará caso»⁶⁵.

59.

- 9) *Por isso decidi tomá-la por companheira da minha vida, sabendo que ela será para mim uma boa conselheira nos dias felizes e será conforto nas tribulações e na dor.*

Quem poderá sentir-se pobre, possuindo a Sabedoria assim tão rica e generosa? Quem poderá ficar triste, possuindo a Sabedoria que é doce, formosa e terna? Apesar disso, quem é que — entre todos os que buscam a Sabedoria

⁶⁴ Na VD 64, Montfort reprova aqueles que conhecem Jesus e sua Santa Mãe «só de forma teórica, árida sem alma e sem amor».

⁶⁵ Sab 3,17.

— está em condições de dizer, em verdade, com Salomão: «*Por isso decidi*»? A maioria não tomou ainda esta sensata resolução: é tudo fantasia ou, ao máximo, trata-se de propósitos vacilantes e indiferentes. Por isso, não encontrarão nunca a Sabedoria.

60.

- 10) *Graças a ela, receberei o aplauso das multidões e, apesar de jovem, serei honrado até pelos ansiões.*
- 11) *Serei tido como perspicaz nos julgamentos e admirado diante dos poderosos.*
- 12) *Se me calar, ficarão na expectativa que fale; se falar, prestar-me-ão atenção; e se me alongar nos discursos, pôr-se-ão a mão na boca.*
- 13) *Por ela terei a imortalidade, e deixarei memória eterna à minha descendência.*
- 14) *Governarei povos e as nações ser-me-ão submetidas.*

Acerca destas palavras, com que o sábio se compraz a si mesmo, vejamos a reflexão que faz S. Gregório: «Aqueles que Deus escolheu para escreverem estas palavras sagradas, estando repletos do seu Espírito Santo, saem, de certa maneira, fora de si mesmos, para entrarem naquele que os possui e — transformados

assim em língua de Deus — só a Deus consideram naquilo que dizem, e falam de si mesmos como se falassem de qualquer outro⁶⁶.

61.

- 15) *Os príncipes temerão, ao ouvirem falar de mim; mostrar-me-ei benigno com o povo e valoroso na guerra.*
- 16) *Entrando na minha casa, nela repousarei, porque a sua conversação não tem nada de desagradável, nem a sua convivência nada de fastidioso, mas tudo é satisfação e alegria.*
- 17) *Meditando comigo mesmo nestes pensamentos, concluí dentro do meu coração, que a imortalidade se encontra na aliança com a Sabedoria.*
- 18) *Na amizade com ela prova-se um grande prazer e nas obras das suas mãos riquezas inexauríveis, e inteligência nas lições dos seus entretenimentos familiares, e glória na comunicação das suas sentenças; por isso eu saí à procura dela, por toda a parte, a fim de a tomar comigo.*

O autor sagrado, depois de ter resumido em poucas palavras tudo o que antes tinha

⁶⁶ Cfr. «*Moralium libri*», PL 75,518.

explicado, chega à conclusão seguinte: «*Andava à sua procura por todo o lado...*». Para alcançar a Sabedoria é preciso procurá-la diligentemente, ou seja: é preciso estar preparado a deixar tudo, a tudo sofrer e a tudo empreender para alcançá-la. Se poucos a encontram é porque poucos a procuram como ela merece.

II. ELOGIO DA SABEDORIA: (cap. VIII)

62. O Espírito Santo, no capítulo VII da Sabedoria, volta a falar da excelência dela, nestes termos:

- 22) *Há nela, com efeito, um espírito inteligente, santo, único, múltiplo, subtil, ágil, penetrante, puro, claro, inofensivo, amigo do bem, perspicaz;*
- 23) *livre, benéfico, benévolo, estável, seguro, tranquilo, que tudo pode, tudo vê, e que penetra todos os espíritos, os inteligentes, os puros, os mais subtis.*
- 24) *A Sabedoria é mais ágil que todo o movimento; atravessa e penetra tudo, graças à sua pureza.*
- 14) *Ela é para os homens um tesouro inestimável; os que a adquirem tornam-se parti-*

*cipantes da amizade de Deus, recomendá-veis a Ele pelos dons da doutrina*⁶⁷.

63. Depois de palavras tão enérgicas mas, ao mesmo tempo ternas, do Espírito Santo, para nos fazer compreender a beleza, o valor e os tesouros da Sabedoria, será que haverá ainda alguém que não a procure com todas as suas energias? Tanto mais que se trata de um tesouro infinito, apropriado para o homem, e para o qual o homem foi criado. Além disso, a própria Sabedoria tem um desejo infinito de se dar ao homem.

⁶⁷ Este versículo 14 do cap. VII da Sabedoria é como que a pedra angular que Montfort retoma logo a seguir ao número seguinte da sua obra.

CAPÍTULO VI

OS DESEJOS INTENSOS DA DIVINA SABEDORIA EM COMUNICAR-SE AOS HOMENS

64. Existe um vínculo de amizade de tal maneira intenso entre a Sabedoria eterna e o homem que se torna incompreensível: A SABEDORIA É PARA O HOMEM E O HOMEM É PARA A SABEDORIA. «É um tesouro inesgotável para os homens»⁶⁸, e não o é nem para os anjos nem para as outras criaturas.

Esta amizade da Sabedoria para com o homem deve-se ao facto de que este, na sua criação, tornou-se o resumo das suas maravilhas, o seu pequeno e grande mundo, a sua imagem viva e o seu representante na terra. E, desde que, num excesso de amor por ele, se tornou semelhante ao homem, ao encarnar-se e ao morrer por ele para salvá-lo, pois isso é

⁶⁸ Sab 7,14.

prova de que Ela o ama como a um irmão, a um amigo, a um discípulo, a um aluno, por ser o preço do seu sangue e co-herdeiro do seu reino; faz-se-lhe uma violência infinita, recusar-lhe ou roubar-lhe o coração de um homem.

I. CARTA DE AMOR DA SABEDORIA ETERNA

65. Esta beleza eterna e soberanamente amável tem um desejo tão ardente pela amizade do homem que, para alcançá-la, escreveu, expressamente, um livro, nele revelando as suas próprias excelências e quanto anseia pela sua companhia.

O livro é como que uma *carta de uma namorada ao seu namorado* para conquistar a sua afeição. Os desejos aí manifestados para conquistar o coração do homem são de tal maneira prementes, os pedidos de amizade são de tal maneira ternos, os afectos e votos de tal maneira amorosos que, ao ouvi-la falar, não se diria ser ela a Rainha do céu e da terra, de tal maneira necessita dos homens para ser feliz⁶⁹.

66. Em busca do homem ela percorre longas estradas, escarpa montanhas altíssimas, vai à

⁶⁹ Cfr. Prov. 8,15-31.

entrada das cidades, penetra em praças públicas, infiltrando-se na multidão e clamando tão alto que possível: «É a vós, ó homens, a quem eu me dirijo»⁷⁰.

«Ó filhos dos homens, é a vós que eu dirijo, desde há muito, este meu grito; a vós se dirige o meu apelo; é a vós que eu desejo, sois vós quem eu procuro, sois vós que eu reclamo. Escutai-me! Vinde a mim! Desejo apenas tornar-vos felizes!»

E, para mais facilmente os atrair, acrescenta:

«É graças a mim e mediante o meu favor que os reis reinam, que os príncipes, os poderosos e os monarcas têm ceptro e coroa. Sou eu quem inspira os legisladores na ciência de promulgarem leis justas para governar os Estados; sou ainda eu quem dá força aos magistrados para que exerçam a justiça com equidade e sem temor.»

67. *«Eu amo aqueles que me amam e todos quantos me procurarem diligentemente não-de encontrar-me; encontrando-me a mim, encontrarão a abundância de todos os bens já que estão em mim as riquezas, a glória, a honra, a dignidade, as delícias duradouras e todas as verdadeiras virtudes.»*

⁷⁰ Prov. 8,4.

Sem dúvida que é incomparavelmente melhor para o homem possuir-me a mim do que possuir todo o ouro e toda a prata do mundo, todas as pedras preciosas e todos os bens do universo inteiro.

Todos quantos vierem a mim, conduzi-los-ei por caminhos de justiça e prudência, enriquecê-los-ei com tudo quanto possam possuir os verdadeiros filhos, até ficarem completamente saciados.

Ficai cientes de que o meu maior prazer e as minhas maiores delícias consistem em entreter-me e habitar com os filhos dos homens.»

68. «Agora, filhos, escutai-me:

Felizes aqueles que seguem pelos meus caminhos!

Prestai atenção aos meus ensinamentos e sede sensatos, não os negligencieis!

Feliz o homem que me escuta, que se apresenta à minha porta cada dia, esperando-me no limiar da minha casa.

Na verdade, quem me encontra encontra a vida, e goza do favor do Senhor. Mas quem pecar contra mim causará dano a si mesmo; todo o que me odeia ama a morte.»⁷¹

69. Apesar de tudo quanto a Sabedoria disse com palavras ternas e insinuantes para con-

⁷¹ Prov. 8,31-36.

quistar a amizade dos homens, ela receia ainda que — devido ao seu maravilhoso resplendor e sua soberana majestade — eles não ousem aproximar-se dela, por respeito.

Por isso dirige-se-lhes ainda nestes termos:

«A Sabedoria é radiante e indefectível, facilmente é contemplada por aqueles que a amam e se deixa encontrar por aqueles que a buscam. Ela mesma se dá a conhecer aos que a desejam. Quem por ela madruga não se cansa: encontra-a sentada à porta.»⁷²

II. ENCARNAÇÃO, MORTE E EUCARISTIA

70. Enfim, a Sabedoria eterna, para mais facilmente se aproximar dos homens e para lhes testemunhar mais sensivelmente o seu amor, chegou ao ponto de fazer-se homem, de tornar-se criança, de fazer-se pobre e até de morrer por eles, numa cruz.

Quantas vezes Ela exclamou: «Vinde todos a Mim⁷³. Sou Eu, não temais⁷⁴.

E por que deveríeis ter medo?

Na verdade, eu sou semelhante a vós. Eu amo-vos. Será que deveríeis ter medo porque

⁷² Sab. 6,12-14.

⁷³ Mt 11,28.

⁷⁴ Jo 6,20.

sois pecadores? Mas é a vós mesmos a quem eu procuro. Eu sou a amiga dos pecadores.

Será que tendes medo porque vos afastastes, por própria culpa, do rebanho?

*Mas Eu sou o Bom Pastor*⁷⁵.

Será talvez porque estais carregados de pecados, cobertos de pecados e oprimidos pela tristeza?

Pois bem, é precisamente por isso que deveis vir a Mim, que eu vos aliviarei do vosso fardo, purificar-vos-ei e vos consolarei».

71. Querendo a Sabedoria, por um lado, manifestar o seu amor pelos homens até morrer por eles para salvá-los e, por outro lado, não podendo abandoná-los à sua sorte, eis que encontrou um segredo admirável de morrer, mas continuando a viver, e permanecendo com os mesmos homens até ao fim dos tempos: trata-se da amorosa instituição da Eucaristia.

E, para poder cumprir até à perfeição o seu amor neste mistério, não hesitou mesmo a alterar e derrubar as próprias leis da natureza.

Se ela não se esconde debaixo do esplendor de um diamante ou de outra pedra preciosa é porque não deseja ficar com o homem apenas exteriormente; mas esconde-se sob as aparências dum pequeno pedaço de pão — que é o alimento próprio do homem — a fim de que, comido pelo mesmo homem, possa penetrar

⁷⁵ Jo 10,11,14.

dentro do seu coração e aí encontrar as suas delícias. «É a invenção dum amor intenso»⁷⁶.

«Ó Sabedoria eterna! — diz um Santo⁷⁷ — ó Deus realmente pródigo de Si mesmo pelo desejo que tem de estar com o homem!»

III. INGRATIDÃO DOS QUE REJEITAM A SABEDORIA

72. Quão grande será a nossa insensibilidade e a nossa ingratidão se não nos deixarmos comover pelos ardentes desejos, pelas amorosas invenções e provas de amor da amável Sabedoria para connosco!

E se, em vez de escutá-la, tapamos os ouvidos; se, em vez de procurá-la, fugirmos dela; se, em vez de honrá-la, de amá-la, a desprezamos e ofendemos — qual não será a nossa crueldade e o nosso castigo já sobre a terra?

Diz, com efeito, o Espírito Santo:

*«Aqueles que desprezaram a Sabedoria, não apenas se prejudicaram a si próprios, vendo-se impedidos de conhecer o bem, mas deixaram ainda aos homens um testemunho da sua insensatez para que os seus pecados não pudessem ser esquecidos.»*⁷⁸

⁷⁶ S. João Crisóstomo, PG 59,260.

⁷⁷ Guérico, abade PL 185,157.

⁷⁸ Sab 10,8.

Três desgraças sofrem em vida aqueles que não se importam de alcançar a Sabedoria, ou sejam: 1) caem na ignorância e na cegueira; 2) caem na insensatez; 3) caem, por fim, no escândalo e no pecado.

E quão grande desgraça lhes está reservada no momento da morte, mal-grado seu, quando ouvirem a Sabedoria censurá-los, dizendo: «Chamei-vos e vós recusastes»⁷⁹. Cada dia vos estendi os braços e vós desprezastes-me; fiquei sentada, à espera, na soleira da vossa casa e não viestes ter comigo. Por isso vou rir da vossa desgraça, vou-me divertir...⁸⁰; ficarei surda aos vossos clamores, cega diante das vossas lágrimas, insensível diante dos vossos soluços e inerte para vos deitar a mão!»

Mas... como será maior ainda o seu infortúnio, no inferno!

Leia-se o que o Espírito Santo disse das desgraças, dos lamentos, dos remorsos, do desespero dos insensatos no inferno, que vêm a reconhecer tarde demais a própria estupidez e desgraça, por terem desprezado a Sabedoria de Deus⁸¹.

Só no inferno é que começam a falar sabiamente.

⁷⁹ Prov 1,24.

⁸⁰ Prov 1,26.

⁸¹ Sab 5,1-14.

IV. CONCLUSÃO

73. Desejemos, pois, e procuremos unicamente a Sabedoria: «Ela é mais preciosa do que as pérolas⁸²; e não há tesouro que a possa igualar»⁸³.

Qualquer que seja o dom de Deus ou sejam quais forem os tesouros celestiais que possais desejar — se não desejares a Sabedoria — estareis a desejar algo que lhe é muito inferior.

Ah!... se conhecêssemos quão grande é este tesouro infinito da Sabedoria, criado para o homem — e reconheço nada ter dito a propósito — suspiraríamos por ela noite e dia; voariamos rapidamente de uma extremidade à outra da terra, e passaríamos alegremente através de fogo e sobre lâminas cortantes, se necessário fosse, na condição de merecê-la!

É necessário, porém, estar bem atento e não deixar-se enganar na escolha já que existem várias espécies de sabedoria⁸⁴.

⁸² Prov 3,15.

⁸³ Prov 8,11.

⁸⁴ Também na VD, Montfort segue o mesmo método expositivo, ou seja: importância da devoção mariana (n.os 1-59), seus fundamentos (n.os 60-89), e «eleição da verdadeira devoção para com a SS.^{ma} Virgem» (n.os 90-119).

CAPÍTULO VII

ESCOLHA DA VERDADEIRA SABEDORIA

74. Deus tem a sua Sabedoria; é essa a única e a verdadeira que merece ser amada e procurada como um grande tesouro.

O mundo corrupto, porém, tem também a sua sabedoria, mas esta dever-se-á condenar e detestar porque iníqua e perniciosa.

Também os filósofos têm a sua sabedoria, que é igualmente de desprezar, já que é inútil e, muitas vezes, perigosa para a salvação⁸⁵.

⁸⁵ O autor não pretende negar o valor e o estudo da filosofia como ciência de todas as coisas, que procura causas e princípios que transcendem o campo da experiência.

Aqui o autor pretende apenas fazer sobressair a excelência da «sabedoria da vida cristã», que pouco tem a ver com ciências ou filosofias terrenas. O autor tem aqui presente a ideia de S. Paulo (1 Cor 13): «Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse caridade, seria como um bronze que soa ou como

Até aqui falámos da Sabedoria de Deus às almas perfeitas, como diz o apóstolo⁸⁶; mas, devido ao receio de que estas venham a ser enganadas pelo falso esplendor da sabedoria mundana, passarei também a demonstrar aqui quanto esta é falaciosa e maligna.

I. A SABEDORIA MUNDANA

75. A sabedoria mundana é aquela de que está escrito: «Destruirei a sabedoria dos sábios segundo o mundo⁸⁷; o desejo da carne é inimigo de Deus⁸⁸... Não é esta a sabedoria que vem do alto: uma sabedoria assim é terrena, carnal, diabólica⁸⁹».

Esta sabedoria do mundo está em perfeita harmonia com as máximas e costumes do mundo; tem uma tendência constante para a grandeza e a reputação; tem uma procura permanente e secreta do próprio interesse e prazer,

um címbalo que tine». Reflexão análoga podemos encontrá-la na *Gaudium et Spes* do Concílio Vaticano II, n.º 15: «... está em perigo, de facto, o futuro do mundo, a não ser que surjam homens mais sapientes». Também aqui o Concílio pretende enaltecer a sabedoria como dom de Deus, mais valiosa do que a sabedoria humana.

⁸⁶ 1 Cor 2,6.

⁸⁷ 1 Cor 2,6.

⁸⁸ Rom 8,7.

⁸⁹ Tgo 3,15.

não recorrendo a métodos grosseiros e barulhentos de forma a cometer qualquer pecado escandaloso, mas agindo com finura, com hipocrisia e astúcia, caso contrário — até do ponto de vista do mundo —, não seria sabedoria, mas sim libertinagem.

76. O sábio do mundo é aquele que sabe gerir bem os próprios negócios e sabe orientar tudo em proveito próprio, sem dar a entender pretender fazê-lo; conhece bem a arte de fingir e enganar astuciosamente, sem que o outro se aperceba; diz e faz uma coisa apesar de estar a pensar noutra; conhece perfeitamente os gostos e os cumprimentos do mundo; sabe ir de acordo com todos para alcançar os próprios objectivos, sem se preocupar absolutamente nada com a honra e glória de Deus; estabelece um secreto e funesto acordo entre a verdade e a mentira, entre o evangelho e o mundo, entre a virtude e o pecado, entre Jesus Cristo e Belial; quer fazer-se passar por honesto, sem sê-lo, nas obras; despreza, interpreta mal ou condena com levianidade todas as práticas de piedade que não vão de acordo com as suas.

O sábio mundano, enfim, é alguém que, deixando-se guiar apenas pela luz dos sentidos e da razão humana, procura simplesmente rodear-se de aparências de cristão e de homem de bem, sem se preocupar minimamente de agradar a Deus ou de expiar, pela penitência, os pecados que cometem contra a sua divina Majestade.

77. São sete as razões de fundo que o sábio mundano considera inocentes e sobre as quais se baseia para levar uma vida tranquila. São elas: a dita palavra de honra, o «que irá dizer-se?», a moda, a boa mesa, o interesse pessoal, o armar-se em importante, o dar-se ares de graça.

E há ainda sete *virtudes* especiais em que se apoia, para ser canonizado pelos mundanos: a valentia, a delicadeza, a diplomacia, a astúcia, a galanteria, a cortesia, a jovialidade.

Considera, porém, serem *pecados* enormes: a insensibilidade, a simplicidade, a pobreza, a rudeza, a beatice.

78. Observa com a maior fidelidade possível os mandamentos ditados pelo mundo, ou sejam:

- 1) Conhecerás bem o mundo;
- 2) Viverás como homem honrado;
- 3) Orientarás bem os teus negócios;
- 4) Guardarás bem o que te pertence;
- 5) Procurarás sair das trevas;
- 6) Procurarás ganhar-te amigos;
- 7) Frequentarás a alta sociedade;
- 8) Comerás e viverás bem;
- 9) Não darás azo a melancolias;
- 10) Evitarás a singularidade, a rudeza, a beatice.

79. Jamais o mundo esteve tão corrupto como nos dias de hoje, também porque nunca foi tão sagaz, tão sábio à sua maneira e tão politiqueiro. Sabe usar sorratamente a verdade para inspi-

rar a mentira, a virtude para autorizar o pecado, as máximas de Jesus Cristo para legitimar as próprias, a ponto de conseguir enganar até mesmo as almas mais esclarecidas numa linha de Deus.

*Infinito é o número de insensatos*⁹⁰, ou seja, dos sábios segundo o mundo que, aliás, são insensatos segundo Deus.

II. TRÍPLICE ASPECTO DA SABEDORIA MUNDANA

80. A sabedoria terrestre, de que fala S. Tiago, consiste no amor pelos bens da terra. Os sábios, segundo o mundo, professam no seu íntimo essa sabedoria sempre que deixam apegar-se o coração aos seus próprios bens; ou quando tudo fazem para se tornar ricos; ou quando promovem processos e fazem chicana política para conseguir ou conservar riquezas. Quando, na maior parte das vezes, pensam, falam e agem, é somente em vista de ter ou conservar algum bem temporal, ao passo que — no que se refere à salvação, e aos meios para alcançá-la, como sejam, a confissão, a comunhão, a oração, etc. — sim, dão-lhe uma ténue atenção, fazem-no com ligeireza, por puro formalismo, com irregularidade e apenas para tranquilizarem a consciência e salvarem as aparências.

⁹⁰ O autor refere este texto segundo a Vulgata.

81. A sabedoria carnal é o amor pelo prazer. Os sábios segundo o mundo professam essa sabedoria quando não procuram senão o prazer dos sentidos; quando têm prazer em comer e beber; quando afastam de si tudo o que eventualmente poderá mortificar e incomodar o corpo, como sejam jejuns, mortificações, etc.; quando, habitualmente, pensam só em comer, em beber, em jogar, em rir, em divertir-se e a passar gozosamente o seu tempo; quando procuram leitos aconchegados, jogos divertidos, festins agradáveis e belas companhias.

E só depois de terem gozado, sem escrúpulo, de todas essas satisfações, conseguidas com o aplauso do mundo e sem prejudicar a saúde, é que vão procurar um confessor, o menos escrupuloso possível — é assim que eles consideram aqueles confessores relaxados que não cumprem bem o seu dever —, para obterem dele, a baixo preço, a paz em suas vidas sensuais e efeminadas, e ainda a indulgência plenária para todos os seus pecados.

Digo «a baixo preço» porque, de ordinário, estes sábios mundanos não querem por penitência senão algumas orações ou esmolas, detestando tudo quanto possa mortificar o corpo.

82. A sabedoria diabólica é o amor pela estima, pelas honrarias.

Os sábios, segundo o mundo, professam essa sabedoria sempre que aspiram, ainda que disfarçadamente, às grandezas, às honrarias, aos títulos e cargos importantes; quando pro-

curam dar nas vistas, granjear estima, fazer-se aplaudir e elogiar pelos homens; quando no estudo, no trabalho, nas lutas, nas palavras e nas obras não têm em vista senão a estima e os aplausos dos homens, fazendo-se passar por pessoas de obras, gente culta, grandes líderes, sábios magistrais, enfim, gente de méritos infinitos e distintos ou de grande consideração; quando não suportam o menor desprezo e desconsideração; quando escondem os seus próprios defeitos e fazem realçar os méritos.

83. Com Nosso Senhor Jesus Cristo, Sabedoria encarnada, deveremos detestar e condenar essas três espécies de falsa sabedoria e esforçar-nos por adquirir a verdadeira.

Esta não procura o seu proveito próprio, não estabelece raízes no terreno e no coração de quantos vivem comodamente, e considera abominável tudo o que, diante dos homens, é grande e importante.

III. A SABEDORIA NATURAL

84. Além da sabedoria mundana, que é perniciosa e é de condenar, há ainda a sabedoria natural entre os filósofos.

Era esta sabedoria natural que os antigos Egípcios e Gregos procuravam assiduamente: «Os Gregos buscam a sabedoria»⁹¹. E aquele

⁹¹ 1 Cor 1,22.

que tivesse alcançado tal sabedoria era chamado mago ou sábio. Tal sabedoria consistia num conhecimento eminente da natureza, nos seus princípios. Foi comunicada na sua plenitude a Adão, no seu estado de inocência; e foi dada em abundância a Salomão; no decorrer dos séculos, mais um ou outro grande personagem a recebeu, como refere a história.

85. Os filósofos exaltam os princípios da sua filosofia como meio para se alcançar tal sabedoria.

Os alquimistas⁹² exaltam os segredos da sua «cabala» como sendo capaz de descobrir a pedra filosofal, na qual imaginam estar encerrada esta sabedoria.

É verdade que a filosofia das Escolas, se estudada com um olhar cristão, abre o espírito, tornando-o susceptível de ciências superiores; mas ela jamais poderá comunicar a tal pretendida sabedoria natural, tão famosa na antiguidade.

86. A química ou alquimia, ou seja, a ciência capaz de dissolver os próprios corpos naturais e reduzi-los aos seus princípios, é ainda mais vã e falaciosa.

⁹² A alquimia é uma ciência oculta, desenvolvida a partir da idade média até ao século XVII, com que se pretendia conseguir a transformação dos metais em ouro, e ainda a invenção de todo o remédio para qualquer mal.

Tal ciência, ainda que verdadeira em si mesma, levou a engano uma infinidade de pessoas, em relação ao que ela se propunha; e eu não tenho dúvidas, por experiência pessoal adquirida, que o demónio se sirva dela ainda hoje para, a muitas pessoas, fazê-las gastar tempo e dinheiro, graça e até a alma, com o pretexto de encontrarem a pedra filosofal. Não existe ciência que prometa maiores realizações e com meios mais artificiosos do que os propostos por esta ciência.

Promete a pedra filosofal ou um pó que apelidam «de projecção» que, lançado para cima de qualquer metal em estado de fusão, transforma-o em ouro ou prata; fazem recuperar a saúde, sarando as enfermidades e até, inclusivamente, poderá prolongar a vida e realizar uma infinidade de prodígios que os imbecis apelidarão de divinos e milagrosos.

Há ainda um grupo de pessoas que se diz dotada de tal ciência: são os chamados «cabalistas». Estes conseguem conservar de tal maneira ocultos os mistérios da mesma, que preferem morrer do que revelá-los.

87. Legitimam as suas sentenças da seguinte forma:

- 1) recorrendo à história de Salomão para afirmar que este terá recebido o segredo da pedra filosofal e a quem atribuem

um livro, tão falso como pernicioso, intitulado «*A clave de Salomão*»⁹³;

- 2) recorrendo à história de Esdras, a quem Deus terá dado a beber um licor celestial, através do qual terá recebido a sabedoria, tal como vem narrado no livro VII de Esdras⁹⁴;
- 3) recorrendo à história de Raimundo Lulo e de outros filósofos famosos, que eventualmente tenham afirmado que encontraram a tão falada pedra filosofal⁹⁵;
- 4) finalmente, e para melhor poderem encobrir os seus truques debaixo de um manto de piedade, afirmam tratar-se de um dom de Deus, e que Deus dá somente àqueles que o pedirem durante muito tempo, e desde que o mereçam com sacrifícios e orações.

88. Se referi aqui os sonhos e ilusões desta ciência vã, é para que não vos deixeis enganar como tantos outros: com efeito, conheço muitos outros que, depois de terem feito grandes esfor-

⁹³ Este livro é uma parte de *Sépher Yézirah* (Livro da Criação) que, juntamente a outro intitulado *Sépher Zorah* (Livro da Luz) formam o tal manual da Cabala. Estes livros foram escritos muito depois da morte de Jesus Cristo, ao passo que Salomão morreu no ano de 933 antes de Cristo.

⁹⁴ Livro apócrifo, atribuído falsamente a Esdras. Não pertence à Bíblia.

⁹⁵ Raimundo Lulo (1235-1315) e outros pensadores cristãos do século XV e XVI sofreram a influência da Cabala.

ços e perdido um tempo infinito à procura deste segredo, sob os mais belos e piedosos pretextos do mundo, e da forma mais devota, eis que se viram na obrigação de se arrependerem, vindo a reconhecer os enganos e ilusões sofridas.

Pessoalmente não acredito na possibilidade da existência da pedra filosofal. O sábio Del Rio⁹⁶ dá-a como um dado adquirido e até o prova; outros negam-na. Seja como for, não é conveniente e é até pernicioso que um cristão se empenhe a procurá-la.

Isso é injuriar Jesus Cristo, Sabedoria encarnada, no *Qual estão escondidos todos os tesouros da Sabedoria e da ciência*⁹⁷, todos os bens da natureza, da graça e da glória. Isso seria também desobedecer ao Espírito Santo que diz: «*Não te ocupes com coisas misteriosas*»⁹⁸.

IV. CONCLUSÃO

89. Fiquemos, pois, com Jesus Cristo, Sabedoria eterna e encarnada, fora do Qual há só cegueira, mentira e morte: «*Eu Sou o Caminho, a Verdade e a Vida*»⁹⁹.

Vejam os efeitos da Sabedoria nas almas.

⁹⁶ Martin del Rio, s.j. (1551-1608) foi amigo de Justo Lúpsio (VD 40) e publicou em 1599 o livro *Disquisitionum magicarum libri sex*, onde apresenta a eficácia da alquimia.

⁹⁷ Col 2,3.

⁹⁸ Ecl 3,22.

⁹⁹ Jo 14,6.

CAPÍTULO VIII

EFEITOS MARAVILHOSOS DA SABEDORIA ETERNA NAS ALMAS QUE A POSSUEM¹⁰⁰

90. Sendo esta beleza soberana, por natureza, *amante do bem*¹⁰¹, sobretudo do bem do homem, encontra o seu maior prazer em comunicar-se-lhe. Por isso, diz o Espírito Santo que ela procura, entre os vários povos, pessoas dignas dela e que se difunde e derrama nas *almas santas*¹⁰².

Foi precisamente essa comunicação da Sabedoria eterna que plasmou os amigos de Deus e os profetas¹⁰³.

Em tempos antigos ela entrou na alma do servo de Deus, Moisés, comunicando-lhe uma

¹⁰⁰ Mais do que em qualquer outro capítulo, Montfort desenvolve aqui a sua experiência íntima de união à Sabedoria.

¹⁰¹ Sab 7,22.

¹⁰² Sab 7,27.

¹⁰³ Sab 7,27.

abundante luz para ver coisas maravilhosas e concedeu-lhe um poder extraordinário, capaz de operar milagres e de alcançar vitórias: «*Entrou na alma de um servo do Senhor, com prodígios e sinais enfrentou reis temíveis*»¹⁰⁴.

Quando a Sabedoria divina entra numa alma, leva consigo toda a espécie de bens e comunica-lhe inumeráveis riquezas: «*Com ela me vieram todos os bens; de suas mãos veio-me uma riqueza incalculável*»¹⁰⁵.

É o testemunho que Salomão rende à verdade depois de ter recebido a Sabedoria.

91. Entre as inumeráveis operações realizadas numa alma pela Sabedoria, muitas das vezes de forma tão suave e discreta que nem sequer a alma se apercebe¹⁰⁶, eis aqui as que nos parecem mais frequentes:

92. 1) A Sabedoria comunica o seu espírito, que é todo luz, à alma que a possui: «*Por isso supliquei, e inteligência me foi dada; invoquei, e o espírito da Sabedoria veio a mim*»¹⁰⁷.

Com este espírito subtil e penetrante¹⁰⁸ o homem torna-se, tal como Salomão, juiz de todas as coisas, com grande espírito de discerni-

¹⁰⁴ Sab 10,16.

¹⁰⁵ Sab 7,11.

¹⁰⁶ Cfr. o n.º 53; mais do que uma vez Montfort insiste no aspecto imperceptível da acção de Deus.

¹⁰⁷ Sab 7,7

¹⁰⁸ Sab 7,22-24

mento e perscrutação: «*Nos julgamentos há-de luzir a minha agudeza, excitarei a admiração dos soberanos*»¹⁰⁹.

93. Comunica ao homem a grande ciência dos santos¹¹⁰ e as outras ciências naturais, mesmo as mais ocultas, desde que sejam para seu proveito: «*Se alguém ambiciona uma rica experiência, Ela conhece o passado e adivinha o futuro, conhece a subtilidade dos discursos e a solução dos enigmas*»¹¹¹.

A Jacob «*Ela deu a conhecer as coisas santas*»¹¹².

A Salomão comunicou a verdadeira ciência de toda a natureza: «*Deu-me um conhecimento infalível das coisas*»¹¹³; revelou-lhe uma infinidade de segredos que jamais alguém tenha tido conhecimento: «*tudo conheço, oculto ou manifesto*»¹¹⁴.

¹⁰⁹ Sab 8,11

¹¹⁰ Tal como refere Blain, Montfort teve também a experiência destes dons do Espírito Santo na altura dos seus estudos teológicos em Paris. Escreve esse autor e companheiro de Montfort: «Ele tinha, na verdade, um grande espírito de perscrutação, e teria certamente brilhado se tivesse continuado a estudar na Sorbona. Mas ele preferiu a ciência dos santos à teologia» (*Abrégé de la vie*, de L. M. Grignon de Montfort, art. 19, n.º 56).

¹¹¹ Sab 8,8.

¹¹² Sab 10,10.

¹¹³ Sab 7,17.

¹¹⁴ Sab 7,21.

94. Foi nessa fonte inexaurível de luz que os grandes Doutores da Igreja —entre outros S. Tomás de Aquino, tal como ele próprio o afirma¹¹⁵ — foram beber os seus admiráveis conhecimentos com os quais se tornaram autores recomendáveis.

E observe-se que, as luzes e noções que provêm da Sabedoria, não são conhecimentos áridos, estéreis e carentes de devoção mas, pelo contrário, são cheios de inspiração, cheios de unção, operantes e pios; tocam e alegram o coração, iluminando ainda a mente¹¹⁶.

95. 2) A Sabedoria não comunica ao homem a luz apenas para que ele conheça a verdade, mas dá-lhe ainda a estupenda capacidade de torná-la conhecida também por outros: «O espírito do Senhor... sabe tudo o que se diz»¹¹⁷.

A Sabedoria conhece tudo o que se diz e comunica a ciência para que se possa exprimi-lo bem; com efeito, «a Sabedoria abriu a boca dos mudos e tornou eloquente a voz dos pequeninos»¹¹⁸.

Ela soltou a língua tartamuda de Moisés. Comunicou o dom da palavra aos profetas «para

¹¹⁵ Guilherme de Tocco, no seu livro «Vida de S. Tomás», refere ter-lhe este confessado que nunca lera algum livro que não lhe tenha captado a doutrina, graças à iluminação do Espírito Santo.

¹¹⁶ Veja o n.º 58.

¹¹⁷ Sab 1,7; a Liturgia de Pentecostes aplica este texto ao dom das línguas.

¹¹⁸ Sab 10,21.

arrancar e para destruir, para exterminar e para demolir, para construir e para plantar»¹¹⁹, ainda que eles confessassem de não saber falar melhor do que uma criança, quando abandonados a si mesmos.

Foi a Sabedoria que deu aos Apóstolos a facilidade para poderem pregar o Evangelho por toda a parte e de *anunciar as maravilhas de Deus*¹²⁰, colocando-lhes na língua palavras apropriadas¹²¹. Visto que a Sabedoria divina é Palavra desde toda a eternidade e no tempo, tem falado sempre, e tudo foi criado e restaurado através da sua palavra. Falou por meio dos profetas, por meio dos apóstolos, e continuará a falar até ao fim dos tempos pela boca daqueles a quem se comunicar¹²².

96. Porém, as palavras que a Sabedoria comunica, não são palavras comuns, naturais e humanas; são palavras divinas: «*depois de haverdes recebido a palavra de Deus, por nós pregada, a aceitastes, não como Palavra de homem, mas como Palavra de Deus*»¹²³; são

¹¹⁹ Jer 1,10.

¹²⁰ Act 2,11.

¹²¹ Veja hino *Veni, Creator...*

¹²² Também Montfort recebeu este dom, tal como ele próprio confidenciou ao seu director espiritual (Carta 11); dom que ele prevê vir a ser igualmente comunicado aos seus futuros missionários (OA, 22), os apóstolos dos últimos tempos (VD, 57), aos quais prescreve que deverão pregar segundo a sabedoria de Deus (RM, 61-65).

¹²³ 1 Tes 2,13.

palavras enérgicas, comoventes, penetrantes: «A palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante que uma espada de dois gumes»¹²⁴; partem do coração daquele através do qual fala e penetram até ao fundo do coração de quem escuta.

Foi este o dom da Sabedoria que Salomão recebera quando escreveu que Deus lhe concedera a graça de falar segundo o que sentia no seu coração: «Que Deus me conceda falar com inteligência»¹²⁵.

97. Eis as palavras com que Cristo fez a seguinte promessa aos seus apóstolos:

*Dar-vos-ei eloquência e sabedoria, às quais nenhum dos vossos adversários poderá resistir, nem contradizer»*¹²⁶.

Oh!..., quão poucos são, hoje, os pregadores que possuem este inefável dom da palavra, podendo dizer com S. Paulo: «Falamos duma sabedoria divina»¹²⁷.

A maior parte prega segundo as luzes naturais da sua própria inteligência e em conformidade aos livros que leram, mas certamente não segundo os dons recebidos do alto¹²⁸, ou seja, segundo aquilo que a Sabedoria lhes deu a conhecer, ou segundo a abundância do seu

¹²⁴ Heb 4,12.

¹²⁵ Sab 7,15.

¹²⁶ Lc 21,15.

¹²⁷ 1 Cor 2,7.

¹²⁸ Sab 7,15.

coração¹²⁹, ou segundo a abundância divina que a Sabedoria lhes comunica. Por isso, vêem-se hoje bem poucas conversões operadas pela palavra!

Se um pregador tivesse recebido, de verdade, da Sabedoria, este dom de pregar, certamente os ouvintes não poderiam resistir-lhe, tal como noutros tempos: «Não podiam resistir à Sabedoria e ao Espírito com que ele falava»¹³⁰.

Um pregador assim falaria com tal suavidade e, ao mesmo tempo, com tal autoridade — *ensinava-os com autoridade*¹³¹ — que a sua palavra não regressaria vazia e sem obter o seu efeito¹³².

98. 3) Sendo a Sabedoria eterna o objecto da felicidade e complacências do Pai e, ao mesmo tempo, a alegria dos Anjos, Ela é para o homem que a possui, princípio das mais raras doçuras e consolações. Comunica-lhe o gosto pelas coisas de Deus e retira-lhe o gosto pelas criaturas. Alegria o seu espírito com o resplendor das suas iluminações.

Derrama no seu coração a alegria, a doçura e a paz mais indizíveis, mesmo entre as mais penosas amarguras e tribulações, tal como S. Paulo o testemunhava, afirmando: «estou

¹²⁹ Mt 12,34.

¹³⁰ Act 6,10.

¹³¹ Mt 7,29.

¹³² Cfr. Is 55,11.

cheio de consolo, transbordo de alegria em toda a nossa tribulação»¹³³.

E Salomão: «Entrando em casa repousarei ao seu lado, seu convívio não provoca amargura, sua intimidade não deprime, mas regozija e alegre»¹³⁴... De todos estes bens gozei, pois é a Sabedoria quem os traz¹³⁵... e na sua amizade existe excelente alegria»¹³⁶, ao passo que as alegrias e prazeres que se possam receber das criaturas são só aparências de prazeres e aflições de espírito.

99. 4) Quando a Sabedoria eterna se comunica a uma alma, derrama nela todos os dons do Espírito Santo e todas as grandes virtudes, ou sejam:

- as virtudes cardeais: temperança sóbria, uma prudência requintada, justiça perfeita e uma fortaleza invencível;
- as virtudes morais: uma religião perfeita, profunda humildade, suave doçura, obediência cega, desapego total, mortificação contínua, oração sublime, etc.

São estas as virtudes admiráveis e os dons celestiais que o Espírito Santo enumera maravilhosamente e em poucas palavras, quando afirma: «Ama alguém a justiça? As virtudes são

¹³³ 2 Cor 7,4.

¹³⁴ Sab 8,16.

¹³⁵ Sab 7,12.

¹³⁶ Sab 8,18.

seus frutos; ela ensina a temperança e a prudência, a justiça e a fortaleza que são, na vida, os bens mais úteis aos homens»¹³⁷.

100. 5) Finalmente, não existindo nada mais dinâmico do que a Sabedoria — «A Sabedoria é mais ágil que qualquer movimento»¹³⁸ — não deixará adormecer no tédio e na negligência aqueles que têm a sorte da sua amizade. Inflama-os completamente; inspira-lhes grandes projectos para a glória de Deus e salvação das almas; e, para pô-los à prova e torná-los ainda mais dignos deles mesmos, proporciona-lhes grandes combates e reserva-lhes contradições e obstáculos em quase tudo aquilo que empreendem.

Ora permite ao demónio tentá-los, ora ao mundo de caluniá-los e desprezá-los, ora aos seus inimigos de superá-los e abatê-los, ora aos seus amigos e até parentes de abandoná-los e traí-los.

Aqui procura-lhes uma perda de bens, acolá uma doença... aqui uma injustiça, acolá uma tristeza e um abatimento. Numa palavra: põe-os à prova de mil e uma maneiras, no crisol da tribulação.

Porém, o Espírito Santo diz:

«Ainda que aos olhos dos insensatos parecia sofrerem castigos, mas a sua esperança estava

¹³⁷ Sab 8,7.

¹³⁸ Sab 7,24.

*cheia de imortalidade; por um pequeno castigo hão-de receber grandes favores; colocou-os à prova e achou-os dignos de si; examinou-os como o ouro no crisol e aceitou-os como perfeito holocausto. No tempo de sua visita resplandecerão*¹³⁹... A Sabedoria guiou, por caminhos planos, o justo que fugia à ira do irmão... Assistiu-o contra opressores cobiçosos e enriqueceu-o; guardou-o de seus inimigos, defendeu-o de quantos o assediavam; deu-lhe um prêmio numa áspera batalha, para ensinar-lhe que a piedade é mais forte do que tudo.»¹⁴⁰

101. Lê-se na vida do beato Henrique Susão¹⁴¹, dominicano, que o seu desejo de alcançar a Sabedoria eterna era de tal maneira intenso que se Lhe ofereceu, por diversas vezes, dispondo-se a sofrer toda a espécie de tormentos, na condição de alcançar os seus favores.

«É que — interrogava-se ele — não será verdade que os namorados suportam milhares e milhares de provações em prol daquela que é o objecto do seu amor? Tornam-se-lhes doces as vigílias, agradáveis as fadigas e o trabalho é repouso quando estão certos de que a amada

¹³⁹ Sab 3,4-7.

¹⁴⁰ Sab 10,10-12.

¹⁴¹ HEIRICH DE BERG (1295-1366), cujo apelido era Susão, do nome da mãe, foi um dominicano alemão; escritor espiritual e pregador insigne, teve muita influência na Igreja do seu tempo e até depois. Veio mais tarde a ser beatificado.

sentir-se-á agradecida e satisfeita. Se os homens fazem isso tudo para contentar uma pobre criatura, será que não coras de vergonha pela tua falta de empenho na aquisição da Sabedoria? Oh Sabedoria eterna!...

Não, jamais retrocederei no teu amor, ainda que, para chegar à tua mansão, eu tenha que passar com a minha cabeça entre matagais e espinhos, para chegar ao lugar do teu repouso...; ainda que eu tenha de sujeitar-me ao espectáculo de mil e um tormentos sofridos no corpo e na alma... Sim, apesar disso tudo, eu apreciarei a tua amizade acima de qualquer outro bem e far-te-ei reinar, soberanamente, sobre todos os meus afectos.»

102. Alguns dias depois, encontrando-se de viagem, caiu em poder de salteadores, que o maltrataram, reduzindo-o a um estado tão lastimoso que, até os próprios carrascos acabaram por revelar-lhe compaixão. Então, Henrique, vendo-se em tal estado e privado de todo o socorro, caiu em profunda melancolia; esquecendo o seu propósito de ser corajoso nas provações, pôs-se a chorar, interrogando-se sobre o porquê Deus o deixava sofrer daquela maneira. E, enquanto lutava com tais pensamentos, adormeceu. Ao amanhecer, porém, ouviu uma voz que o repreendia, dizendo: «Eis aí o nosso herói, aquele que é capaz de arrasar montanhas, trepar rochedos, conquistar cidades, matar e despedaçar os inimigos, desde que tudo lhe corra bem...; mas que, na hora da

provação, já não tem nem coragem, nem braços, nem pernas!... É leão só no tempo da consolação; mas, em tempo de adversidade, ele é um veado pusilânime. A Sabedoria, porém, não dá a sua amizade a gente preguiçosa e cobarde como esta!»

Diante de tal reprovação, eis que o beato Henrique confessou a falta que tinha cometido em lastimar-se excessivamente, e suplicou à Sabedoria que lhe permitisse desafogar o seu coração com o pranto. «Não, não! — retorquiui-lhe aquela voz — já que, se assim fosse, todos os bem-aventurados do Céu perderiam por ti toda a afeição se tu — tal como um menino ou uma menina — te pusesses a chorar.

Enxuga, pois, os teus olhos e mostra um rosto sereno!...»

103. A cruz é, portanto, o património e a recompensa de quantos desejam e possuem a Sabedoria eterna. Esta amável soberana, porém — que tudo fez em número, peso e medida — não envia cruces aos seus amigos senão na proporção das suas forças; ainda assim, derrama tal doce unção sobre as suas cruces, que elas acabam por tornar-se-lhes fonte de delícias¹⁴².

¹⁴² Cfr. VD 153-154, onde Montfort escreve que a Senhora suaviza e adoça as muitas cruces dos seus servos fiéis «no açúcar da sua própria doçura materna».

CAPÍTULO IX

ENCARNAÇÃO E VIDA DA SABEDORIA ETERNA

I. ENCARNAÇÃO DA SABEDORIA ETERNA

104. *Tendo o Verbo eterno, a Sabedoria divina, decidido em conselho da Santíssima Trindade de fazer-se homem para restaurar a humanidade decaída, deu a conhecer a Adão — segundo se crê, e prometeu aos antigos patriarcas, como refere a Sagrada Escritura — que a sua encarnação destinava-se a resgatar a humanidade.*

Por isso, no decorrer dos vários milhares de anos que se passaram depois da criação do mundo, todos os santos do Antigo Testamento suplicavam com fervorosas preces que viesse o Messias!

Gemiam, choravam e gritavam:

«Chovei, ó céus, lá do alto;
derramem as nuvens a justiça.»¹⁴³

¹⁴³ Is 45,8.

*Ó Sabedoria, que procedes da boca do Altíssimo,... vem libertar-nos*¹⁴⁴!

Porém, os gritos, as súplicas e os seus sacrifícios não tiveram força suficiente para atrair do seio do Pai a Sabedoria eterna, o Filho de Deus¹⁴⁵.

Erguiam os braços ao Céu, mas não eram suficientemente longos para alcançarem o trono do Altíssimo. Ofereciam a Deus sacrifícios contínuos, inclusivamente os seus próprios corações, mas o seu mérito não era suficientemente grande para alcançarem uma graça tão extraordinária.

105. Por fim, quando chegou a hora de realizar a Redenção da humanidade, a divina Sabedoria *construiu para si uma casa*¹⁴⁶, uma habitação que fosse digna de si própria. Criou e formou a divina Maria no seio de Santa Ana, e esta criação deu-lhe um maior gáudio do que o experimentado aquando da criação do universo.

É impossível expressar os inefáveis dons da Santíssima Trindade concedidos a esta bela criatura, assim como descrever o grau de fidelidade com que Maria correspondeu à graça do seu Criador.

106. A torrente impetuosa da bondade infinita de Deus, bruscamente interrompida pelos peca-

¹⁴⁴ Antífona do Magnificat a 17 e 18 de Dezembro.

¹⁴⁵ Cfr. VD 16.

¹⁴⁶ Prov 9,1.

dos da humanidade, desde o início da criação do mundo, derramou-se com intensidade e em plenitude no coração de Maria. A Sabedoria eterna deposita nela todas as graças que, na sua generosidade, teria dado a Adão e seus descendentes, caso tivessem permanecido na justiça original.

Enfim — como diz um santo¹⁴⁷ — toda a plenitude da divindade se derramou em Maria, consoante uma criatura era capaz de recebê-la.

Ó Maria!... Obra-prima do Altíssimo! Ó milagre da Sabedoria eterna! Ó prodígio do Onnipotente! Ó abismo de graça!...

Confesso, com todos os santos, que só Deus, só Aquele que te criou, poderá compreender a altura, a largura e a profundidade das graças que te comunicou¹⁴⁸.

107. Em quatorze anos de vida, teve a divina Maria um tal crescimento em graça e sabedoria divinas e uma tão perfeita fidelidade ao Seu amor, que provocou admiração não só aos Anjos, mas até ao próprio Deus.

A sua humildade levada até ao aniquilamento encantou o Criador; a sua pureza, toda divinal, cativou-O; a sua fé viva e as suas frequentes e amorosas orações exerceram n'Ele uma doce violência.

A Sabedoria foi vencida por tão amorosas súplicas.

¹⁴⁷ Abade Guérrico, PL 185-196; S. Bernardo, PL 183,81.

¹⁴⁸ VD 7.

Justamente, exclama S. Agostinho: «Oh! quão grande foi o amor daquela que venceu o Omnipotente»¹⁴⁹.

Ó maravilha! Querendo a Sabedoria descer do seio do Pai para entrar no seio de uma Virgem, para aí repousar entre os lírios da sua pureza, e querendo tornar-se homem nela e confiar-se inteiramente também a ela, eis que lhe enviou o Arcanjo Gabriel a saudá-la e revelar-lhe que ela tinha conquistado o Seu coração; portanto, desejava tornar-se homem nela, desde que desse o seu consentimento.

O Arcanjo cumpriu a sua missão: assegurou a Maria que ela ficaria virgem apesar de vir a tornar-se mãe, e obteve — apesar da resistência da sua profunda humildade — um cordial e inefável consentimento, que a Santíssima Trindade, os Anjos e todo o universo esperavam desde muitíssimos séculos. E Maria, inclinando-se diante do seu Criador, respondeu: «*Eis aqui a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra*»¹⁵⁰.

108. Note-se que, no mesmo instante em que Maria dava o seu consentimento para se tornar mãe de Deus, realizaram-se diversos prodígios. O Espírito Santo formou, do mais puro sangue do coração de Maria, um minúsculo corpo, estruturando-o com perfeição; Deus criou a

¹⁴⁹ É mais provável que esta citação tenha origem em Ricardo de S. Vítor (PL 196,483).

¹⁵⁰ Lc 1,38.

alma mais perfeita e nunca antes criara uma assim com tanta perfeição; a Sabedoria eterna, o Filho de Deus, uniu-se, em pessoa real¹⁵¹, àquele minúsculo corpo e àquela alma. E assim se realizou a maior das maravilhas tanto do céu como da terra, o prodigioso excesso do amor de Deus: «*E o Verbo fez-se carne*»¹⁵². A Sabedoria eterna encarnou. Deus fez-se homem sem deixar de ser Deus. E este Homem-Deus chama-se Jesus Cristo, ou seja, Salvador.

II. VIDA DA SABEDORIA ENCARNADA

Vejamos agora aqui o resumo da sua vida divina.

109. 1) O Filho de Deus quis nascer numa mulher casada, ainda que verdadeiramente virgem, para que não pudesse vir a ser considerado fruto de uma relação ilícita, e ainda por outras razões muito importantes referidas pelos Santos Padres. A sua conceição foi anunciada à Santíssima Virgem pelo Arcanjo Gabriel, como já dissemos. Jesus Cristo tornou-se filho de Adão, sem, contudo, herdar o seu pecado.

110. 2) A encarnação realizou-se numa sexta-feira, a 25 de Março. E o Salvador do

¹⁵¹ Montfort escreve: «em verdade de pessoa».

¹⁵² Jo 1,14.

mundo veio a nascer a 25 de Dezembro, na cidade de Belém, num pobre estábulo, tendo sido uma manjedoura a servir-lhe de berço.

Um Anjo anunciou a alguns pastores, que guardavam os seus rebanhos nos campos das redondezas, o nascimento do Salvador, recomendando-lhes que fossem a Belém, a adorá-Lo. Estes, entretanto, ouviram um coro celestial de Anjos cantando: «*Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens por Ele amados*»¹⁵³.

111. 3) Ao oitavo dia foi circuncidado, segundo a Lei de Moisés, mesmo que a isso não fosse obrigado, tendo recebido o nome de Jesus, tal como tinha sido antes estabelecido pelo Céu. Três Magos, chegados do Oriente, vieram adorá-Lo, depois de terem sido avisados extraordinariamente por uma estrela, que os guiou até Belém. Esta festa é chamada Epifania, que quer dizer *Manifestação* de Deus; celebra-se a 6 de Janeiro.

112. 4) Ele mesmo quis ser apresentado ao Templo 40 dias após o seu nascimento, e cumprir tudo quanto a Lei de Moisés ordenava a respeito do resgate dos primogénitos.

Algum tempo depois, um Anjo avisou José, esposo da Santíssima Virgem, para que tomasse o Menino e sua Mãe e fugissem para o Egipto,

¹⁵³ Lc 2,14

evitando assim a fúria de Herodes. José obedeceu.

Alguns autores afirmam que Nosso Senhor ficou dois anos no Egipto, outros três, e outros ainda — como Barónio — até oito. A sua estadia ali santificou todo aquele país, tornando-o digno de vir mais tarde a ser povoado por santos anacoretas.

Refere Eusébio que, com a entrada de Jesus no Egipto, fugiram os demónios. E S. Atanásio acrescenta que os ídolos foram destronados.

113. 5) Na idade de 12 anos, o Filho de Deus travou uma discussão com um grupo de doutores da Lei, revelando tal sabedoria que deixou estupefactos todos os seus auditores.

Após este acontecimento, a história sagrada não mais voltará a falar n'Ele até ao seu Baptismo, que se efectuou quando tinha 30 anos. Depois retirou-se para o deserto, jejuou durante 40 dias e 40 noites, sem comer nem beber. Foi também aí que lutou com o demónio, mas saindo vencedor.

114. 6) Deu depois início à sua pregação na Judeia, chamou os Apóstolos e realizou todos aqueles maravilhosos prodígios que vêm mencionados nos textos sagrados. Bastará referir que, durante o terceiro ano da sua pregação — quando tinha 33 anos de idade — Jesus ressuscitou Lázaro, teve uma entrada triunfal em Jerusalém a 29 de Março e, a 2 de Abril seguinte, uma quinta-feira, 14 do mês de Nisã,

celebrou a Páscoa com os seus discípulos, lavou os pés aos apóstolos e instituiu o Santíssimo Sacramento da Eucaristia sob as espécies de pão e de vinho.

115. 7) Na noite do mesmo dia foi capturado pelos seus inimigos, chefiados por Judas, o traidor. No dia seguinte, 3 de Abril, apesar de ser dia festivo, foi condenado à morte depois de flagelado, depois de coroado de espinhos e de tratado com extrema ignomínia. Naquele mesmo dia, foi conduzido ao Calvário e pregado numa cruz, entre dois malfeitores.

Assim quis morrer o Deus da inocência, com a mais ignominiosa das mortes, e padecer o suplício que dizia respeito a um ladrão chamado Barrabás, a quem os judeus deram preferência.

Dizem os Santos Padres que Jesus foi pregado na cruz com quatro pregos e que, no meio da mesma, sobressaía uma porção de madeira em forma de assento, sobre o qual se apoiava o corpo.

116. 8) O Salvador do mundo, após três horas de agonia e aos trinta e três anos de idade, expirou.

José de Arimateia teve a coragem de ir pedir o corpo a Pilatos, indo depositá-lo num sepulcro novo que ele próprio tinha mandado talhar na rocha.

Não deveremos esquecer que a própria natureza manifestou dor pela morte do seu

próprio Autor, através de prodígios diversos que vieram a acontecer no momento em que Jesus expirava. Jesus, porém, veio a ressuscitar a 5 de Abril. Apareceu por diversas vezes a sua Santa Mãe e aos discípulos, durante quarenta dias, até à quinta-feira de 14 de Maio, quando levou os seus discípulos até ao Monte das Oliveiras e aí, na presença deles, subiu aos Céus por virtude própria, ficando à direita do Pai, depois de ter deixado na terra as pegadas dos seus sagrados pés.

CAPÍTULO X

A BELEZA ENCANTADORA E A INEFÁVEL DOÇURA DA SABEDORIA ENCARNADA¹⁵⁴

117. A Sabedoria fez-se homem com a finalidade única de atrair os corações dos homens à sua amizade e à sua imitação. Por isso, teve o cuidado de rodear-se de todas as amabilidades e doçuras humanas mais atraentes e encantadoras, sem qualquer defeito ou fealdade.

I. A SABEDORIA É DOCE NAS SUAS ORIGENS

118. Se a considerarmos nas suas origens, a Sabedoria não é senão bondade e doçura. É

¹⁵⁴ Os capítulos 10 e 11 formam um corpo único. Apresentam uma das razões que, segundo o Autor, levam a amar a Sabedoria eterna: a sua doçura. É este também um tema que ocupa um lugar importante noutros escritos de Montfort. O último discurso do santo missionário tratou também este mesmo argumento.

um dom do amor do Pai e fruto do amor do Espírito Santo. É-nos dada pelo amor e é formada pelo amor: «Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu Filho único»¹⁵⁵.

Ela é, pois, toda amor ou, melhor ainda, ela é o próprio amor do Pai e do Espírito Santo.

Nasceu da mais doce, da mais afectuosa e da mais bela de todas as mães, da divina Maria.

Pretendes conhecer a doçura de Jesus? Procura conhecer primeiro a doçura de Maria, sua Mãe, a quem ela se assemelha pela suavidade de temperamento. Jesus é o filho de Maria, por isso, não pode haver nele nem altivez, nem arrogância, nem fealdade; infinitamente menos ainda do que em sua Mãe, já que Ele é a Sabedoria eterna, a própria doçura e beleza.

II. A SABEDORIA É DOCE, SEGUNDO OS PROFETAS

119. Os profetas, aos quais foi revelada com antecedência a Sabedoria encarnada, apelidam-na de «ovelha» e de «manso cordeiro»¹⁵⁶.

Predizem que, devido à sua doçura, *não quebrará a cana rachada e não apagará a mecha que ainda fumega*¹⁵⁷, ou seja, que até quando um pobre pecador venha a encontrar-se meio

¹⁵⁵ Jo 3,16.

¹⁵⁶ Jer 11,19.

¹⁵⁷ Is 42,3.

aniquilado, cego e desorientado devido aos seus pecados, e como que já com um pé no inferno, ela não deixará consumir a sua perdição, a não ser que o próprio a isso a obrigue.

S. João Baptista, que viveu no deserto por um período de quase trinta anos para merecer, com a sua penitência austera, o conhecimento e o amor da Sabedoria encarnada, quando a enxergou, exclamou de imediato, apontando-a, de dedo erguido, aos discípulos: «Eis o cordeiro de Deus, eis aquele que tira os pecados do mundo!»¹⁵⁸

Na verdade, não disse como parece que deveria ter dito: «Eis o Altíssimo, eis o Rei da glória, eis o Onnipotente...» mas, porque melhor do que ninguém, no presente e no passado, conhecia ele a Sabedoria, por isso disse: «Eis o cordeiro de Deus, eis a Sabedoria eterna que, para inebriar os corações e apagar os nossos pecados, uniu a Si todas as doçuras divinas, humanas, celestiais e terrenas!».

III. A SABEDORIA É DOCE NO PRÓPRIO NOME

120. Mas, que é que nos indica o nome de Jesus, que é o nome próprio da Sabedoria encarnada, senão uma caridade ardente, um amor infinito e uma doçura encantadora?

¹⁵⁸ Jo 1,29.

Jesus «Salvador», ou seja, «aquele que salva o homem»; aquele cuja característica específica é amar e salvar o homem:

*«Nada se canta de mais suave,
nada se ouve com mais encanto,
nada se pensa de mais doce
do que Jesus, o Filho de Deus!»*¹⁵⁹

Oh!... quão doce é ao ouvido e ao coração dum predestinado o nome de Jesus!

*«É mel na boca, é melodia nos ouvidos,
é júbilo no coração!»*¹⁶⁰

IV. A SABEDORIA É DOCE NO SEU ROSTO

121.

*»Jesus é doce no seu rosto,
doce nas palavras,
doce nas acções!»*¹⁶¹

O amabilíssimo Salvador tinha um rosto tão doce e tão bondoso, que cativava de imediato

¹⁵⁹ «*Nil canitur suavius — Nil iucundius — Nil cogitatur dulcius — Quam Jesus Dei Filius!*»; trata-se de um hino atribuído indevidamente a S. Bernardo: cfr. PL 184,1307.

¹⁶⁰ S. Bernardo, PL 183,847: «*Mel in ore, in aure melos, in corde jubilus*».

¹⁶¹ S. Agostinho, *Enarratio* in Ps 44,3: «*Jesus dulcis in facie, dulcis in ore, dulcis in opere*».

os corações e os olhos de quantos nele pousavam. Os pastores que foram visitá-lo no presépio ficaram de tal maneira encantados com a doçura e suavidade do seu rosto, que permaneceram ali dias inteiros, autenticamente extasiados, na sua contemplação.

Os reis, até mesmo os mais altivos, mal se aperceberam dos traços amorosos daquela criança, depressa depuseram a sua altivez, indo ajoelhar, sem dificuldade, aos pés do seu berço. E quantas vezes terão dito uns para com os outros: «Amigos, como é agradável estar aqui! Não temos experiência nos nossos palácios dum prazer como este, que se sente neste estábulo, a contemplar o Menino-Deus».

Quando Jesus era ainda muito jovem, as pessoas com problemas e as crianças iam de todos os lados para O verem, para rejubilarem com Ele, dizendo-se uns aos outros: «vamos ver o pequeno Jesus, o lindo filho de Maria». A beleza e majestade do seu rosto — já dizia S. João Crisóstomo —¹⁶², era de tal maneira doce e imponente que, todos quantos o viam, não podiam senão amá-lo.

Houve reis que, vivendo muito longe e estando informados da sua beleza, fizeram questão de ter a sua imagem. Até se diz que Nosso Senhor mesmo tê-la-á enviado, por especial favor, ao rei Abgar.

¹⁶² Em Homilia 27 in Matthaeum, n.º 2, PG 57,346.

Alguns autores atestam que, se os soldados romanos e os judeus lhe taparam o rosto, pois não terá sido senão para mais ousadamente o esbofetear e maltratarem, já que dos seus olhos e do seu rosto saía um esplendor de beleza de tal maneira doce e encantador capaz de desarmar os mais cruéis.

V. A SABEDORIA É DOCE NAS PALAVRAS

122. Jesus é doce nas palavras. Enquanto vivia na terra, a todos conquistava com a doçura das suas palavras, e nunca se lhe ouviu levantar a voz, ou discutir com animosidade; enfim, tal como fora predito pelos profetas: «*Ele não clamará, não levantará a voz, não fará ouvir a sua voz nas ruas*»¹⁶³.

Quem o escutava desapaixionadamente sentia-se tocado pelas palavras de vida que saíam da sua boca, tanto que exclamavam: «*Nunca homem algum falou assim como este homem!*»¹⁶⁴; e quem, proventura, o odiava, vendo-se surpreendido pela sua eloquência e sabedoria, interrogava-se: «*Donde lhe vem essa sabedoria?*»¹⁶⁵

Milhares e milhares de pessoas humildes abandonaram as suas casas e famílias para

¹⁶³ Is 42,2.

¹⁶⁴ Jo 7,46.

¹⁶⁵ Mt 13,54.

irem ouvi-lo, até no interior do deserto, ficando diversos dias sem comer nem beber, saciando-se apenas da doçura das suas palavras. Foi com essa doçura de palavras, que actuavam como um íman, que Jesus cativou os Apóstolos a segui-lo, sarou os doentes mais incuráveis, e consolou os mais aflitos.

Bastou-lhe dizer a Maria Madalena: «*Maria!*», para que esta ficasse repleta de alegria e de doçura.

CAPÍTULO XI

A DOÇURA NO COMPORTAMENTO DA SABEDORIA ENCARNADA

VI. A SABEDORIA É DOCE EM TODO O SEU COMPORTAMENTO

123. Jesus, enfim, é doce nas suas acções e em todo o seu comportamento: «*Fez bem todas as coisas*»¹⁶⁶, ou seja, tudo quanto Jesus Cristo fez, realizou-o com tal mestria, sabedoria, santidade e doçura, que não é possível encontrar-lhe qualquer defeito ou falha.

Vejamos agora com quanta doçura esta amável Sabedoria encarnada se comportou em relação aos outros.

124. Os pobres e as crianças seguiam-na por toda a parte, considerando-a uma entre elas. Viam nesse querido Salvador tanta simplicidade, benignidade, condescendência e caridade que

¹⁶⁶ Mc 7,37.

se acotovelavam à sua volta para se aproximarem dele.

Um dia, encontrando-se a pregar numa rua, as crianças, que tinham por hábito estar junto dele, abriram fileiras aos empurrões por entre os ouvintes; e os Apóstolos, que eram os que mais perto estavam de Jesus, afastaram-nas. Jesus, porém, tendo-se apercebido, repreendeu os Apóstolos, dizendo-lhes: «*Deixai vir a Mim as criancinhas*»¹⁶⁷. E quando estas chegaram e se aproximaram, Jesus abraçou-as e abençoou-as.

Oh!... Quão grande doçura e benignidade!

Os pobres, vendo-o vestido pobremente e vendo-o manter a simplicidade em todo o seu comportamento, sem qualquer ostentação ou arrogância, tinham prazer em estar simplesmente com Ele; defendiam-no perante os ricos e orgulhosos que o caluniavam e perseguiram.

Jesus, por seu turno, dirigia-lhes, em todas as ocasiões, milhares de elogios e louvores.

125. Quem poderá explicar a doçura de Jesus para com os pecadores? Veja-se com que delicadeza tratou Madalena, a pecadora! Com que condescendência converteu a Samaritana! E com que misericórdia perdoou a mulher adúltera! Com que amor foi tomar refeições em casa de pecadores públicos, para conquistá-los! Os seus próprios inimigos aproveitaram-se desta sua doçura para persegui-lo, dizendo que, com a sua mansidão, tinha infringido a Lei de Moisés. Para terem também motivos de insulto,

¹⁶⁷ Mc 10,14.

diziam que Ele era amigo de pecadores e publicanos. Com quanta bondade e humildade procurou conquistar-se o coração de Judas, que procurava traí-Lo, a ponto de lavar-lhe os pés e chamá-lo amigo! E, por último, com que caridade pediu a Deus perdão pelos seus carrascos, desculpando-os por não saberem o que faziam!

126. Oh! Como é bela, doce e carinhosa a Sabedoria encarnada! É bela na eternidade já que é esplendor do Pai; é espelho sem mancha e imagem da sua bondade, mais bela que o sol e mais refulgente do que a própria luz. É bela no tempo porque foi formada pelo Espírito Santo, toda pura, sem pecado, sem qualquer defeito e porque, durante a vida, cativou os olhos e os corações dos homens; porque é ela presentemente a glória dos Anjos; ela é terna e doce para com os homens, especialmente para com os pobres pecadores, a quem veio procurar de forma visível sobre a terra, e continua a fazê-lo, todos os dias, de modo invisível.

VII. A SABEDORIA É AINDA DOCE NA GLÓRIA

127. Não se pense que Jesus, por estar hoje glorioso e triunfante, seja menos doce e condescendente! Bem ao contrário; a sua glória, de certa maneira, aperfeiçoa a sua doçura. Ele deseja não tanto parecer, mas sim perdoar; não tanto ostentar as riquezas da glória, mas sobretudo as da misericórdia.

128. Se leres o testemunho dos acontecimentos verás que, quando a Sabedoria encarnada e gloriosa apareceu aos seus amigos, não o fez entre raios e trovões, mas de forma suave e benigna; não assumiu a majestade dum soberano ou a de um Deus dos exércitos, mas sim a ternura dum esposo e a doçura dum amigo.

Algumas vezes manifestou-se na Eucaristia, mas eu não recordo ter alguma vez lido que ela se tenha apresentado doutra forma diferente daquela dum menino terno e gracioso.

129. Algum tempo atrás, um pobre homem, todo zangado por ter perdido o seu dinheiro no jogo, desembainhou a espada contra o céu, culpando o Senhor por aquela súbita derrota.

Facto surpreendente! Em vez de raios e trovões que do céu deveriam ter caído sobre ele, eis que viu descer do céu um pedaço de papel que, zigzagueando, veio cair-lhe aos pés. Surpreendido, apanhou-o; abriu-o e leu: *«Tende piedade de mim, ó Deus»*¹⁶⁸.

Caiu-lhe a espada das mãos e, profundamente comovido no seu coração, prostrou-se por terra, clamando misericórdia.

130. Conta S. Dionísio Areopagita que um bispo, de nome Carpo, depois de muitos esforços, conseguiu converter um idólatra.

Informado, porém, de que outro pagão tinha conseguido depois levá-lo de novo a apostatar,

¹⁶⁸ SI 50(51),1.

decidiu fazer, durante toda uma noite, orações insistentes a Deus para que a injúria feita à Majestade divina fosse vingada e pediu castigo para o culpado. Quando, porém, se encontrava no auge mais caloroso do seu zelo e da sua oração, eis que viu a terra abrir-se de rompante e viu ainda, na orla do inferno, esse apóstata e idólatra que os demónios tentavam empurrar para dentro. Erguendo os olhos ao alto, viu que os céus se abriram e viu vir Jesus Cristo rodeado duma multidão de anjos que, dirigindo-se para ele, disse-lhe: *«Carpo, tu pedes-me vingança. Então não me conheces? Sabes tu, porventura, o que estás a pedir? E não sabes quanto me custaram os pecadores? Porque queres tu que Eu os condene? Mas é que Eu amo-os tanto que, se fosse preciso, Eu estaria disposto a morrer por cada um deles, uma segunda vez»*. E, aproximando-se mais de Carpo, mostrou-lhe as costas denudadas, dizendo-lhe: *«Carpo, se queres vingança, bate em mim, de preferência a maltratares o pecador!»*¹⁶⁹

131. Assim sendo, como não haveremos de amar a Sabedoria eterna? Ela amou-nos e amou-nos mais do que à sua própria vida, e a sua beleza e doçura ultrapassam tudo quanto existe de belo e doce tanto no céu como na terra.

¹⁶⁹ Dionísio de Areopagita, Epístola VIII, Demophilo Monacho, De propria operatione et clementia, n.º 5, PG 3, 1098-1099.

132. Conta-se na vida do beato Henrique Susão que um dia a Sabedoria — por ele tão ardentemente desejada — apareceu-lhe da seguinte maneira: tinha uma forma corpórea, estava rodeada duma nuvem branca e transparente, sentada sobre um trono de marfim e com um resplendor no rosto e nos olhos, semelhante aos raios de sol em pleno meio-dia. A sua coroa era a eternidade; o seu manto, a felicidade; sua palavra, a suavidade. E os seus abraços davam origem à plenitude de felicidade em todos os bem-aventurados.

Henrique contemplou-a em todo esse aspecto. Mas o que mais o maravilhou foi o constatar que, por vezes, ela aparecia como uma formosa donzela, um verdadeiro milagre de beleza do céu e da terra; outras vezes via-se levantar a cabeça por cima dos céus, ao mesmo tempo que pisava os abismos da terra; umas vezes parecia-lhe que se afastava dele e outras que se lhe aproximava; ora a via majestosa, ora condescendente e benigna, ora doce e cheia de ternura para quantos se abeiravam dela.

Estava-a contemplando assim quando — dirigindo-se a ele — Ela sorriu e disse-lhe: «*Meu filho, dá-me o teu coração!*» Nisto, Henrique, prostrando-se a seus pés, consagrou-lhe de forma irrevogável o seu coração.

A exemplo deste santo homem, façamos, nós também, à Sabedoria eterna e encarnada, um dom irrevogável do nosso coração; é tudo quanto ela nos pede.

CAPÍTULO XII

PRINCIPAIS ORÁCULOS DA SABEDORIA ENCARNADA EM QUE É PRECISO ACREDITAR E OBSERVAR PARA NOS SALVARMOS¹⁷⁰

133.

- 1) *Se alguém quer vir após Mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz cada dia e siga-Me (Lc 9,23).*

¹⁷⁰ Este capítulo não é uma simples e casual justaposição de passagens do Evangelho. Constitui, isso sim, a parte central e fundamental da presente obra de Montfort. O santo autor vai à própria fonte do Senhor e recolhe aí, de viva voz, os pontos essenciais e as directrizes pelas quais se deverão nortear todos quantos desejarem viver a sério em conformidade e união com Jesus Cristo, Sabedoria eterna e encarnada. O que interessa ao autor é que pratiquemos os ensinamentos da Sabedoria (ASE 143; Mt 7,11), e que não fiquemos pela rama, pela teoria. Refira-se ainda que quer S. Bento na sua «Regra» quer Carlos Foucaud no «Directório» recorreram a processo semelhante apoiando, em passagens bíblicas, as suas espiritualidades.

- 2) *Se alguém Me ama, guardará a Minha palavra e o meu Pai o amará e viremos a ele (Jo 14,23).*
- 3) *Portanto, se estiveres para trazer a tua oferta ao altar e ali te lembrares de que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa a tua oferta ali diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão (Mt 5,23-24).*

134.

- 4) *Se alguém vem a Mim e não deixa seu pai, sua mãe, sua mulher, filhos, irmãos, irmãs e até a própria vida, não pode ser Meu discípulo (Lc 14,26).*
- 5) *Todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou filhos, ou terras, por causa do Meu nome, receberá cem vezes mais e herdará a vida eterna (Mt 19,21).*
- 6) *Se queres ser perfeito vai, vende os teus bens e dá-os aos pobres, e terás um tesouro nos Céus (Mt 19,21).*

135.

- 7) *Nem todo aquele que Me diz «Senhor, Senhor» entrará no Reino dos Céus, mas sim aquele que pratica a vontade de Meu Pai que está nos Céus (Mt 7,21).*

- 8) *Todo aquele que ouve as Minhas palavras e as põe em prática será considerado um homem sensato que construiu a sua casa sobre a rocha (Mt 7,24).*
- 9) *Em verdade vos digo: se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, não entrareis no Reino dos Céus (Mt 18,3).*
- 10) *Aprendeí de Mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para as vossas almas (Mt 11,29).*

136.

- 11) *Quando orardes, não sejais como os hipócritas que gostam de rezar, de pé, nas sinagogas... para serem vistos pelos homens (Mt 6,5).*
- 12) *Quando rezardes, não abuseis das palavras... já que o Vosso Pai celeste sabe muito bem do que tendes necessidade, muito antes que lho peçaís (Mt 6,7-8).*
- 13) *Quando estiverdes a rezar, se tiverdes alguma coisa contra alguém, perdoai-lhe, para que também o vosso Pai que está nos céus vos perdoe as vossas ofensas (Mc 11,25).*
- 14) *Tudo quanto pedirdes na oração, crede que o recebestes, e assim será para vós (Mc 11,24).*

137.

15) Quando jejuardes, não tomeis um ar sombrio como fazem os hipócritas, que desfiguram o rosto para fazer ver aos homens que jejuam. Em verdade vos digo: já receberam a sua recompensa (Mt 6,16).

138.

16) Haverá maior alegria no céu por um só pecador que se converta, do que por noventa e nove justos que não necessitam de conversão (Lc 15,7).

17) Eu não vim chamar os justos, mas sim os pecadores, ao arrependimento (Lc 5,32).

139.

18) Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque é deles o reino dos céus (Mt 5,10).

19) Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, quando vos rejeitarem, insultarem... por causa do Filho do Homem. Alegrai-vos porque, assim, será grande a vossa recompensa no céu (Lc 6,22-23).

20) Se o mundo vos odeia, sabeí que, primeiro, Me odiou a Mim. Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; mas, porque não sois do mundo... por isso o mundo vos odeia (Jo 15,18-19).

140.

21) Vinde a Mim todos os que estais cansados e oprimidos e Eu vos aliviarei (Mt 11,28).

22) Eu sou o pão vivo, descido do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. O pão que Eu darei é a minha carne... (Jo 6,51).

23) A minha carne é verdadeira comida e o meu sangue é verdadeira bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em Mim e Eu nele (Jo 6,55-56).

141.

24) Sereis odiados de todos por causa do Meu nome. Mas nem um só cabelo da vossa cabeça se perderá (Lc 21,17-18).

142.

25) Ninguém pode servir a dois senhores: ou odiará um, amando o outro, ou se apegará ao primeiro, desprezando o segundo (Mt 6,24).

143.

26) É do coração que procedem as más intenções... São essas coisas que tornam o homem impuro, mas o comer sem lavar as mãos não o torna impuro (Mt 15,19-20).

27) O homem bom, do seu bom tesouro tira coisas boas, mas o homem mau, do seu mau tesouro tira coisas más (Mt 12,35).

144.

- 28) *Quem, depois de deitar a mão ao arado, olhar para trás, não é apto para o Reino de Deus (Lc 9,26).*
- 29) *Até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados... Vós valeis mais do que muitos passarinhos Lc 12,7).*
- 30) *Deus não enviou o seu Filho ao mundo para julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele (Jo 3,17).*

145.

- 31) *Todo aquele que faz o mal odeia a luz, e não se aproxima da luz para que as suas obras não fiquem a descoberto (Jo 3,20).*
- 32) *Deus é espírito e aqueles que O adoram devem adorá-Lo em espírito e verdade (Jo 4,24).*
- 33) *É o espírito que dá a vida, a carne não serve para nada; as palavras que Eu vos disse são espírito e vida (Jo 6,63).*
- 34) *Todo aquele que comete o pecado é escravo do pecado. Ora o escravo não fica na sua casa para sempre (Jo 8,34-35).*
- 35) *Quem é fiel no pouco, também é fiel no muito; e quem é infiel no pouco também é infiel no muito (Lc 16,10).*

- 36) *É mais fácil passar o céu e a terra do que uma só vírgula cair da Lei (Lc 16,17).*
- 37) *Brilhe a vossa luz diante dos homens, para que, vendo as vossas boas obras, eles glorifiquem Vosso Pai que está nos Céus (Mt 5,16).*

146.

- 38) *Se a vossa justiça não exceder a dos escribas e a dos fariseus, não entrareis no Reino dos Céus (Mt 5,20).*
- 39) *Se o teu olho for para ti ocasião de pecado, arranca-o e lança-o fora, pois é melhor perder-se um dos teus membros, do que todo o corpo ser atirado à Geena (Mt 5,29).*
- 40) *O Reino dos Céus sofre violência e os violentos apoderaram-se dele (Mt 11,12).*
- 41) *Não acumuleis tesouros na terra, onde a ferrugem e a traça os corroem, e onde os ladrões arrombam e roubam, mas ajuntai para vós tesouros no Céu... onde os ladrões não arrombam e não roubam (Mt 6,19-20).*
- 42) *Não julgueis para não serdes julgados, pois, conforme o juízo com que julgardes, assim sereis julgados (Mt 7,1-2).*

147.

43) *Guardai-vos dos falsos profetas, que vêm a vós disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos ferozes. Pelos seus frutos os reconheceréis (Mt 7,15-16).*

44) *Não desprezeis nenhum destes pequeninos, porque Eu vos digo que os seus Anjos nos céus vêm continuamente a face de Meu Pai que está nos céus (Mt 18,10).*

45) *Vigiai, pois, porque não sabeis nem o dia nem a hora em que o Senhor virá (Mt 25,13).*

148.

46) *Não tenhais medo dos que matam o corpo e depois disso nada mais podem fazer...; temei, sim, aquele que depois de matar tem o poder de lançar na Geena (Lc 12,4-5).*

47) *Não vos preocupeis com a vida, quanto ao que haveis de comer; nem com o corpo quanto ao que haveis de vestir... O Vosso Pai sabe do que tendes necessidade (Lc 12,22.30).*

48) *Nada há oculto que não venha a tornar-se manifesto, e nada em segredo que não venha a ser conhecido (Lc 8,17).*

149.

49) *Aquele que quiser tornar-se grande entre vós seja aquele que serve; e o que quiser ser o*

primeiro dentre vós, seja o vosso servo (Mt 20,26-27).

50) *Como é difícil a quem tem riquezas entrar no Reino de Deus! (Mc 10,23).*

51) *É mais fácil um camelo entrar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus (Lc 18,25).*

52) *Eu, porém, digo-vos: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem (Mt 5,44).*

53) *Mas ai de vós, os ricos, porque recebestes a vossa consolação (Lc 6,24).*

150.

54) *Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que seguem por ele. Como é estreita a porta e quão apertado é o caminho que conduz à vida, e como são poucos os que o encontram! (Mt 7,13-14).*

55) *Os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos (Mt 20,16).*

Porque muitos são chamados e poucos escolhidos (Mt 22,14).

A felicidade está mais em dar do que em receber (Act 20,35).

56) *Se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra. E se alguém quiser*

pleitear contigo para te tirar a túnica dá-lhe também a capa (Mt 5,39-40).

57) Depois disse-lhes uma parábola sobre a obrigação de orar sempre, sem desfalecer (Lc 18,1).

Vigiai e orai para não cairdes em tentação (Mt. 26,41).

58) Todo aquele que se exalta será humilhado, e o que se humilha será exaltado (Lc. 14,11).

59) Dai antes de esmola o que está dentro e, para vós, tudo ficará limpo (Lc 11,41).

60) Se a tua mão ou o teu pé são para ti ocasião de pecado, corta-os e lança-os para longe de ti: mais te vale entrares na vida manco ou coxo do que, tendo as duas mãos ou os dois pés, seres lançado no fogo eterno. E se o teu olho é para ti ocasião de pecado, arranca-o e lança-o para longe de ti: mais te vale entrares com um só olho na vida, do que, tendo os dois olhos, seres lançado na Geena do fogo (Mt 18,8-9).

151.

61) AS OITO BEM-AVENTURANÇAS:

1. Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos Céus.
2. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.

3. Bem-aventurados os humildes, porque possuirão a terra.

4. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.

5. Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.

6. Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.

7. Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus.

8. Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque deles é o reino dos Céus (Mt 5,3-10).

152.

62) Eu Te bendigo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos inteligentes e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque isso foi do Teu agrado (Mt 11,25-26).

153. Aqui temos, pois, o resumo das grandes e importantes verdades que a Sabedoria eterna veio pessoalmente ensinar-nos sobre a terra, após, Ela mesma, as ter posto em prática; fez isso para nos arrancar da cegueira e desconcerto a que os nossos próprios pecados nos tinham conduzido.

Bem-aventurados aqueles que entenderem estas verdades!

Mas, mais bem-aventurados ainda, aqueles que as puserem em prática e as ensinarem aos outros; estes brilharão no céu como estrelas, por toda a eternidade¹⁷¹.

¹⁷¹ Cfr. Dan 12,3: «Os que tiverem sido sensatos resplandecerão como a luminosidade do firmamento, e os que tiverem levado muitos aos caminhos da justiça brilharão como estrelas com um esplendor eterno».

Observe-se como Montfort, nestas suas notas conclusivas, revela claramente o cunho pastoral do seu livro. Com um coração missionário, o Autor impele o leitor a dar à Revelação do Pai (n. 152) a *obediência da fé*, que se abandona a Cristo Sabedoria com pleno consentimento do seu intelecto e sua vontade. Desta união com Cristo extrai força e alimento para operar em caridade, que é a alma de todo o apostolado.

CAPÍTULO XIII

RESUMO DOS SOFRIMENTOS INAUDITOS QUE A SABEDORIA ENCARNADA QUIS PADECER POR NOSSO AMOR

I. O MOTIVO MAIS FORTE PARA AMAR A SABEDORIA

154. Entre todos os motivos que nos podem impulsionar a amar Jesus Cristo, a Sabedoria encarnada, o mais poderoso, em minha opinião, são os sofrimentos que aceitou padecer para nos testemunhar o seu amor.

«Existe — diz S. Bernardo — um motivo que supera todos os outros, que me impele mais sensivelmente, e me estimula a amar mais a Jesus Cristo: é o cálice de amargura que Vós, ó Senhor, quisestes beber por nós. É a obra da redenção que Vos torna amável aos nossos corações; com efeito, este bem imenso e este testemunho incomparável da Vossa caridade,

conquistam facilmente a nossa. Atraem-nos mais suavemente, interpelam-nos com mais justiça, estimulam-nos mais de perto e cativam-nos mais fortemente.»

E, em breves palavras, resume os motivos: «porque este amável Salvador trabalhou e sofreu muito para alcançar a nossa salvação. Oh!... quantas penas e angústias teve Ele que padecer!»¹⁷²

II. AS CIRCUNSTÂNCIAS DA PAIXÃO DE CRISTO-SABEDORIA

155. Na verdade, aquilo que fará com que nós vejamos com mais nitidez o amor infinito da Sabedoria para conosco, são as circunstâncias que acompanham os seus sofrimentos.

1) A primeira consiste na excelência da sua pessoa, que dá valor infinito a todos os sofrimentos da sua paixão. Se Deus tivesse enviado um Serafim ou um Anjo do mais alto coro para que, tornando-se homem, viesse a morrer por nós, sem dúvida que isso teria sido um facto admirável e digno da nossa perpétua gratidão.

¹⁷² S. Bernardo, em «Cantica canticorum», sermo 20; «De triplici modo dilectionis qua Deum diligimus», n.º 2, PL 183,867.

Porém, que o mesmo Criador do céu e da terra, o Filho unigénito de Deus, a Sabedoria eterna, se tenha encarnado e tenha dado a sua vida — que, a seu lado, a vida de todos os anjos, de todos os homens e de todas as criaturas juntas é infinitamente menos digna de consideração do que a vida de um só mosquito comparada à de todos os reis da terra — sim, quão grande é o excesso de amor que surge neste mistério e qual não deverá ser a nossa admiração e reconhecimento!

156.

2) A segunda circunstância está na qualidade das pessoas pelas quais Cristo-Sabedoria sofre. Trata-se de homens, criaturas desprezíveis e inimigos seus, de quem, pois, nada havia a temer e tão-pouco a esperar.

Já houve, é verdade, casos de amigos que deram a vida pelos seus amigos; mas será que já alguém — exceptuando o Filho de Deus — tenha dado a vida pelos seus inimigos?

«Deus, porém, demonstra o Seu amor para conosco, pelo facto de Cristo ter morrido por nós, quando ainda éramos pecadores»¹⁷³.

¹⁷³ Rom 5,8.

157.

3) A terceira circunstância está na quantidade, gravidade e duração dos seus sofrimentos. Foi tal a quantidade dos seus tormentos que veio a ser apelidado de *homem das dores*¹⁷⁴, no qual, *desde a planta dos pés até ao cimo da cabeça, não há nada nele sem ferimento*¹⁷⁵.

Este querido amigo de nossas almas sofreu de todas as maneiras: padecimentos exteriores e interiores, no corpo e na alma¹⁷⁶.

158. Sofreu nos seus bens. Sem pretender lembrar a pobreza no seu nascimento, a fuga para o Egipto e conseqüente permanência ali, e a pobreza em toda a vida, pense-se, sobretudo, o que sofreu na sua Paixão: foi despojado pelos soldados que dividiram os seus vestidos, tirando-os à sorte; e, desnudado, foi pregado à cruz, sem que se lhe tenha deixado um pobre farrapo para se cobrir.

159. Sofreu na sua honra e reputação. Foi carregado de opróbrios; chamaram-lhe: blasfemo, sedicioso, bêbado, glutão, endemoninhado: foi vilipendiado na sua sabedoria, porque o consideraram ignorante e impostor, e foi tratado como se fosse louco e insensato.

¹⁷⁴ Is 53,3.

¹⁷⁵ Is 1,6.

¹⁷⁶ Cfr. São Tomás, III, q. 46, a. 5-7.

Foi ultrajado no seu poder já que o consideraram como um mago e feiticeiro, capaz de operar falsos milagres por trabalhar, diziam eles, em união ao poder do demónio.

Sofreu por causa dos discípulos. Um vendeu-o e traiu-o; o primeiro entre eles negou-o, e os outros abandonaram-no.

160. Sofreu por parte de todas as categorias de pessoas: reis, governantes, juizes, pessoal da corte, soldados, pontífices, sacerdotes, eclesiásticos e leigos, judeus e pagãos, homens e mulheres. Enfim, por parte de todos, sem excepção. Até sua santa Mãe lhe aumentou de forma terrível os seus tormentos, quando a viu estar presente à sua morte, junto à cruz, destrocada por uma infinita angústia.

161. O nosso amabilíssimo Salvador padeceu em todos os membros do seu corpo: a sua cabeça foi coroada com uma coroa de espinhos; seus cabelos e barba arrancados; suas faces esbofeteadas; seu rosto coberto de escárnios; seu pescoço e braços amarrados por cordas; suas costas oprimidas e esfaceladas pelo peso da cruz; seus pés e mãos trespassados por pregos; o seu peito e coração rasgados pela lança.

Enfim, numa palavra, todo o seu corpo foi dilacerado, sem piedade, por mais de cinco mil golpes de azorrague, tanto assim que os seus ossos ficaram praticamente descarnados.

Todos os seus sentidos ficaram mergulhados num mar de sofrimento: os *olhos* ficaram assim, devido à troça e zombaria dos seus inimigos e diante ainda das lágrimas e desolação dos amigos; os *ouvidos* devido às injúrias, aos falsos testemunhos, às calúnias e blasfémias horrendas, vomitadas contra Ele por bocas malditas; o *olfacto*, pelo mau cheiro dos escarros atirados para o seu rosto; o *gosto*, devido à sede ardente que, para apagá-la, apenas lhe ofereceram fel e vinagre; o *tacto*, devido aos ingentes tormentos provocados pelas chicotadas, pelos espinhos e pelos pregos.

162. A santíssima alma de Jesus viu-se gravemente atormentada pelos pecados de todos os homens — como outros tantos ultrajes infligidos ao Pai que amava infinitamente — e também devido à condenação de tantas e tantas almas que, não obstante sua Paixão e morte, se iriam condenar. Sentia compaixão não apenas de todos em geral, mas também de cada um em particular, dado que a todos conhecia individualmente.

Também a duração das dores serviu para lhe aumentar o tormento. Sofreu desde o dia do seu concebimento até à morte, uma vez que Jesus — na luz infinita da Sabedoria — via tudo com distinção e tinha diante de Si todos os tormentos que teria de vir a padecer.

Acrescentemos ainda, a estes tormentos, o mais cruel e espantoso de todos: precisamente o abandono quando estava na Cruz, tendo

exclamado: «Meu Deus, meu Deus, porque Me abandonaste»¹⁷⁷?

III. O AMOR SUPREMO DA SABEDORIA NOS SEUS PADECIMENTOS

163. Por tudo quanto foi dito, teremos de concluir com S. Tomás e os Santos Padres, que o bom Jesus sofreu imensamente mais do que todos os mártires que existiram ou que vierem a existir até ao fim do mundo.

Se, pois, até o mais pequeno tormento do Filho de Deus tem mais mérito e deverá comover-nos mais do que se todos os anjos e homens tivessem morrido aniquilados por nós — qual não deverá ser, então — a nossa gratidão e o nosso amor para com Aquele que, por nós, sofreu tudo o que uma criatura pode sofrer e com extremo amor, apesar de não estar obrigado a isso.

«O Qual, pela alegria que Lhe fora proposta, suportou a cruz»¹⁷⁸. Ou seja, Jesus Cristo, a Sabedoria eterna — dizem os Santos Padres — apesar de ter podido quedar-se lá em cima, na glória do Paraíso, infinitamente distanciado das nossas misérias, preferiu vir à terra, tornar-se homem e deixar-se crucificar por nós.

¹⁷⁷ Mt 27,46. Temos aqui, em Jesus, um grito de profunda angústia, que não é desespero. Temos um lamento semelhante no Salmo 22,2.

¹⁷⁸ Heb 12,2.

Depois de ter assumido um corpo, poderia tê-lo ainda revestido com a glória e felicidade de que agora goza.

Porém, não quis proceder assim, para poder sofrer.

164. Acrescenta Ruperto que o Pai eterno ofereceu a seu Filho, no momento da encarnação, a possibilidade de escolha entre salvar o mundo pela via do prazer ou pela via dos tormentos, através das honras ou dos desprezos, pelo caminho da riqueza ou da pobreza, pela vida ou pela morte. Desta forma, se tivesse optado por resgatar a humanidade e conduzi-la ao Paraíso através da via das alegrias, das delícias, dos prazeres, com honrarias e riquezas, gloriosa e triunfantemente, pois tê-lo-ia podido fazer.

Porém, Ele escolheu os padecimentos e a Cruz para dar assim maior glória ao Pai e dar também assim o testemunho dum maior amor para com os homens.

165. Mais ainda: Ele amou-nos de tal maneira que, em vez de se aliviar os tormentos, preferiu mil vezes mais prolongá-los e suportá-los.

Foi por isso que, estando na Cruz, saturado de opróbrios e aniquilado pelos sofrimentos, como se não bastasse, exclamou: «Tenho sede». Mas de que sede se tratava?

S. Lourenço Justiniano refere que «esta sede jorrava do ardor do seu amor, da torrente e da superabundância da sua caridade. Tinha sede

de nós e suspirava por dar-se a nós, por sofrer por nós»¹⁷⁹.

IV. CONCLUSÃO

166. Depois de tudo quanto temos vindo a dizer, teremos certamente motivos de sobra para exclamar com S. Francisco de Paula:

«Ó caridade! Ó Deus da caridade! A caridade que demonstraste em sofrer e morrer é deveras excessiva!»

Ou então, com Santa Maria Madalena de Pazzi que, abraçada ao crucifixo, exclamava: «Ó amor, amor! Quão pouco és conhecido!»

Ou ainda, com S. Francisco de Assis que, arrastando-se pela lama dos caminhos, dizia: «Ah! Jesus, o meu amor crucificado, não é conhecido! Jesus, meu amor, não é amado!»

Sim, na verdade, a Santa Igreja faz-nos reflectir todos os dias com razões de sobra: «O mundo não O conheceu». O mundo não conheceu Jesus Cristo, a Sabedoria encarnada. E, para dizer a verdade, conhecer o que Nosso Senhor padeceu por nós e não amá-Lo ardentemente — como aliás faz o mundo —, é algo moralmente impossível.

¹⁷⁹ Em «De triumphali Christi agone», cap. 19 (Opera omnia).

CAPÍTULO XIV

O TRIUNFO DA SABEDORIA ETERNA NA CRUZ E PELA CRUZ

167. Eis aqui, em minha opinião, o maior *segredo do rei*¹⁸⁰, o maior mistério da Sabedoria eterna: A CRUZ.

I. A SABEDORIA E A CRUZ

Oh! Como são distantes e diferentes os pensamentos e os caminhos da Sabedoria eterna em comparação com os dos homens, inclusive os dos mais inteligentes!

Este Deus soberano quer resgatar o mundo, afugentar e acorrentar os demónios, encerrar o inferno, abrir o céu aos homens e tributar ao Pai uma glória infinita.

Eis aqui um projecto ambicioso, uma obra difícil, um empreendimento árduo. E com que

¹⁸⁰ Tob 12,7.

meios actuará a Sabedoria? Sim, com o seu conhecimento atinge o universo de uma ponta à outra, tudo ordenando com vigor e suavidade¹⁸¹, tem um braço onnipotente e, num ápice, pode destruir tudo o que se lhe opõe e fazer o que lhe apetece; pode arrasar ou criar com uma simples palavra saída da sua boca.

Que estou eu a dizer? Basta-lhe querer para que tudo se faça.

168. É o seu amor, porém, quem manda na sua onnipotência. Decidiu encarnar para testemunhar assim aos homens a sua amizade. Decidiu descer em pessoa à terra para subir com eles ao Paraíso.

Assim seja! Porém, mas será que esta Sabedoria encarnada irá aparecer gloriosa e triunfante, acompanhada por milhões e milhões de anjos, e com estes exércitos, e com este esplendor e majestade, sem pobreza, sem infâmias, sem humilhações nem fraquezas, abaterá todos os seus inimigos e conquistará os corações dos homens com os seus atractivos, as suas delícias, as suas grandezas e as suas riquezas?

Nada disso! Isso seria impensável! A Sabedoria vê algo que, para os judeus, é objecto de escândalo e horror, e para os pagãos é lou-

¹⁸¹ Sab 8,1: «Ela estende o seu vigor de uma extremidade à outra e governa todas as coisas com suavidade».

cura¹⁸²; vê um pedaço de madeira, vil e desprezível, como instrumento de humilhação para os maiores criminosos e, para os mais infelizes, vê o chamado patíbulo, a forca ou a cruz, e é sobre esta que ela irá fixar o seu olhar: compraz-se nela, prefere-a a tudo o que há de mais sublime e esplêndido no céu e na terra, tornando-a na arma das suas conquistas e no ornamento da sua majestade, na riqueza e delícias do seu império, na amiga e esposa do seu coração.

*«Ó abismo da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus!»*¹⁸³

Quão surpreendente é a sua escolha!

Como são incompreensíveis e sublimes os seus desígnios e juízos!

E como é inefável o seu amor pela cruz!

169. A Sabedoria encarnada amou a cruz desde a mais tenra idade: *«Eu a amei e busquei desde a minha juventude»*¹⁸⁴. Mal tinha entrado no mundo e logo a recebeu das mãos do Pai, no seio de sua Mãe; colocou-a no centro do coração para que aí reinasse e disse-lhe: *«Meu Deus, este é o meu desejo, eu quero ter a tua lei dentro das minhas entranhas»*¹⁸⁵.

¹⁸² 1 Cor 1,23: «Nós pregamos a Cristo crucificado escândalo para os judeus e loucura para os gentios».

¹⁸³ Rom 11,33.

¹⁸⁴ Sab 8,2.

¹⁸⁵ Sl 40(39),9.

Ó Deus e meu Pai, eu escolhi esta cruz quando estava ainda no teu seio; e escolho-a agora, de novo, no seio de minha Mãe!

Amo-a com todas as minhas forças e coloco-a no centro do meu coração a fim de que seja ela a minha esposa e rainha¹⁸⁶.

170. Procurou-a fervorosamente durante toda a sua vida.

Se ela — qual veado sedento — corria de cidade em cidade e de aldeia em aldeia; se ela caminhava, a passos de gigante, para o Calvário; se ela, tão frequentemente, falava dos seus sofrimentos e da sua morte aos seus Apóstolos e aos seus discípulos e até aos seus profetas, na sua transfiguração; se ela exclamava tantas vezes: «*Desejei ardentemente...*»¹⁸⁷; enfim, todas estas corridas, todo este ardor, todas estas buscas, todos estes desejos já tendiam para a cruz. Ela considerava que o ponto culminante da sua glória e da sua maior felicidade seria morrer em seus braços.

Por isso a desposou com um amor inefável, na encarnação; carregou-a e procurou-a com indizível alegria durante toda a sua vida que, aliás, foi uma cruz contínua¹⁸⁸. E, depois de ter feito tantos esforços para chegar a abra-

¹⁸⁶ Sab 8,2: «Procurei tomá-la como esposa e enamorei-me dos seus encantos».

¹⁸⁷ Lc 22,15.

¹⁸⁸ Cfr. Imitação de Cristo, liv. 2, cap. 12, n.º 7: «Toda a vida de Cristo foi uma cruz e martírio».

çá-la e morrer nela, no Calvário — *como me angustio até que esteja consumado* —¹⁸⁹, eis que exclamava: «Que é que me impede? Que é que me detém? Porque será que não te posso abraçar ainda, querida cruz do Calvário?»

171. Finalmente, ela conseguiu satisfazer os seus desejos: foi coberta de opróbrios; foi ainda pregada e colada à cruz, e morreu com alegria nos braços da sua querida amiga, como sobre um leito feito de honras e triunfos.

172. Não se pense que, após a sua morte, e para melhor triunfar, ela se tenha desprendido da cruz ou que tenha rejeitado a própria cruz. Pelo contrário! Ela continuou tão unida, e como que tão incorporada à cruz, que não há anjo, nem homem, nem qualquer outra criatura no céu ou na terra que possam separá-los. O seu vínculo é indissolúvel, a sua aliança é eterna: «*jamais a Cruz sem Jesus nem Jesus sem a Cruz!*»

Pela sua morte, a Sabedoria encarnada tornou de tal maneira gloriosas as ignomínias da cruz, e de tal maneira ricas a sua nudez e pobreza, e agradáveis os tormentos e atraentes os rigores dos mesmos, que Ela, por assim dizer, acabou por divinizar essa mesma cruz, tornando-a adorável aos anjos e aos homens e deu ordens para que todos os seus súbditos a

¹⁸⁹ Lc 12,50.

adorem com Ela. Esta não quer que a honra da adoração, mesmo que relativa, seja prestada às outras criaturas, por mais excelsas que sejam, como a sua própria Mãe; essa grande honra é reservada e devida somente à sua amada Cruz.

No grande dia do Juízo, cessarão todas as relíquias dos santos, mesmo as dos mais eminentes, porém, no que toca às da sua Cruz, a Sabedoria divina ordenará aos primeiros coros de Serafins e Querubins para irem, pelo mundo afora, procurar e recolher todos os pedaços da Cruz verdadeira que, graças à sua amorosa onnipotência, serão reunidos, não construindo senão uma única Cruz, ou seja, Aquela em que a própria Sabedoria divina morreu. E fará com que essa Cruz seja transportada em triunfo pelos Anjos, que entoarão cânticos de alegria. Ela far-se-á preceder por essa Cruz, pousada em cima da nuvem mais brilhante e, com ela e por ela, julgará o mundo¹⁹⁰.

Quão grande alegria sentirão então os amigos da Cruz¹⁹¹, ao contemplá-la; e qual não será o desespero de seus inimigos por não poderem suportar a visão de Cruz tão resplandecente e aterradora e gritarão às montanhas para que caíam sobre eles, e aos infernos, que os engulam!

¹⁹⁰ Cfr. Breviário romano, 14 Setembro, Nona: «O Sinal da cruz aparecerá no céu quando o Senhor vier para julgar».

¹⁹¹ Recorde aqui a carta circular de Montfort aos Amigos da cruz.

II. A CRUZ EM RELAÇÃO A NÓS

173. Enquanto espera o grande dia do seu triunfo no juízo final, a Sabedoria eterna quer que a Cruz seja a insígnia, a marca e a arma de todos os seus eleitos.

Ela não reconhece como filho quem não a tiver como sua insígnia; nem como discípulo a quem não trouxer na frente a sua marca e sem disso se envergonhar, sem protestar no coração ou com os ombros e sem a arrastar ou rejeitar. Ela diz: «*Se alguém quer vir após Mim, renegue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me*»¹⁹².

Ela não aceita como soldado quem não a toma como arma para se defender, para atacar, para abater e esmagar todos os seus inimigos, dizendo-lhes: «*Soldados, tende confiança; eu venci o mundo!*»¹⁹³; eu, o vosso capitão, venci os meus inimigos pela cruz, e vós também haveis de vencê-los com o mesmo sinal: «*in hoc signo vinces*»¹⁹⁴!

174. Ela concentrou na Cruz tantos tesouros, tantas graças, tanta vida e alegria que não a dá a conhecer senão aos seus mais favoritos.

Ela revela frequentemente aos seus amigos, por exemplo aos seus Apóstolos¹⁹⁵, todos os

¹⁹² Mt 16,24.

¹⁹³ Jo 16,33.

¹⁹⁴ Frase que a história atribui ao imperador cristão Constantino, antes da batalha de Ponte Milvio.

¹⁹⁵ Cfr. Jo 15,15.

seus outros segredos, mas não certamente os da Cruz, a não ser que os tenham merecido por uma grande fidelidade e muitas fadigas.

Oh! como é necessário ser humilde, pequeno, mortificado, interior e desprezado pelo mundo, para se conhecer o mistério da Cruz que, ainda hoje — e não apenas entre os judeus e os pagãos, os maometanos e os heréticos, os sábios do mundo e os maus católicos, mas também entre as pessoas consideradas devotas e até muito devotas —, continua a ser objecto de escândalo, de loucura, de desprezo e de fuga; e isto, não é especulação, apesar de nunca como hoje se falar e se escrever tanto acerca da beleza e da excelência da Cruz; mas isto é bem real, uma vez que se tem medo, uma vez que se chora, se desculpa e se foge, sempre que seja preciso sofrer qualquer coisa.

Certo dia, contemplando a beleza da Cruz, assim se exprimiu a Sabedoria encarnada num arrebatamento de alegria:

*«Eu Te bendigo, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos inteligentes e as revelaste aos pequeninos.»*¹⁹⁶

175. Se o conhecimento do mistério da Cruz é já uma graça tão excelsa, que dizer do júbilo em gozá-la e possuí-la na realidade! Mas isso é

¹⁹⁶ Lc 10,21.

um dom que a Sabedoria eterna concede apenas aos seus maiores amigos, e isso após muitas preces, desejos e súplicas. Por mais excelente que seja o dom da fé, pelo qual agradamos a Deus, aproximamo-nos dele e vencemos os seus inimigos, e sem a qual condenar-nos-íamos¹⁹⁷, a Cruz é um dom bem maior ainda.

S. Pedro — diz S. João Crisóstomo¹⁹⁸ — foi bem mais feliz por ter estado na prisão por Jesus Cristo do que por ter estado na glória do Tabor; sentiu maior glória por ter trazido cadeias a seus pés do que pelas chaves do Paraíso em suas mãos.

E S. Paulo considera também ser maior glória o facto de ser acorrentado pelo seu Salvador do que ser arrebatado ao terceiro céu¹⁹⁹...

Deus concedia maior graça aos apóstolos e aos mártires, dando-lhes a sua Cruz para ser

¹⁹⁷ Leia esta observação de Montfort à luz do Vaticano II / Lumen Gentium, n. 16: «Aqueles que não receberam ainda o Evangelho, estão de uma forma ou outra orientados para o povo de Deus... Deus tão-pouco está longe daqueles que procuram o Deus desconhecido nos fantasmas e nos ídolos, já que é Ele quem a todos dá vida, respiração e tudo o mais e, como Salvador, quer que todos os homens se salvem. Com efeito, aqueles que, ignorando sem culpa o Evangelho de Cristo e a sua Igreja, procuram, contudo, a Deus, com coração sincero, e se esforçam, sob o influxo da graça, por cumprir a sua vontade manifestada pelo ditame da consciência, também eles podem alcançar a salvação eterna.»

¹⁹⁸ Commentarium in Epistola ad Ephesios, hom VIII, cap. IV, n. 1.

¹⁹⁹ Gal 6,14.

carregada nas humilhações, na pobreza e nos tormentos mais cruéis do que dando-lhes o dom dos milagres e da conversão do mundo inteiro.

Todos aqueles a quem a Sabedoria eterna foi comunicada, desejaram todos a Cruz, procuraram-na e abraçaram-na e, quando se lhes proporcionava alguma ocasião de sofrer, do fundo do seu coração exclamavam com Sto. André: «Ó Cruz amada, há tanto tempo desejada!»

176. A Cruz é boa e preciosa por uma infinidade de razões:

- 1) porque nos torna semelhantes a Jesus Cristo;
- 2) porque nos torna filhos dignos de Deus Pai, membros dignos de Jesus Cristo e templos dignos do Espírito Santo. Deus Pai corrige todos aqueles que adopta como filhos. É uma questão de princípio: «O Senhor corrige os que ama e castiga todos aqueles que reconhece por filhos»²⁰⁰.

O Filho aceita como seus somente aqueles que carregam a Cruz. O Espírito Santo talha e dá polimento a todas as pedras vivas da Jerusalém celeste, isto é, aos predestinados²⁰¹;

²⁰⁰ Heb 12,6.

²⁰¹ Cfr. Breviário romano, «Comum da dedicação de uma igreja», no hino de Vésperas.

3) a Cruz é boa porque ilumina a inteligência, dando-lhe mais compreensão do que todos os livros do mundo: «O que não foi posto à prova pouco sabe»²⁰²;

4) a Cruz, quando carregada dignamente, torna-se causa, alimento e prova de amor. Ela acende o fogo do amor divino no coração, desapegando-se das criaturas; conserva e aumenta esse amor e, assim como a lenha alimenta o fogo, assim também a Cruz é alimento do amor. Ela é a prova mais segura do amor a Deus, já que foi essa a prova que o próprio Deus usou para provar o seu amor para com o homem; e é ainda a prova que Deus nos pede para lhe testemunhar que O amamos;

5) a Cruz é boa porque é uma fonte abundante de toda a espécie de doçuras e consolações, e faz brotar na alma a alegria, a paz e a graça;

6) por último, ela é boa porque prepara, para aquele que a carrega, *uma riqueza incomparável de glória eterna*²⁰³.

177. Se conhecêssemos o valor da Cruz, mandaríamos rezar novenas, como fez S. Pedro

²⁰² Ecli 34,10.

²⁰³ 2 Cor 4,17.

de Alcântara²⁰⁴, para alcançar essa deliciosa porção do paraíso. Diríamos, aliás, com Santa Teresa de Ávila: «ou sofrer ou morrer»²⁰⁵; ou com Santa Maria Madalena de Pazzi: «não morrer, mas sofrer»; com S. João da Cruz pediríamos apenas a graça de sofrer algo por Jesus: «padecer e ser desprezado por ti».

Entre todas as coisas da terra a única que é estimada no céu é a Cruz, disse esse Santo, numa aparição após a sua morte, a uma serva de Deus.

E disse Nosso Senhor a um dos seus servos: «Tenho cruces tão preciosas, que são o maior dom que minha Mãe, na sua onnipotência, pode obter de Mim para os seus fiéis servos.»

178. Ó sábios do mundo! Ó homens ilustres da terra! Vós sois incapazes de entender esta linguagem misteriosa. Vós estais demasiadamente apegados aos prazeres, preocupais-vos excessivamente com as vossas comodidades, apreciáis em demasia os bens deste mundo, tendes muito medo dos desprezos e humilhações, enfim, numa palavra, sois muito inimigos da Cruz de Jesus.

É verdade que até estimais e louvais a Cruz, mas em abstracto, na generalidade; mas, da vossa, em particular, vós fugis dela o mais que

²⁰⁴ Nasceu em 1499 em Alcântara e estudou em Salamanca. Tornou-se franciscano e iniciou a reforma da Ordem. Pregou muito em Espanha e Portugal.

²⁰⁵ Ela escreveu: «o morir o padecer».

podeis ou a arrastais a contragosto, murmurando, impacientando-vos com ela, queixando-vos.

Faz-me lembrar as vacas que, a contragosto e mugindo, puxavam o carro com a arca da aliança, onde se encontrava encerrado o que de mais precioso havia no mundo: «*as vacas tomaram directamente o caminho... e seguiram mugindo*»²⁰⁶.

179. «O número dos néscios e dos infelizes é infinito, diz a Sabedoria²⁰⁷, porque infinito é o número daqueles que não conhecem o valor da Cruz e que a carregam a contragosto.

Vós, porém, discípulos verdadeiros da Sabedoria eterna, que passastes por muitas tentações e aflições, que sofreis muitas perseguições por amor à justiça, que sois tratados como a escória do mundo, consolai-vos! Alegrai-vos, rejubilai, já que a Cruz que carregais é um dom precioso que faz inveja aos próprios bem-aventurados, uma vez que eles já não podem carregá-la.

Tudo o que há de honra, glória e virtude em Deus e no seu Espírito Santo repousa sobre vós²⁰⁸, porque a vossa recompensa é grande no céu e até sobre a terra, pelas graças espirituais que a Cruz vos obtém.

²⁰⁶ 1 Sam 6,12.

²⁰⁷ Ecle 1,15.

²⁰⁸ 1 Ped 4,14: «Se sois ultrajados pelo nome de Cristo, bem-aventurados sois vós, porque o espírito de glória, o Espírito de Deus, repousa sobre vós».

III. CONCLUSÃO PRÁTICA

180. Bebei, amigos de Jesus Cristo, bebei do seu cálice de amarguras, e tornar-vos-eis cada vez mais amigos seus. Sofrei com Ele e com Ele sereis glorificados. Sofrei com paciência e, até mesmo, com alegria! Esperai ainda algum tempo e depois, por um átimo de sofrimento, receberéis uma eternidade feliz.

Não vos deixeis enganar: pois, desde o momento que se tornou necessário que a Sabedoria encarnada tivesse de entrar no céu, passando pela Cruz, também para nós, para lá entrar após Ela, é necessário seguir pelo mesmo caminho.

«Seja qual for o lado para onde te voltares — diz a Imitação de Cristo — encontrarás a Cruz!»²⁰⁹

Encontrarás a do predestinado, se a aceitares como deves, ou seja, com paciência e alegria, por amor a Deus; ou a do réprobo, se a carregares com impaciência e de má vontade... como fazem tantos, duplamente infelizes, que serão obrigados a dizer por toda a eternidade, no inferno: trabalhámos e sofremos tanto no mundo e, afinal, eis-nos condenados! «Percorremos desertos intransitáveis»²¹⁰.

²⁰⁹ Liv II, cap. 12, n. 4.

²¹⁰ Sab 5,7.

A verdadeira Sabedoria não se encontra na terra nem no coração daqueles que vivem a seu belo prazer. Ela estabeleceu de tal maneira a sua morada na Cruz que, fora dela, não será possível encontrá-la algures neste mundo; identificou-se e uniu-se de tal maneira à Cruz que se pode afirmar, em verdade: *a Sabedoria é a Cruz e a Cruz é a Sabedoria*.

MÉTODOS PARA SE ALCANÇAR
A DIVINA SABEDORIA

PRIMEIRO MÉTODO PARA SE ALCANÇAR

1. NECESSIDADE
DO DESEJO DA SABEDORIA

181. Até quando, filhos de Adão, ireis o coração duro e voltado para a terra? Até quando deixareis a verdade e procurareis a vaidade? Por que não voltais de vossas costas e os vossos desejos para a divina Sabedoria? Na verdade, não há nada de melhor que se possa desejar do que a mais desejável para se fazer entrar pelo caminho da revelação a uma profunda oração, para se alcançar a verdadeira Sabedoria, que é o tesouro e o festivo da alma. Não há nada de melhor que se possa desejar do que a divina Sabedoria, que é o tesouro e o festivo da alma.

CAPÍTULO XV

MEIOS PARA SE ALCANÇAR A DIVINA SABEDORIA

PRIMEIRO MEIO: UM DESEJO ARDENTE

I. NECESSIDADE DO DESEJO DA SABEDORIA

181. Até quando, filhos dos homens, tereis o coração duro e voltado para a terra? Até quando amareis a vaidade e procurareis a mentira? Porque não voltais os vossos olhos e os vossos corações para a divina Sabedoria? Na verdade, entre todas as coisas que se possam desejar, ela é a mais desejável; para se fazer amar pelos homens ela revela-lhes a sua própria origem, mostra-lhes a sua beleza, exhibe-lhes os seus tesouros e testemunha-lhes, de mil maneiras, os desejos que tem de que eles a desejem e a procurem: *«Anelai, pois, pelas minhas pala-*

uras...²¹² Ela mesma se dá a conhecer aos que a desejam...²¹³ O desejo da Sabedoria conduz à realeza... Honrai a Sabedoria e reinareis eternamente»²¹⁴.

II. QUALIDADES DE TAL DESEJO

182. O desejo da Sabedoria é certamente um grande dom de Deus, já que ele é a recompensa da fiel observância dos mandamentos de Deus: «Desejais a Sabedoria? Guarda os mandamentos e o Senhor dar-ta-á em profusão»²¹⁵. «Medita os preceitos do Senhor e ocupa-te continuamente com os seus mandamentos. Ele consolidará o teu coração e a Sabedoria que desejas ser-te-á dada»²¹⁶.

Com efeito, «a Sabedoria não entra numa alma perversa; ela não habitará num corpo sujeito ao pecado»²¹⁷.

É necessário que esse desejo da Sabedoria seja santo e sincero, acompanhado pelo fiel cumprimento dos mandamentos. Com efeito, há uma infinidade de insensatos e preguiçosos que têm milhares de desejos, ou antes, milhares de fantasias sobre o bem; uma vez que, porém,

²¹² Sab 6,11.

²¹³ Sab 6,13.

²¹⁴ Sab 6,20-21.

²¹⁵ Ecli 1,33.

²¹⁶ Ecli 6,37.

²¹⁷ Sab 1,4.

não se esforçam por se afastarem do pecado nem fazem qualquer violência contra si próprios, por isso, os seus desejos são ineficazes e enganadores, matam e conduzem à condenação: «O desejo do preguiçoso causa sua morte, porque suas mãos recusam o trabalho»²¹⁸. Com efeito, o Espírito Santo, o Mestre de toda a ciência, «foge da duplicidade, retira-se diante dos pensamentos sem sentido, e ofusca-se quando sobrevém a injustiça»²¹⁹.

III. EXEMPLOS DESSE DESEJO

183. A Salomão, que é o modelo que nos foi dado pelo Espírito Santo para alcançarmos a Sabedoria, não lhe foi concedida senão depois de a ter desejado, procurado e suplicado por muito tempo: «Supliquei, e inteligência me foi dada; invoquei, e o espírito da Sabedoria veio a mim...»²²⁰; «Eu a quis, rodeei-a desde a minha juventude, pretendi tomá-la como esposa, enamorado de sua formosura...»²²¹; «Andava eu por toda a parte a ver como tomá-la para mim»²²².

Para alcançarmos esse grande tesouro da Sabedoria, deveremos ser «homens de desejo», como Salomão e Daniel.

²¹⁸ Prov 21,25.

²¹⁹ Sab 1,5.

²²⁰ Sab 7,7.

²²¹ Sab 8,2.

²²² Sab 8,18.

SEGUNDO MEIO: ORAÇÃO CONTÍNUA

I. NECESSIDADE DA ORAÇÃO CONTÍNUA

184. Quanto maior for um dom de Deus, tanto mais difícil será alcançá-lo.

Quantas orações, portanto, e quão grandes esforços não será preciso fazer para se alcançar o dom da Sabedoria, que é o maior de todos os dons de Deus!

Ouçamos o que, a propósito, diz a própria Sabedoria: «*Pedi e dar-se-vos-á; procurai e encontrareis; batei e abrir-se-vos-á*»²²³. É como se dissesse: «*Quereis encontrar-me? Quereis entrar em meu palácio? Devereis suplicar-me. Ninguém me encontrará se não me procurar; ninguém entrará em minha casa, se não bater à minha porta; ninguém me alcançará se não me pedir. Tudo, enfim, se alcança pela oração.*»

A oração é o canal normal através do qual Deus comunica as suas graças, de maneira especial a Sabedoria. O mundo suplicou durante milhares de anos que se realizasse a encarnação da divina Sabedoria. Maria preparou-se com a oração, ao longo de 14 anos, para recebê-la em seu seio. Salomão só veio a recebê-la após a ter suplicado por muito tempo e com um fervor extraordinário: «*Ao me dar conta que somente a ganharia, se Deus ma concedesse..., dirigi-me*

²²³ Mt 7,7.

ao Senhor e rezei, dizendo de todo o meu coração»²²⁴: *Dá-me a Sabedoria contigo entronizada*²²⁵. «*Se alguém dentre vós tem falta de Sabedoria, peça-a a Deus, que a concede generosamente a todos, sem recriminações, e ela ser-lhe-á dada*»²²⁶.

Note-se, de passagem, que o Espírito Santo não diz: se alguém tem necessidade de caridade, de humildade, de paciência, etc., — que são também virtudes excelentes —, mas diz: «se alguém tem falta de Sabedoria...»; é que, pedindo a Sabedoria, já pedimos todas as virtudes que ela encerra.

Para alcançá-la é preciso, portanto, pedi-la. Mas como?

II. QUALIDADES QUE DEVERÁ TER A ORAÇÃO

185.

- 1) Em primeiro lugar é necessário pedir a Sabedoria com uma fé viva e perseverante, sem titubear: «*Peça-se com fé e sem hesitar*»²²⁷, já que, quem a pedir com fé vacilante, não deverá esperar obtê-la: «*Não pense, pois, receber o que quer que seja do Senhor aquele que tiver um espírito vacilante*»²²⁸.

²²⁴ Sab 8,21.

²²⁵ Sab 9,4.

²²⁶ Tgo 1,5.

²²⁷ Tgo 1,6.

²²⁸ Tgo 1,5-7.

186.

2) Em segundo lugar é necessário pedi-la com uma fé pura, sem necessidade de apoiar-se em consolações sensíveis, em visões ou revelações privadas. Ainda que tudo isso pudesse ser bom e verdadeiro — como aconteceu com alguns Santos — mas é sempre perigoso fiar-se nisso, e a fé será tanto menos pura e meritória quanto mais se apoiar nessas graças extraordinárias e sensíveis. O que o Espírito Santo nos diz das grandezas e das belezas da Sabedoria que Deus tem de no-las conceder, e os desejos que temos dela são motivos bastante fortes para nos fazer desejá-la e pedi-la a Deus com toda a fé e ardor possíveis.

187. A fé pura é o princípio e o efeito da Sabedoria na nossa alma: quanto maior for a fé e mais Sabedoria se terá; e quanto mais Sabedoria se tiver e tanto maior será a sua fé.

O justo — ou o sábio — vive apenas da fé²²⁹, sem ver, sem sentir, sem gostar e sem titubear. «Deus disse-o ou prometeu-o!»; eis aí a pedra fundamental de todas as suas orações e acções, embora lhe pareça natural que Deus não tenha olhos para ver a sua miséria, nem ouvidos para ouvir suas preces, nem braços para desbaratar seus inimigos, nem mãos para o socorrer; embora ele se veja atacado por

²²⁹ Cfr. Hab 2,4: «O justo viverá pela sua fé», pela «fidelidade». Também em Rom 1,17: «O justo viverá da fé».

distracções, dúvidas e trevas do espírito, por ilusões na imaginação, por desgostos e tédio no coração, por tristezas e agonias na alma.

O sábio não pede para ver coisas extraordinárias como os Santos viram, nem para experimentar doçuras sensíveis nas suas orações e outras práticas de piedade. Mas ele pede com fé a divina Sabedoria, e tem a certeza que lhe será concedida²³⁰, mais ainda do que se descesse um Anjo do Céu para lho assegurar, uma vez que Deus disse: «*Todo o que pede recebe*»²³¹.

Todos aqueles que pedem a Deus como se deve alcançam o que pedem: «*Se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo — o Espírito de Sabedoria — aos que o pedirem*»²³².

188.

3) Em terceiro lugar, será necessário pedir a Sabedoria com perseverança. Para se alcançar essa pérola preciosa e esse tesouro infinito será preciso recorrer a uma santa importunação junto de Deus, de contrário, jamais se alcançará.

Não deveremos fazer como tantas pessoas que, após terem suplicado a Deus alguma graça por um tempo considerável, talvez durante anos inteiros, e vendo que não são

²³⁰ Tgo 1,5-7.

²³¹ Lc 11,10.

²³² Lc 11,13.

atendidas, desencorajam-se e deixam de rezar, persuadidas de que Deus não as quer atender. E assim perdem o mérito das suas orações e fazem injúria a Deus que se compraz em dar e, de uma ou outra maneira, atende sempre as preces bem feitas.

Quem desejar, pois, alcançar a Sabedoria deverá pedi-la noite e dia, sem se cansar nem desfalecer. Feliz mil vezes será ele se vier a alcançá-la, após vinte ou trinta anos de súplicas, ou nem que seja apenas uma hora antes de morrer! E se vier a recebê-la após ter passado uma vida inteira a procurá-la, a pedi-la e merecê-la por toda a espécie de canseiras e cruces, pois fique sabendo que ela não lhe foi concedida por razões de justiça, como se fosse uma recompensa, mas unicamente por pura misericórdia, como sendo uma esmola.

189. Não, não, na verdade, não são as almas negligentes e inconstantes na oração e na procura que alcançarão a Sabedoria, mas sim aquelas que imitam aquele amigo que, de noite, vai bater à porta de um dos seus amigos, para lhe pedir três pães emprestados. Note-se que, nessa parábola ou nessa história, é a Sabedoria mesma a indicar o modo como pedi-la para alcançá-la.

O amigo bate à porta e pede quatro ou cinco vezes, e volta a bater e pedir com mais força e insistência, apesar de ser em circunstância fora de horas, quase meia-noite, e estando

o seu amigo já deitado e tendo até mesmo recusado atendê-lo por considerar o pedido impertinente e inoportuno. Porém, de tal maneira se sentiu importunado por aquela insistência que o amigo levantou-se, abriu-lhe a porta e deu-lhe tudo quanto tinha pedido²³³.

190. Eis como deveremos pedir a Sabedoria! E, agindo assim, mais cedo ou mais tarde, Deus — que quer ser importunado — levantar-se-á, abrir-nos-á a porta da sua misericórdia e dar-nos-á os três pães da Sabedoria: o pão da vida, o pão do entendimento e o pão dos Anjos.

Eis, a seguir, uma oração ditada pelo Espírito Santo para implorar a Sabedoria:

III. ORAÇÃO DE SALOMÃO PARA ALCANÇAR A SABEDORIA DIVINA

191.

- 1) *Deus dos Pais, Senhor de misericórdia, que tudo criaste com tua palavra;*
- 2) *e com a tua Sabedoria formaste o homem para dominar as criaturas que fizeste;*
- 3) *governar o mundo com justiça e santidade e exercer o julgamento com rectidão de vida;*
- 4) *dá-me a Sabedoria contigo entronizada e não me excludas do número de teus filhos;*

²³³ Cfr. Lc 11,5-8.

- 5) pois sou teu servo, filho da tua serva, homem frágil, de vida efémera, incapaz de compreender a justiça e as leis;
- 6) por mais perfeito que seja alguém entre os filhos dos homens, se lhe falta a Sabedoria que vem de ti, de nada valerá.

192.

- 9) Contigo está a Sabedoria que conhece tuas obras, estava presente quando fazias o mundo; ela sabe o que é agradável a teus olhos e o que é conforme aos teus mandamentos;
- 10) dos céus sagrados, envia-a, manda-a de teu trono de glória para que me assista nos trabalhos, ensinando-me o que te agrada;
- 11) e ela, que tudo sabe e compreende, prudentemente me guiará em minhas acções e me protegerá com a sua glória.
- 12) Minhas obras serão assim bem acolhidas, julgarei o teu povo com justiça, serei digno do trono de meu Pai;
- 13) pois, que homem conhece o desígnio de Deus? Quem pode imaginar a vontade do Senhor?
- 14) Os pensamentos dos mortais são tímidos e falíveis os nossos raciocínios;
- 15) um corpo corruptível pesa sobre a alma e a tenda de argila oprime a mente pensativa;
- 16) a custo conjecturamos as coisas terrestres, e com fadiga encontramos o que está à mão: mas quem poderá ir no encalço do que há nos céus?

- 17) Quem conhecerá tua vontade, se não lhe dás Sabedoria, enviando dos céus teu Santo Espírito?
- 18) Somente assim foram rectos os caminhos dos terrestres, e os homens aprenderam o que te agrada, e a Sabedoria os salvou²³⁴.

193. À oração dos lábios deveremos acrescentar a oração mental que ilumina o espírito, inflama o coração e torna a alma capaz de ouvir a voz da Sabedoria eterna, fá-la gostar das suas doçuras e possuir seus tesouros.

Para mim, não vejo nada mais poderoso para atrair para o nosso interior o Reino de Deus, a Sabedoria eterna, do que fazendo a ligação entre oração dos lábios e oração da mente, recitando o Santo Rosário, mas meditando os quinze mistérios que ele encerra.

²³⁴ Sab 9,1-6.9-18.

CAPÍTULO XVI

MEIOS PARA SE ALCANÇAR A DIVINA SABEDORIA

TERCEIRO MEIO: MORTIFICAÇÃO UNIVERSAL

I. NECESSIDADE DA MORTIFICAÇÃO

194. A Sabedoria, diz o Espírito Santo, não se encontra entre aqueles que vivem comodamente²³⁵, ou seja, entre aqueles que concedem às suas paixões e seus sentidos tudo o que eles pedem. Pois «os que vivem segundo a carne não podem agradar a Deus²³⁶. Na verdade, os desejos da carne são inimigos de Deus²³⁷. O espírito do Senhor não permanecerá indefinidamente no homem, pois o homem é carne²³⁸».

²³⁵ Job 28,12-13: «Mas a Sabedoria, donde provém? Onde está o lugar da inteligência? O homem não lhe conhece o caminho nem se encontra na terra dos mortais».

²³⁶ Rom 8,8.

²³⁷ Rom 8,7.

²³⁸ Gn 6,3.

«Os que são de Cristo Jesus — Sabedoria encarnada — crucificaram a carne com as suas paixões e apetites²³⁹; trazem sempre e por toda a parte em seus corpos a agonia de Jesus²⁴⁰; fazem a si mesmos uma violência contínua²⁴¹; carregam a cruz todos os dias²⁴²; enfim, estão mortos e sepultados em Cristo Jesus²⁴³.

Eis, pois, aí algumas palavras do Espírito Santo que revelam, mais claramente do que a luz do dia, que, para se alcançar a Sabedoria encarnada, Cristo Jesus, é necessário praticar a mortificação, a renúncia ao mundo e a nós mesmos.

195. Não se pense que a Sabedoria, que é mais pura do que os raios do sol, penetre numa alma e num corpo manchados pelos prazeres dos sentidos. Não se pense que ela conceda seu repouso, sua paz inefável, àqueles que amam as companhias e vaidades do mundo! «Ao vencedor darei do maná escondido»²⁴⁴; darei do meu maná somente àqueles que saírem vitoriosos do mundo e de si mesmos.

Essa amável soberana, apesar de, por sua luz infinita, conhecer e distinguir todas as coisas num instante, procura, porém, pessoas dignas

²³⁹ Gal 5,24.

²⁴⁰ 2 Cor 4,10.

²⁴¹ Cfr. Mt 11,12

²⁴² Cfr. Lc 9,23.

²⁴³ Cfr. Rom 6,8.4.

²⁴⁴ Ap 2,17.

dela: «Ela mesma vai à procura, por toda a parte, dos que a merecem»²⁴⁵. Ela procura porque, sendo o número desses tão reduzido, só muito dificilmente encontra alguns que sejam verdadeiramente desapegados do mundo, suficientemente interiores e mortificados e, portanto, dignos dela, dignos da sua pessoa, dos seus tesouros, da sua aliança com ela.

II. QUALIDADES DA MORTIFICAÇÃO

196. Para comunicar-se, a Sabedoria não pede uma mortificação a medias, uma mortificação de alguns dias, mas uma mortificação universal e contínua, corajosa e discreta.

Para se obter a Sabedoria é necessário:

197.

- 1) renunciar efectivamente aos bens do mundo, como fizeram os Apóstolos, os discípulos, os primeiros cristãos e os religiosos: é este o meio mais rápido, o melhor e mais seguro para se alcançar a Sabedoria; ou, pelo menos, dever-se-á desapegar o coração dos bens do mundo e possuí-los como se não se possuissem, sem cansar-se por alcançá-los, sem inquietar-se por conservá-los, sem impacientar-se

²⁴⁵ Sab 6,17.

ou lamentar-se por perdê-los, mas isto é bem difícil de pô-lo em prática.

198.

2) É necessário não ir atrás das modas exteriores dos mundanos no que diz respeito a vestidos, a móveis, casas, comida e a outros hábitos e actividades da vida: «*Não vos conformeis com este século*»²⁴⁶. Esta é uma prática bem mais necessária do que se possa imaginar.

199.

3) Não deveremos acreditar nem seguir as falsas máximas do mundo; nem pensar, falar ou agir como os mundanos. Estes têm uma doutrina tão contrária à da Sabedoria encarnada como as trevas são contrárias à luz, e a morte à vida. Examinem-se bem os seus sentimentos e palavras: eles pensam e dizem mal de todas as grandes verdades. É verdade que não mentem abertamente, mas disfarçam as suas mentiras sob a aparência da verdade; julgam que não estão a mentir, mas mentem. Geralmente não ensinam o pecado abertamente, mas tratam-no como sendo uma virtude, uma acção honesta, ou então, como sendo uma coisa indiferente e sem consequências. Nessa subtileza, que o mundo aprendeu do

²⁴⁶ Rom 12,2.

demónio para dissimular a fealdade do pecado e da mentira, consiste aquela malignidade de que fala S. João: «*O mundo inteiro está sob o poder do Maligno*»²⁴⁷, e isto, hoje, mais do que nunca.

200.

4) Dever-se-á evitar, tanto que possível, a companhia dos homens; e não apenas a dos mundanos é perigosa e nociva, mas até mesmo a das pessoas devotas, quando a companhia se torna inútil ou fazem perder tempo. Quem desejar tornar-se sábio e perfeito, deverá pôr em prática as três palavras de ouro que a Sabedoria dirigiu a S. Arsénio: «*Foge, esconde-te e cala*»²⁴⁸. Foge o quanto puderes da companhia dos homens, como fizeram os maiores santos: «*Os maiores santos evitavam o mais que podiam a companhia dos homens*»²⁴⁹. «A

²⁴⁷ 1 Jo 5,19.

²⁴⁸ Cfr. de Vitis Patrum III, Verba seniorum, n.º 190, PL 73,801.

²⁴⁹ Cfr. Imitação de Cristo, liv. 1, cap. 20 n.º 1: Este conselho de Montfort sobre a fuga do mundo e dos homens dever-se-á entender apenas em sentido evangélico e ascético, como empenhamento a viver a espiritualidade cristã do êxodo e do deserto e não como menos estima e menos amor pelos homens. Repare-se que Montfort trabalhou e viveu entre os homens, no meio do povo, acudindo a todas as suas necessidades. Mas, sempre que podia, recolhia-se no silêncio, longe do barulho, no deserto, retemperando forças para ir de novo semeá-las a favor dos mesmos homens.

vossa vida está escondida com Cristo em Deus»²⁵⁰.

Enfim, guarda silêncio com os homens, para dialogar com a Sabedoria; um homem silencioso é um homem sábio: «Aquele que se cala é tido por sábio»²⁵¹.

201.

5) Para alcançar a Sabedoria será preciso não só mortificar o corpo, sofrendo com paciência as doenças, as intempéries do tempo e os aborrecimentos que, em vida, lhe advêm das criaturas, mas, até mesmo, procurando-se algumas mortificações tais como jejuns, vigílias e outras austeridades dos santos penitentes.

É preciso ter coragem para isso, já que a carne é, por natureza, idólatra de si mesma, e o mundo rejeita e considera inúteis todas as mortificações do corpo. Quantas coisas não diz e faz ele para nos afastar do exercício das austeridades dos santos! Para cada um destes se escreveu, propositadamente: «o sábio, ou o santo, reduziu o seu corpo à servidão por meio de vigílias, jejuns, disciplinas, frio, pela nudez e por toda a

²⁵⁰ Col 3,3.

²⁵¹ Montfort recolhia-se frequentemente no silêncio do deserto. Foi-lhe muito querida, de modo particular, a Gruta de Mervent, no meio duma belíssima e imensa floresta na Vandeia, onde escreveu alguns dos seus maravilhosos cânticos.

espécie de austeridades, porque tinha feito com o corpo o seguinte pacto: de não lhe conceder neste mundo qualquer descanso...»²⁵²

O Espírito Santo diz que todos os santos aborreciam, até mesmo «as próprias roupas que vestiam, porque contaminadas pelo seu próprio corpo»²⁵³.

202.

6) Para que a mortificação exterior e voluntária seja boa, dever-se-á fazê-la acompanhar da mortificação da inteligência e da vontade, mediante a santa obediência. Sem obediência, toda a mortificação é manchada pela vontade própria, tornando-se, muitas vezes, mais do agrado do demónio do que de Deus. Por isso, não se deveria fazer nenhuma mortificação extraordinária sem pedir conselho. A Sabedoria coabita com o conselho: «Eu, a Sabedoria, habito com a prudência»²⁵⁴.

«Quem confia no seu bom senso é insensato»²⁵⁵. «O homem prudente age com discernimento»²⁵⁶.

²⁵² Breviário romano (antiga forma), na festa de S. Pedro de Alcântara, 19 de Outubro.

²⁵³ Jud 1,23.

²⁵⁴ Prov 8,12.

²⁵⁵ Prov 28,26.

²⁵⁶ Prov 13,16.

Quem não quiser vir a arrepender-se do que fez deverá pedir conselho a um homem sensato; é este um óptimo conselho que o Espírito Santo nos dá: «*Não faças nada sem te aconselhares: assim não te arrependerás dos teus actos*»²⁵⁷. *Pede conselho a toda a pessoa sensata*»²⁵⁸.

Com a obediência elimina-se o amor próprio, que tudo estraga; com a obediência até a menor coisa se torna meritória; evitam-se as ilusões diabólicas, vencem-se todos os inimigos e chega-se, com segurança, como que dormindo, ao porto da salvação²⁵⁹.

Tudo quanto acabo de dizer pode resumir-se neste precioso conselho:

«Deixa tudo», já que, encontrando Jesus Cristo, a Sabedoria encarnada, «*encontrarás tudo!*»²⁶⁰.

²⁵⁷ Ecli 32,19.

²⁵⁸ Tob 4,18.

²⁵⁹ «A obediência é... navegar sem correr perigo; é uma peregrinação que se efectua, dormindo» (S. João Clímaco). «A obediência conduz ao porto — no meio da tempestade. Dorme-se tranquilos navegando —, em cima desta barca» (Montfort, no Cântico: o mérito da obediência).

²⁶⁰ Imitação de Cristo, liv. III, Cap. 12, n.º 1.

CAPÍTULO XVII

MEIOS PARA SE ALCANÇAR A DIVINA SABEDORIA

QUARTO MEIO: UMA VERDADEIRA E TERNA DEVOÇÃO À SANTÍSSIMA VIRGEM

203. Eis agora, o maior dos meios e o mais maravilhoso de todos os segredos para se alcançar e conservar a divina Sabedoria: uma verdadeira e terna devoção à Santíssima Virgem²⁶¹.

I. NECESSIDADE DA VERDADEIRA DEVOÇÃO A MARIA

Jamais alguém, a não ser Maria, encontrou graça diante de Deus, para si mesma e para

²⁶¹ Na espiritualidade de S. Luís Maria este é um dos capítulos mais importantes; o *Segredo de Maria* e o *Tratado da Verdadeira Devoção* são o seu desenvolvimento paralelo: a devoção a Maria é o meio mais excelente e eficaz para se alcançar a união a Cristo Sabedoria.

todo o género humano; ninguém teve o poder de encarnar e dar à luz a Sabedoria eterna, a não ser Maria; e ninguém ainda hoje, a não ser ela, tem o poder, por virtude do Espírito Santo, de encarnar, por assim dizer, a Sabedoria, nos predestinados.

Os patriarcas, os profetas e os santos personagens do Antigo Testamento tinham gritado, tinham suspirado e pedido a encarnação da Sabedoria eterna; mas nenhum deles tinha podido merecê-la²⁶². Só Maria, pela sublimidade de suas virtudes, foi achada digna de alcançar o trono da Divindade e merecer esse bem infinito²⁶³.

Ela veio a tornar-se Mãe, Senhora e Trono da divina Sabedoria.

204. É Maria a digníssima Mãe da Sabedoria, porque a encarnou e a colocou no mundo como fruto de suas entranhas: «*E bendito é o fruto do teu ventre, Jesus*»²⁶⁴.

Assim, onde quer que esteja Jesus — no céu ou na terra, nos tabernáculos ou nos corações — poder-se-á sempre afirmar com verdade que Ele é fruto e obra de Maria, que só Maria é a árvore da vida e que Jesus é o seu único fruto.

Por isso, quem quiser trazer esse fruto maravilhoso no seu coração deverá trazer

²⁶² Cfr. o anterior número 104.

²⁶³ Cfr. S. Gregório Magno, in *librum primum Regum expositio*.

²⁶⁴ Lc 1,24; cfr. VD 33, 44, 77, 164, 218, 249, 261.

igualmente a árvore que o produziu. Quem quiser possuir Jesus deverá possuir Maria²⁶⁵.

205. Maria é Senhora da Sabedoria, não porque esteja ela acima da divina Sabedoria, verdadeiro Deus, ou que lhe seja igual — seria uma blasfêmia pensar ou afirmar isso —, mas porque Deus Filho, a Sabedoria eterna, submeteu-se perfeitamente a Maria, como sua Mãe; deu-lhe sobre si mesmo um incompreensível poder materno e natural, não apenas durante a vida terrena, mas também no céu, já que a glória não só não destrói a natureza, mas até a aperfeiçoa. Isso faz com que, no céu, Jesus seja mais do que nunca Filho de Maria, e Maria, mais do que nunca Mãe de Jesus²⁶⁶.

É nessa qualidade que Maria tem poder sobre Jesus e Ele, de certa maneira, é-lhe submisso, porque assim lhe agrada. Isto significa que Maria, em virtude de suas poderosas preces e graças à sua maternidade divina, obtém de Jesus tudo o que deseja, comunica-o a quem quer e gera-o, cada dia, nas almas que ela quer²⁶⁷.

206. Oh! Como é feliz a alma que caiu nas boas graças de Maria! Ela pode estar certa de alcançar de imediato a Sabedoria já que,

²⁶⁵ «Se quisermos ser cristãos, deveremos ser marianos» (Paulo VI, 24-4-1970).

²⁶⁶ VD 27, 29, 164-165.

²⁶⁷ VD 17, 27-28.

amando Maria aqueles que a amam²⁶⁸, comunica-lhes com generosidade os seus dons, sobretudo aquele bem infinito que em si encerra todos os outros: Jesus, o fruto de seu seio.

207. Se é verdade, portanto, afirmar que Maria é, de certa maneira, a Senhora da Sabedoria encarnada, que dizer do poder que Maria tem sobre todas as graças e dons de Deus, e da liberdade que ela goza de os distribuir por quem lhe apraz? Dizem os Santos Padres que Maria é o oceano imenso de todas as graças de Deus, o grande armazém de todos os seus bens, o tesouro inesgotável do Senhor e a tesoureira e dispenseira de todos os seus dons²⁶⁹.

Depois de ter entregue a Maria o seu próprio Filho, é vontade de Deus que tudo recebamos pelas mãos dela, e nenhum dom celestial deverá descer à Terra que não passe pelas mãos da Senhora, como que por um canal.

Tudo o que temos recebêmo-lo de sua plenitude. Se em nós há alguma graça, alguma esperança de Salvação, é um dom que nos vem de Deus através dela. Maria é de tal maneira senhora dos dons de Deus que dá a quem quer, quanto quer, quando e como quer, todas as graças de Deus, todas as virtudes de Jesus Cristo, todos os dons do Espírito Santo, todos os bens da natureza, da graça e da glória. São estes pensamentos e afirmações que nos vêm

²⁶⁸ Prov 8,17; «Eu amo aqueles que me amam».

²⁶⁹ VD 23-26; SM 9-10, 23.

dos Santos Padres, cujos textos, em latim, omito, para abreviar²⁷⁰.

Porém, sejam quais forem os dons que essa soberana e amável Princesa nos conceda, ela não se dará por inteiramente satisfeita enquanto não nos der a Sabedoria encarnada, Jesus, o seu próprio Filho; e, todos os dias, ela ocupa-se a procurar almas dignas da Sabedoria²⁷¹, a fim de comunicá-la às mesmas.

208. Além disso, Maria é o trono real da Sabedoria eterna. É nela que a Sabedoria manifesta as suas grandezas, ostenta os seus tesouros e encontra suas delícias. *E não há lugar no céu e na terra, onde a Sabedoria eterna revele tanta magnificência e se compraza tanto, como na incomparável Maria.* Por isso, os Santos Padres²⁷² a definem como Santuário da Divindade, repouso e encanto da Santíssima Trindade, trono de Deus, cidade de Deus, altar de Deus, templo de Deus, mundo de Deus e paraíso de Deus.

São esses atributos e louvores muito verdadeiros, em virtude das diferentes maravilhas que o Altíssimo realizou em Maria.

209. É, pois, por meio de Maria que podemos obter a Sabedoria.

²⁷⁰ Cfr. VD 26.

²⁷¹ Sab 6,16: «Ela mesma vai à procura de quantos são dignos dela».

²⁷² Cfr. VD 262.

Mas se, efectivamente, viermos a receber um dom tão grandioso como a Sabedoria, onde é que o acolheremos? Que casa, que lugar, que trono iremos dar a essa Princesa tão pura e tão resplendente que, em sua presença, até os raios do Sol não parecem senão lama e trevas?

Responder-me-ão, talvez que, o que a Sabedoria pede é somente o nosso coração e que é esse que deveremos dar-lhe, e é nele que a deveremos colocar.

210. Mas será que esquecemos, talvez, que o nosso coração está manchado, impuro, é carnal, cheio de mil e uma paixões e, por isso mesmo, indigno de receber um hóspede tão nobre e tão santo?²⁷³.

Ainda que tivéssemos cem mil corações como o nosso para os oferecermos à Sabedoria, para que lhe servisse de trono, ela teria sempre todo o direito de recusar a nossa oferta, de permanecer surda aos nossos pedidos, de acusar-nos até mesmo de temeridade e até insulto por pretender hospedá-la em lugar tão infestado e indigno de sua Majestade²⁷⁴.

211. Que fazer, então, para tornarmos o nosso coração digno dela?

²⁷³ VD 79, 81, 245, 213; SM 72-74.

²⁷⁴ O autor pretende simplesmente recordar a profunda miséria que as pessoas experimentam no seu dia a dia (GS 13), e sobre a qual resplende a graça vitoriosa de Cristo e a presença viva e operante de Maria que torna mais íntimo e mais fácil o encontro com Cristo.

Eis aqui o grande conselho, o segredo admirável: façamos entrar Maria em nossa casa²⁷⁵, consagrando-nos a ela sem qualquer reserva, na qualidade de seus servos e escravos!

Em suas mãos e em sua honra desapeguemo-nos de tudo o que nos é mais querido, nada reservando para nós; e essa bondosa Senhora, que nunca se deixou vencer em generosidade, entregar-se-á a nós duma maneira incompreensível, mas autêntica. A Sabedoria eterna virá morar nela como em seu trono real mais glorioso.

212. É Maria o íman sagrado que, onde quer que se encontre, atrai com tanta força a Sabedoria eterna que esta não pode resistir. Foi esse íman que a atraiu à terra em benefício de todos os homens e continua ainda a atraí-la, cada dia, em cada alma onde encontre Maria. Se conseguirmos introduzir Maria dentro de nós, facilmente e em pouco tempo, por seu intermédio, alcançaremos a divina Sabedoria.

Entre todos os meios para alcançarmos Jesus Cristo, Maria é o mais seguro, o mais fácil, o mais curto e o mais santo. Ainda que fizéssemos as penitências mais extraordinárias, ou empreendêssemos viagens muito penosas ou trabalhos muito fatigantes, ainda que chegássemos a derramar até mesmo o próprio

²⁷⁵ Cfr. Jo 19,27: «E desde aquela hora, o discípulo recebeu-a em sua casa».

sangue para alcançar a Sabedoria, se, em todos esses esforços, não entrasse a devoção e intercessão da Santíssima Virgem, pois eles tornar-se-iam inúteis e incapazes de no-la obter.

Porém, se Maria disser uma simples palavra em nosso favor, se em nós reinar o seu amor, se estivermos marcados com o sinal de seus fiéis servos, que andam pelos seus caminhos, pois teremos logo e sem fadiga a divina Sabedoria.

213. Maria não é apenas a mãe de Jesus, cabeça de todos os eleitos, mas é também a mãe de todos os seus membros: é ela, na verdade, que os engendra, carrega-os em seu seio e fá-los nascer para o mundo da glória, mediante as graças de Deus que ela lhes comunica.

É este o ensinamento dos Santos Padres, entre eles Santo Agostinho²⁷⁶, que diz que os eleitos estão no seio de Maria e que ela os dá à luz quando entram na glória. Além disso, foi a Maria que Deus ordenou que habitasse em Jacob, que tomasse Israel por sua herança e que lançasse raízes nos seus eleitos e predestinados²⁷⁷.

214. Destas verdades dever-se-á concluir:

- 1) em vão nos gloriamos de sermos filhos de Deus e discípulos da Sabedoria, se não formos filhos de Maria;

²⁷⁶ Cfr. VD 30-33.

²⁷⁷ Cfr. VD 29-36; SM 15.

- 2) para fazer parte do número dos eleitos, é necessário que Maria habite e lance raízes em nós, por uma terna e sincera devoção nossa a ela;

- 3) compete a Maria gerar-nos em Jesus e Jesus em nós, até à perfeição e plenitude total²⁷⁸, de maneira que, com mais verdade ainda de que S. Paulo, ela possa dizer de si mesma: «Filhinhos meus, por quem de novo sinto as dores de parto, até que Cristo seja formado em vós»²⁷⁹.

II. EM QUE CONSISTE

A VERDADEIRA DEVOÇÃO A MARIA

215. Se alguém, porventura, desejando tornar-se devoto de Maria, viesse a perguntar-me em que consiste a verdadeira devoção a Maria, pois eu responderia, em poucas palavras: *consiste numa grande estima pelas suas grandezas, numa grande gratidão pelos seus benefícios, num grande zelo pela sua glória, numa invocação contínua da sua ajuda, numa dependência total da sua autoridade e numa firme e terna confiança em sua bondade materna*²⁸⁰.

²⁷⁸ Cfr. Ef. 4,13: «até que cheguemos todos à unidade da fé e do conhecimento do filho de Deus, ao estado de homem perfeito, à medida da estatura completa de Cristo».

²⁷⁹ Gal 4,19. Cfr. VD 33, 218; SM 16-17, 56.

²⁸⁰ Cfr. VD 115-118; SM 25.

216. É preciso ter cuidado com as falsas devoções à Santíssima Virgem. O demónio serve-se delas para enganar e levar à condenação muitas almas. Não me deterei a descrevê-las. Limitar-me-ei a afirmar que a verdadeira devoção à Santíssima Virgem será sempre:

- *interior*, sem hipocrisia e sem superstição;
- *terna*, sem indiferença e sem escrúpulos;
- *perseverante*, sem mudanças nem infidelidades;
- *santa*, sem presunção nem exageros.

217. Dever-se-á também ter cuidado para não pertencer ao número dos devotos:

- *hipócritas*: a devoção destes está apenas nos lábios e no exterior;
- *críticos e escrupulosos*: estes têm medo de honrar a Senhora em demasia, e de desonrar o Filho só porque honram a Mãe;
- *indiferentes e interesseiros*: estes não têm um amor terno ou uma confiança filial na Santíssima Virgem e só recorrem a ela para pedir e conservar bens temporais;
- *inconstantes e superficiais*: são devotos da Santíssima Virgem apenas por capricho próprio e a intervalos, afastando-se do seu serviço logo na primeira tentação;
- *presunçosos*: estes, sob a capa de algumas devoções exteriores, escondem um coração corrompido pelo pecado; julgam que, devido a essas suas devoções, não morrerão sem se confessarem e que salvar-se-ão por mais pecados que cometam.

218. Não se deverá negligenciar de alistar-se nalguma confraria da Santíssima Virgem, especialmente na do Santo Rosário, cumprindo as obrigações das mesmas, que são muito santificantes.

219. Porém, a mais perfeita e a mais útil de todas as devoções à Santíssima Virgem consiste em consagrar-se inteiramente a ela e inteiramente a Jesus Cristo por meio dela, na qualidade de escravo, consagrando-lhe integral e perpetuamente o próprio corpo, a própria alma, os próprios bens interiores e exteriores, as satisfações e méritos das próprias boas obras e do direito de dispor delas; faz entrega, enfim, de todos os bens recebidos no passado, dos que se possuem no presente e dos que se vierem a possuir no futuro.

Uma vez que há por aí muitos livros que falam desta devoção, limitar-me-ei a referir que jamais encontrei uma prática de devoção à Santíssima Virgem que fosse tão sólida como esta, porque fundada no próprio exemplo de Jesus Cristo; é mais gloriosa para Deus, é mais salutar para a alma, mais terrível para os inimigos da nossa salvação, e é ainda mais doce e mais fácil.

220. Esta devoção, se for devidamente praticada, não apenas atrai Jesus Cristo, Sabedoria encarnada, a uma alma, mas também a guarda e a conserva nela até à morte.

Assim sendo, pergunto eu, de que nos servirá andar à procura de mil e um segredos e fazer mil e um esforços para alcançar o tesouro da Sabedoria se, depois de tê-la recebido, viermos a ter a desgraça de perdê-la pelas nossas infidelidades, como aconteceu a Salomão? Foi ele mais sábio do que jamais nós o seremos, portanto, mais forte e mais esclarecido; e, mesmo assim, ele foi enganado, foi vencido, e veio a cair no pecado e na insensatez, deixando todos os que vieram depois dele duplamente estupefactos, seja por causa das suas iluminações como das suas trevas, seja por causa da sua sabedoria como da loucura de seus pecados.

Se o seu exemplo e os seus livros encorajaram todos os seus descendentes a desejar e procurar a Sabedoria, poder-se-á afirmar que a sua queda ou, pelo menos, as interrogações mais que fundadas que provocaram, impediu uma infinidade de almas a empenharem-se na busca de algo, muito belo, de verdade, mas também muito fácil de vir a perdê-lo.

221. Para sermos, de certa forma, mais sábios do que Salomão, coloquemos, pois, nas mãos de Maria, tudo o que possuímos e o próprio tesouro dos tesouros, Jesus Cristo, a fim de que seja ela que no-lo guarde para nós. Somos vasos muito frágeis; não ponhamos nestes esse precioso tesouro e esse maná celestial. Temos muitos inimigos a rodear-nos, astutos e com vasta experiência; não nos fiemos na nossa

prudência e nas nossas forças. Temos experiências funestas devido à nossa inconstância e nossa superficialidade natural: desconfiemos, pois, da nossa sabedoria e do nosso fervor.

222. *Maria é sábia:* coloquemos tudo o que possuímos em suas mãos. Ela saberá dispor de nós e de tudo o que nos pertence para a maior glória de Deus.

Maria é caridosa: ama-nos na qualidade de filhos e servos. Ofereçamos-lhe, pois, tudo. Não perderemos nada, e ela fará com que tudo resulte em nosso proveito.

Maria é generosa: ela restitui mais do que aquilo que se lhe entrega. Dêmos-lhe, pois, tudo quanto possuímos, sem reserva alguma, e receberemos cem por um: por cem ovos, um boi — como diz o ditado.

Maria é poderosa: ninguém poderá arrebatá-lhe o que lhe fora confiado. Coloquemos-nos, pois, em suas mãos; ela defender-nos-á e far-nos-á vencer todos os nossos inimigos.

Maria é fiel: ela não deixará perder nem desviar nada do que lhe fora confiado. Ela é, por excelência, a Virgem fiel a Deus e aos homens. Guardou com fidelidade tudo quanto Deus lhe confiou, sem perder a menor coisa, e ainda hoje, todos os dias, ela guarda com particular carinho todos os que se colocaram inteiramente debaixo da sua protecção e tutela.

Confiemos, pois, todas as coisas à sua fidelidade; agarremo-nos a ela como a uma coluna que não pode ser derrubada, como a

uma âncora que não se pode desamarrar ou como à montanha de Sião, que não pode ser abalada²⁸¹.

Assim, por mais cegos, fracos e inconstantes que, por natureza, sejamos, e por numerosos e perigosos que sejam os nossos inimigos, jamais nos enganaremos, jamais nos extraviamos, e não viremos a ter a desventura de perder a graça de Deus e o tesouro infinito da Sabedoria eterna.

²⁸¹ Sal 125 (124), 1: «Os que confiam no Senhor são como o monte Sião que não vacila, permanece firme para sempre». Sal 46 (45), 5-6: «Um rio e os seus canais alegam a cidade de Deus, a mais santa entre as moradas do Altíssimo. Deus está no meio dela, não pode vacilar».

CONSAGRAÇÃO DE SI MESMO A JESUS CRISTO, SABEDORIA ENCARNADA, PELAS MÃOS DE MARIA

1.ª Parte
«Caminho
de Sabedoria»

223.

Ó Sabedoria

eterna e encarnada!

Ó amabilíssimo e Adorável Jesus,
Verdadeiro Deus e Verdadeiro
Homem,

Filho único do Pai Eterno
e de Maria sempre Virgem!

Adoro-Vos profundamente
no seio e nos esplendores
de Vosso Pai,
durante a eternidade,
e no seio virginal de Maria,
Vossa digníssima Mãe,
no tempo
da Vossa Encarnação.

Dou-Vos graças
por Vos terdes aniquilado

a Vós mesmo,
tomando a forma dum escravo²⁸²,
para me tirardes da cruel
escravidão do demónio.

Louvo e glorifico-Vos
por terdes querido submeter-Vos
a Maria,
Vossa santa Mãe,
em todas as coisas,
a fim de me tornar por Ela
Vosso fiel escravo.

* * *

2.^a Parte

«Caminho
de pobreza
evangélica»

Mas, ah!,
ingrato e infiel que eu sou,
não observei
os votos e promessas
que tão solenemente Vos fiz
no meu baptismo;
não cumpri as minhas obrigações;
não mereço ser chamado
Vosso filho nem Vosso escravo
e, como nada há em mim
que não mereça a
Vossa repulsa e a Vossa cólera,
não ousou mais,
por mim mesmo, aproximar-me
de Vossa santa e augusta Majes-
tade.

²⁸² Fil 2,7.

É, pois, por isso, que eu recorro
à intercessão
e à misericórdia
de Vossa santa Mãe,
que me destes
por Medianeira junto de Vós,
e é por intercessão d'Ela
que eu espero
obter de Vós
a contrição e o perdão
dos meus pecados,
a aquisição
e conservação
da Sabedoria.

* * *

3.^a Parte

«Caminho
de Maria»

224.

Saúdo-Vos, pois,
ó Maria Imaculada,
tabernáculo vivo da Divindade,
onde a Sabedoria eterna escondida
quer ser adorada
pelos Anjos e pelos homens.

Saúdo-Vos,
ó Rainha do Céu e da terra,
a cujo império está submisso,
tudo quanto está abaixo de Deus.

Saúdo-Vos,
ó Refúgio seguro dos pecadores,

cuja misericórdia
a ninguém jamais faltou;
atendei os desejos
que tenho da divina Sabedoria,
e recebei, para isso,
os votos e oferendas
que a minha baixeza
Vos apresenta.

* * *

4.^a Parte
«Caminho
de baptizados»

225.

*Eu..., pecador infiel,
renovo e ratifico
hoje, em Vossas mãos,
os votos de meu baptismo:
renuncio para sempre a Satanás,
às suas pompas e às suas obras,
e dou-me inteiramente
a Jesus Cristo, a Sabedoria encar-
nada,
para carregar a minha cruz atrás
de Si,
todos os dias da minha vida.*

*E, a fim de Lhe ser mais fiel
do que fui até aqui:*

*ESCOLHO-VOS, hoje, ó Maria,
na presença de toda a corte ce-
leste,
por minha Mãe e Senhora.
Entrego-Vos e consagro-Vos,
na qualidade de escravo,*

*o meu corpo e a minha alma,
os meus bens interiores e exte-
riores,
e o próprio valor das minhas boas
obras,
passadas, presentes e futuras,
deixando-Vos um inteiro e pleno
direito
de dispor de mim
e de tudo o que me pertence,
sem excepção alguma,
segundo o Vosso agrado,
para a maior glória de Deus,
no tempo e na eternidade.*

* * *

5.^a Parte
«Caminho
de Vida»

226.

*Recebei, ó Virgem benigna,
esta pequena oferenda da minha
escavidão,
em união e em honra da submis-
são
que a Sabedoria eterna quis ter
de vossa maternidade;
em homenagem ao poder que
ambos tendes sobre este pequeno
verme
e miserável pecador,
e em acção de graças pelos privi-
légios
com que a Santíssima Trindade
Vos favoreceu.*

Protesto que, doravante,
na qualidade de Vosso verdadeiro
escravo,
quero procurar a Vossa honra
e obedecer-Vos em tudo.

Ó Mãe admirável!,
apresentai-me ao Vosso querido
Filho,
na qualidade de escravo eterno,
a fim de que, tendo-me resgatado
por Vós,
por Vós me receba.

227.

Ó Mãe de misericórdia!,
alcançai-me a graça de obter
a verdadeira Sabedoria de Deus, e
de me colocar,
para isso, entre aqueles que amais,
que ensinais, que guiais,
que alimentais e protegeis
como Vossos filhos e escravos.

Ó Virgem fiel!,
tornai-me em todas as coisas
um tão perfeito discípulo,
imitador e escravo
da Sabedoria Encarnada,
Jesus Cristo, Vosso Filho,
que eu chegue,
por Vossa intercessão,
e a Vosso exemplo,

à plenitude da sua idade²⁸³ na terra
e da sua glória nos céus.

Assim seja!

* * *

Quem puder compreender, compreenda²⁸⁴!
Quem é sábio
para compreender estas coisas²⁸⁵?

²⁸³ Ef 4,13

²⁸⁴ Mt 19,12.

²⁸⁵ Os 14,10.

ÍNDICE

	Pág.
Apresentação	9
Introdução	
I. Oração à Sabedoria eterna	15
II. Avisos da divina Sabedoria aos príncipes e aos poderosos da Terra	17
III. Considerações do Autor	21
Cap. I Para amar e procurar a divina Sabedoria é necessário conhecê-la	25
Cap. II Origem e excelência da Sabedoria eterna	33
Cap. III Maravilhas do poder da Sabedoria divina na criação do mundo e do homem	43
Cap. IV Maravilhas da bondade e da misericórdia da Sabedoria eterna antes da sua encarnação	51
Cap. V A excelência maravilhosa da Sabedoria eterna	61
Cap. VI Os desejos intensos da divina Sabedoria em comunicar-se aos homens	71

Cap. VII	Escolha da verdadeira Sabedoria	81
Cap. VIII	Efeitos maravilhosos da Sabedoria eterna nas almas que a possuem.....	93
Cap. IX	Encarnação e vida da Sabedoria eterna	105
Cap. X	A beleza encantadora e a inefável doçura da Sabedoria encarnada	115
Cap. XI	A doçura no comportamento da Sabedoria encarnada	123
Cap. XII	Principais oráculos da Sabedoria encarnada em que é preciso acreditar e observar para nos salvarmos	129
Cap. XIII	Resumo dos sofrimentos inauditos que a Sabedoria encarnada quis padecer por nosso amor	141
Cap. XIV	O triunfo da Sabedoria eterna na Cruz e pela Cruz	151
Cap. XV	Meios para se alcançar a divina Sabedoria.....	167
	(<i>Primeiro Meio</i> : Um desejo ardente) ...	167
	(<i>Segundo Meio</i> : Oração contínua)	170
Cap. XVI	Meios para se alcançar a divina Sabedoria.....	179
	(<i>Terceiro Meio</i> : Mortificação universal)	179
Cap. XVII	Meios para se alcançar a divina Sabedoria.....	187
	(<i>Quarto Meio</i> : Uma verdadeira e terna devoção à Santíssima Virgem)	187
Consagração de si mesmo a Jesus Cristo, Sabedoria encarnada, pelas mãos de Maria		201

Execução gráfica:
Tipografia Camões

